

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**

**PUC-SP**

**Maria Teresa Corbucci Caldeira Nasi**

**Representação da imagem do medo em crianças de 6 a 11 anos**

**PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM PSICOLOGIA CLÍNICA**

**NÚCLEO DE ESTUDOS JUNGUIANOS**

**SÃO PAULO**

**2016**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**

**Maria Teresa Corbucci Caldeira Nasi**

**Representação da imagem do medo em crianças de 6 a 11 anos**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre no Núcleo de Estudos Junguianos do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ceres Alves de Araujo

**São Paulo**

**2016**

**Banca Examinadora**

---

---

---

À minha mãe, que contava histórias e oferecia um colo amoroso e acolhedor para espantar os meus medos. Você será sempre o arco-íris em minhas nuvens.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Ceres querida, orientadora de muitos caminhos. Seu brilhantismo profissional reflete a pessoa especial que é: generosa, acolhedora, gentil e inspiradora de um feminino delicado e elegante, transmitindo-nos sempre conhecimentos de vanguarda. Agradeço pela oportunidade de poder aprender tanto nesses caminhos e por sua acolhida tão carinhosa e encorajadora durante toda minha pesquisa.

Agradeço ao Sándor, que apontou para os caminhos junguianos e possibilitou que eu descobrisse entre sonhos, memórias, toques sutis e reflexões "o precioso" que está contido no avesso das coisas.

Aos professores da banca; agradeço ao Francisco Assumpção, que em suas aulas, sempre inteligentes e brilhantes, entre o susto e a admiração, me ensinou que a ignorância deve ser instigada para dar espaço ao conhecimento. Obrigada pela colaboração valiosa na elaboração das categorias para análise da pesquisa. À Edna Kahhale, agradeço por ter "quantificado" para nós os temas da metodologia importantes para a nossa pesquisa e traduzidos "qualitativamente" em aulas sempre tão competentes e esclarecedoras.

Aos professores do curso, em especial à Liliana Wahba: sua dedicação à Psicologia Analítica nos contagia e nos presenteia com uma bibliografia sempre muito atual e exemplar. Obrigada pelo afeto e pelo incentivo à minha pesquisa. Ao Durval de Faria, agradeço pelas aulas instrutivas e culturais.

Ao Pedro, companheiro de vida, agradeço por me proporcionar o entendimento de que quando na vida se perde um pedaço do telhado, ganhamos a possibilidade de enxergar as estrelas. E que podemos perder o que não queríamos, mas podemos ganhar o que não havíamos imaginado.

Ao meu filho Pedro, que me iniciou nos mistérios de ser mãe. Agradeço sua ajuda amorosa e seu acolhimento generoso na vida e na pesquisa, contribuindo

com sua inteligência sempre competente, na busca da palavra certa ou na melhor compreensão do texto. Sua competência me enche de orgulho e me inspira a seguir adiante.

Ao meu filho Lucas, que me fez sentir que no meu coração de mãe sempre cabe mais um! Agradeço por sua sensibilidade amorosa, sempre pronta para acolher e apoiar, tanto na vida quanto na pesquisa. Poder conviver com sua ousadia de realizar seus sonhos me inspira a fazer o mesmo; agradeço também pela ajuda paciente para resolver as dificuldades informáticas.

A todos os meus irmãos, Sergio, Marco, Marcelo, Clóvis, Guta e suas famílias, agradeço por fazer parte desse ninho tão aconchegante e acolhedor, tanto para comemorar grandes alegrias quanto para ultrapassar os momentos difíceis.

À Guta, agradeço por compartilhar desse coração tão generoso e incansável no seu amor. Obrigada, sua luz ilumina meus caminhos. Ao Marco, obrigada por trazer a estética e o colorido aos meus gráficos e desenhos! Ao Tomás, menino poeta, que trouxe à minha pesquisa a beleza das palavras sensíveis colocadas na ordem certa para traduzir o essencial. Ao João Antônio e Marcelo, marceneiros da arte, obrigada por marcarem na madeira os medos das crianças e os transformarem na brincadeira do "era uma vez..."

À Ana Rios, grande amiga de tantos anos e muitas trilhas partilhadas. Agradeço profundamente pelo incentivo que abriu novos caminhos e por ter se disposto a percorrê-los ao meu lado. Muito obrigada pela acolhida sempre tão amorosa.

Às minhas amigas queridas, todas têm um fio brilhante e colorido no tecido das minhas histórias e memórias tatuadas dentro de mim. Obrigada Leda, Anita, Gina e Ana Carolina, amigas irmãs do consultório. À Fabia, amiga querida e companheira de todas as horas, obrigada pelo carinho. À Fatima Agostinho, amiga de toda vida, obrigada por dar muita força sempre! A todas minhas amigas, que para respeitar o espaço não posso agradecer nominalmente, sintam minha eterna gratidão.

Aos colegas do curso, obrigada pela companhia compartilhada, pelas risadas e conversas divertidas e pelas trocas enriquecedoras de experiências e informações.

Às minhas queridas “mosqueteiras” Áurea e Milena, e à Carla, do grupo de orientação. Obrigada pelo carinho, incentivo, pelas trocas valiosas e pelos momentos gostosos e divertidos, que se transformaram em amizades que levarei comigo.

À Yara Castro, agradeço a colaboração no levantamento estatístico. À Liane Pilon, sempre tão gentilmente disponível para tirar minhas dúvidas, agradeço pelo trabalho competente e eficiente nas revisões dos textos. À Nilda do Scientific Post, e em especial à Taynara, agradeço o carinho no atendimento e a eficiência dos seus trabalhos.

Às crianças que se dispuseram a desenhar e a colaborar com meus estudos e as crianças que me dão o privilégio de acompanhá-las nas suas trajetórias.

A todos vocês, minha eterna gratidão!

## **RESUMO**

NASI, M. T. C. C. **A representação da imagem do medo em crianças de 6 a 11 anos.** 2016. 185 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

Este trabalho teve como objetivo compreender como o medo evolui com o desenvolvimento em crianças de 6 a 11 anos, sob o enfoque teórico da Psicologia Analítica. Pesquisa-se quais os símbolos produzidos pela psique das crianças nas diferentes manifestações do medo. Os participantes foram 198 crianças de escolas do município de São Paulo. O instrumento utilizado na coleta de dados foi um desenho, pedido às crianças, acompanhado da pergunta: "O que dá medo para você?" Na entrega do desenho, foi perguntado: "O que você desenhou e por que isso causa medo?" Os desenhos das crianças foram estudados em relação a seu desenvolvimento, gênero, idade, ambiente social e o tipo de escola (pública ou particular). A pesquisa caracterizou-se como uma investigação de ordem quantitativa, a partir da qual foram estabelecidas três categorias para análise: Seres e Situações Concretas, Seres Fantásticos e Sobrenaturais e Imaginário e Projeções do Futuro. Os dados obtidos foram submetidos à análise simbólica por meio do método construtivo de amplificação simbólica de Jung. Os resultados indicaram que os medos apareceram de maneira distinta, variando de acordo com o gênero, idade e tipo de escola. Nas categorias Seres e Situações Concretas e Seres Fantásticos e Sobrenaturais, observou-se que houve uma diminuição do número de desenhos de acordo com a idade. Porém, na categoria Imaginário e Projeções do Futuro, as crianças aumentam a produção dos desenhos.

**Indicadores:** Medo, desenvolvimento infantil, Jung, desenho, imagem simbólica.

## **ABSTRACT**

NASI, M. T. C. C. **The representation of the image of the fear on children with 6 to 11 years old.** 2016. 185 p. Dissertation (Masters in Psychology) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

The aim of this work is to study how fear evolves through development on 6 to 11 years old children from an Analytical Psychology theoretical perspective. This work surveys the symbols generated by the psyche of children on the different expressions of fear. The participants were 198 children from schools located in the city of São Paulo. The instrument used in the data collection was a drawing, requested to the children with the question: "What makes you feel fear?". Upon receipt of the drawing, the following question was made: "What did you draw and why does it make you feel fear?". The drawings were studied with respect to the children's development, gender, age, social environment and type of school (public or private). This work is characterized as a survey of a quantitative nature, out of which three distinct classes for analysis were established: Creatures and Real Situations, Fantastic and Supernatural Creatures and Imaginary and Future Projections. The collected data were subject to a symbolic analysis through Jung's symbolic amplification constructive method. Results indicate that fears appear on a distinct manner, varying according to gender, age and type of school. In the classes Creatures and Real Situations and Fantastic and Supernatural Creatures, a decrease in the number of drawings was observed according to the respective age. However, in the Imaginary and Future Projections class, children increase the number of drawings.

**Key words:** fear, child development, Jung, drawing, symbolic image.

# SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>12</b>
<b>2. A EXPANSÃO DA CONSCIÊNCIA E O MEDO</b>	<b>23</b>
2.1 ANATOMIA E CIRCUITO DO MEDO	32
<b>3. DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL DA CRIANÇA E O MEDO</b>	<b>38</b>
<b>4. DESENHO COMO TÉCNICA PROJETIVA</b>	<b>47</b>
<b>5. OBJETIVOS</b>	<b>56</b>
5.1 OBJETIVO	56
5.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	56
<b>6. MÉTODO</b>	<b>57</b>
6.1 CARACTERÍSTICAS DO ESTUDO	57
6.2 HIPÓTESE	57
6.3 PARTICIPANTES	58
6.4 INSTRUMENTOS	58
6.5 PROCEDIMENTOS	59
6.5.1 LOCAL DA COLETA DE DADOS	59
6.5.2 APLICAÇÃO DOS INSTRUMENTOS	59
6.6 TRATAMENTO DOS DADOS	60
6.7 CUIDADOS ÉTICOS	61
6.7.1 PARECER SOBRE O PROJETO	61
6.7.2 TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	61
6.7.3 TERMO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR	62
6.7.4 DEVOLUTIVA	62
<b>7. RESULTADOS E DISCUSSÃO</b>	<b>63</b>
7.1 CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA	64
7.1.1 PARTICIPANTES	64
7.1.2 NÚMERO DE DESENHOS	67
7.2 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS DAS CATEGORIAS DAS IMAGENS DO MEDO	70
7.2.1 SERES E SITUAÇÕES CONCRETAS	79
7.2.1.1 Medo de Animais	83
7.2.1.2 Medo de Pessoas	88
7.2.2 SERES FANTÁSTICOS E SOBRENATURAIS	91

7.2.3 IMAGINÁRIO E PROJEÇÕES DO FUTURO	97
<b>7.3 SÍNTESE</b>	<b>103</b>
<b>7.4. SIMBOLISMO DAS IMAGENS DO MEDO</b>	<b>105</b>
7.4.1 SERES E SITUAÇÕES CONCRETAS	106
7.4.1.1 Medo de Animais	106
7.4.1.2 Medo de Pessoas	128
7.4.2 SERES FANTÁSTICOS E SOBRENATURAIS	131
7.4.2.1 Monstros	131
7.4.2.2 Fantasmas	138
7.4.2.3 Espíritos, zumbis, vampiros e mortos-vivos	141
7.4.2.4 ETs	144
7.4.3 IMAGINÁRIO E PROJEÇÕES DO FUTURO	146
7.4.3.1 Morte	146
7.4.3.2 Acidentes	151
7.4.3.3 Abandono	154
7.4.3.4 Medo do Futuro	156
<b>8. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>161</b>
<b>9. REFERÊNCIAS</b>	<b>170</b>
<b>10. ANEXOS</b>	<b>177</b>
<b>ANEXO A</b>	<b>177</b>
<b>ANEXO B</b>	<b>178</b>
<b>ANEXO C</b>	<b>179</b>

# 1. INTRODUÇÃO

*Tenho medo de quase tudo, dos bichos da natureza, fantasma, zumbi e ladrão.  
Tenho medo dessas coisas me matarem, por isso tenho meu próprio kit: arco,  
flecha, lança e pau quebra tudo*

Menino de nove anos

Este estudo se propõe a investigar a representação e a evolução do medo no desenvolvimento infantil. A pesquisa dessa representação pretende verificar quais imagens do medo são apresentadas pelas crianças e sua configuração simbólica no desenvolvimento da psique. O tema mostra-se relevante, considerando que o medo, característica da vida humana comum em todas as faixas etárias, é uma emoção fundamental para a autopreservação. A emoção do medo como indicadora do perigo e necessária para a sobrevivência é sentida não apenas pelos seres humanos, mas também pelos animais.

O repertório das emoções e suas variações são indicadores da complexidade do sistema nervoso que varia de um animal mais limitado para um mais complexo. Com a evolução, as manifestações do medo foram transformando-se e acompanhando o desenvolvimento dos seres humanos e das sociedades.

Os povos primitivos eram oprimidos por seus medos e viam as forças da natureza como seres animados, deuses, demônios e bons e maus espíritos e, assim, antropomorfizavam a natureza.

Na sociedade contemporânea, passível de tantas transformações, outros medos surgem, amedrontando crianças e adultos. Os medos experimentados pelo ser humano são inúmeros, desde os que povoam o universo e os sonhos das crianças – como monstros, animais ameaçadores, figuras do mal, abandono, assaltos, acidentes e a perda da conexão virtual – até quando caminhamos pelas ruas expostos à violência urbana, nas moradias em condomínios fechados e vigiados e nos carros blindados e escurecidos. Há também os medos causados por atos de terrorismo, assaltos, assassinatos, catástrofes naturais e mudanças econômicas e tecnológicas. Tememos o

desemprego, a falta de ascensão na hierarquia social, a exclusão, a rejeição amorosa, as doenças e a velhice.

São temerosas as forças destrutivas na relação com o outro, quando este mostra sua malignidade, inerente ao ser humano, ou quando privilegia o individualismo, afrouxando as ligações coletivas da solidariedade. Também é temeroso o medo inevitável da morte, do invisível que espreita a vida interna e subjetiva do ser humano.

A história do medo na sociedade ocidental foi objeto de estudo do pensador Delameau (1978), quando relata que, no século XVI, as cidades eram protegidas por pontes elevadiças sobre um fosso e as entradas eram dificultadas por sucessivas portas, pois todo estrangeiro que chegasse a uma cidade representava um perigo e era considerado suspeito, sobretudo à noite. A sensação do medo vinha carregada de vergonha. Por um longo tempo, a tendência de camuflar as reações naturais que acompanham a tomada de consciência de um perigo eram encobertas por falsas aparências de atitudes heroicas.

O arquétipo do cavaleiro sem medo era enaltecido ante uma população considerada sem coragem. Os homens de poder oprimiam os homens do povo, que, com medo de serem destruídos, trabalhavam em um regime de escravidão e sofrimento. A falta de coragem era associada à miséria e a valentia dos heróis que governavam as cidades era exaltada.

Propondo-se a uma reflexão sobre o medo no passado e no presente em suas diversas faces, Yi-Fu (2005), estudioso de temas humanistas, evidencia a universalidade do medo e usa a expressão "paisagens do medo", um termo que tem sido usado desde o século XVI para explorar essa emoção. Paisagens do medo são definidas por ele como:

As quase infinitas manifestações das forças do caos, naturais e humanas. Sendo forças que produzem caos onipresentes, as tentativas humanas para controlá-las são também onipresentes, de certa forma, toda construção humana, mental ou material é um componente na paisagem do medo, porque existe para controlar o caos. (YI-FU, 2005, p. 12)

Analisando o medo na sociedade atual, Bauman (2008), sociólogo e pensador contemporâneo, afirma que o poder da tecnologia, a globalização crescente e a melhoria da qualidade do bem-estar não impedem que o ser humano viva em constante ansiedade. O autor cunhou a expressão "modernidade líquida", propondo um momento em que os tempos são líquidos, voláteis, fluem e mudam rapidamente. Por outro lado, a modernidade sólida apresentava um conjunto estável de valores, modos de vida cultural e política.

Fazendo um inventário dos medos presentes, Bauman (2008) conclui que:

O medo é mais assustador quando difuso, disperso, indistinto, desvinculado, desancorado, flutuante, sem endereço nem motivos claros; quando nos assombra sem que haja uma explicação visível, quando a ameaça que devemos temer pode ser vislumbrada em toda parte, mas em lugar nenhum se pode vê-la. Medo é o nome que damos à nossa incerteza; nossa ignorância da ameaça e do que deve ser feito, do que pode e do que não pode, para fazê-la parar ou enfrentá-la, se cessá-la estiver além do nosso alcance. [...] O medo original, endêmico, a encarnação do desconhecido é o medo da morte. E dentre todos os desconhecidos, é o único total e verdadeiramente incognoscível. (BAUMAN, 2008, p. 8)

Entretanto, apesar de o medo se apresentar de inúmeras maneiras, em geral, produz duas sensações amedrontadoras: "Uma é o medo do colapso iminente do seu mundo e a aproximação da morte, a rendição final da integridade ao caos. A outra é a desgraça personificada, a sensação de que a força é hostil e possui vontades." (YI-FU, 2005, p. 14).

Na perspectiva da Psicologia Analítica, segundo Jung (2013e), tais imagens do medo, que surgem por meio das vivências e fantasias, são símbolos trazidos pelo inconsciente coletivo, que é a parte estrutural da psique, comum a toda a humanidade. O inconsciente coletivo é composto por arquétipos que são campos de significado originalmente vazios de conteúdo, que vão sendo preenchidos por imagens ao longo da vida, funcionando como determinantes psicológicos.

A *persona*, um arquétipo que representa a maneira como o indivíduo se coloca no mundo, está relacionada à vida social e é a proteção utilizada nas relações sociais, com a função de fazer a mediação entre o ego e o mundo externo. À medida que o ego vai se estruturando, a *persona* vai se adaptando ao contexto social e todos os conteúdos que foram temidos e indesejados vão para a sombra.

O medo está associado ao arquétipo da sombra, que representa os conteúdos desconhecidos e sentimentos e comportamentos que não são aceitos e, como tal, são percebidos como temerosos e ameaçadores. O medo desperta para a experiência do enfrentamento, na busca de uma nova configuração, favorecendo a ampliação da consciência.

Para Jung, a consciência é a sede do conhecimento e o impulso para o conhecimento é inerente ao ser humano. A origem da consciência na Psicologia Analítica é arquetípica; portanto, a origem da busca do conhecimento é arquetípica. Jung (2013e) entende por consciência todos os conteúdos que passam pelo eu; aqueles que não forem compreendidos pelo eu são considerados inconscientes.

A consciência é a função ou a atividade que mantém a relação dos conteúdos psíquicos com o eu. Consciência não é a mesma coisa que **psique**, pois a psique representa o conjunto de todos os conteúdos psíquicos; estes não estão todos necessariamente vinculados ao eu, isto é, relacionados de tal forma com o eu que lhes caiba a qualidade de conscientes. (JUNG, 2013e, p. 440)

O ego, centro do campo da consciência, tem a função de confrontar os conteúdos contidos na sombra, e mediante esse processo o indivíduo passa a tomar consciência dos seus medos, ou seja, dos conteúdos que foram negligenciados, estabelecendo uma mediação entre o inconsciente e consciente.

O confronto dialético entre ego e inconsciente e entre sombra e *persona*, proporciona a integração dos opostos. A consciência faz a diferenciação dos opostos. Quanto mais diferenciada a consciência, maior o reconhecimento de si mesmo, favorecendo a integração das polaridades e possibilitando o relacionamento do ego com o *Self*, que é a totalidade psíquica.

Do ponto de vista da psicologia junguiana, os afetos são chamados de complexos de tonalidade afetiva.

Uma existência psíquica só pode ser reconhecida pela presença de **conteúdos capazes de serem conscientizados**. Só podemos falar, portanto, de um consciente na medida em que comprovarmos os seus conteúdos. Os conteúdos do inconsciente pessoal são principalmente **os complexos de tonalidade emocional**, que constituem a intimidade pessoal da vida anímica. (JUNG, 2013e, p. 12)

[...] A consciência só pode existir através do permanente reconhecimento do inconsciente: toda vida tem que passar por muitas mortes. A provocação do conflito é uma virtude luciferiana, no sentido próprio da palavra. O conflito gera o fogo através dos afetos e emoções e, como todo fogo, este também tem dois aspectos, ou seja, o da combustão e o da geração da luz. A emoção é por um lado o fogo alquímico, cujo calor traz à existência e queima todo o supérfluo (*omnes superfluitates comburit*). Por outro lado, a emoção é aquele momento em que o aço ao golpear a pedra produz uma faísca: emoção é a fonte principal de tomada de consciência. Não há transformação de escuridão em luz, nem de inércia em movimento sem emoção. (JUNG, 2013e, p. 102)

Haule (2011), analista junguiano, fazendo uma revisão da história da consciência, associa o medo ao nascimento da consciência. O medo é uma emoção atávica que surge no decorrer da evolução dos seres humanos. O medo é constitutivo da natureza, na qual os rituais e as narrativas míticas e coletivas colaboram na vida diária para colocar ordem social e propiciar a expansão da consciência. Essa análise sustenta a teoria do inconsciente coletivo de Jung e apoia sua afirmação de que a procura do conhecimento é inerente ao ser humano, que busca o controle por meio do desenvolvimento do ego. Segundo o autor, desde o período neolítico, o desenvolvimento da consciência passa por etapas de crescimento para alcançar a individualidade.

Ao longo do seu crescimento, a criança precisa afastar-se do coletivo e ir em busca de autonomia e diferenciação do eu. Nesse afastamento, surgem perigos reais ou imaginários, fazendo com que a criança vivencie riscos e, embora ela adquira mais autonomia, se conscientize mais dos perigos. A maneira como os cuidadores lidam com as necessidades e expressões de afeto da criança, desde as primeiras relações até a influência do ambiente, desempenha um papel fundamental na regulação das emoções.

As pesquisas da Neurobiologia contribuíram para a ampliação do conhecimento sobre o processamento, regulação e modulação das emoções e afirmam que as experiências relacionais de afeto geram o desenvolvimento do cérebro.

Schore (2008), pesquisador no campo da Neuropsicologia, afirma que a interpretação atual da Neurobiologia na teoria do apego proporcionou a compreensão de que o apego, mais do que uma teoria de interação baseada na segurança e no apego seguro, é a matriz essencial para a construção e modulação do hemisfério cerebral direito, que estabelece padrões de autorregulação das emoções. Assim, as experiências de apego, desde os primeiros vínculos afetivos, são fundamentais para a criança construir um modelo representacional interno de si mesma, dependendo de como foram os cuidados recebidos. O modelo internalizado terá um impacto significativo em suas relações de apego, ao longo da sua vida.

Knox (2003), analista junguiana, em seus estudos que relacionam a Psicologia analítica e a Neurobiologia, afirma que a memória implícita forma a base para padrões implícitos de relacionamentos, que podem ser entendidos como o conceito de complexo de Jung, ou seja, padrões inconscientes de funcionamento autônomos. Reanalizando o conceito de arquétipo sob a ótica da pesquisa desenvolvimentista, a autora propõe que os arquétipos são esquemas de imagem, o primeiro estágio de um processo por meio do qual o cérebro, de forma constante, separa e classifica informações sensoriais em categorias conceituais com significado. Os genes atuam como catalizadores, transmitindo componentes inatos. As estruturas inatas não contêm conteúdos simbólicos, mas são sequências de respostas de estímulos, processadas no nível subcortical, que asseguram que a atenção da criança seja direcionada para aspectos essenciais do seu ambiente e fundamentais para seu desenvolvimento físico e psicológico.

Considerando que os afetos primários são memórias ancestrais que nos ajudaram a sobreviver, Panksepp e Biven (2012), pesquisadores da Neurobiologia, propõem que as regiões subcortical do cérebro mamífero

tenham ao menos sete sistemas emocionais ou afetivos, entre eles o medo. Cada um desses sistemas controla tipos diferentes e específicos de comportamentos associados a mudanças fisiológicas.

Com um enfoque que pode ser considerado complementar, Siegel (1999), psiquiatra e pesquisador, em seus estudos, mostra a interligação do cérebro com o meio social, acentuando a importância do contato com o outro. Explora as formas como os relacionamentos interpessoais influenciam o desenvolvimento geneticamente programado da mente humana. As relações afetivas compartilhadas pela criança e seus cuidadores e a maneira como são manifestadas atuam no desenvolvimento do cérebro e ajudam as crianças a organizarem seus próprios processos mentais. A expressão facial, o tom de voz e os movimentos para a reação em que a emoção é comunicada são essenciais para as mensagens emocionais. O autor, com essas proposições, enfatiza o conceito fundamental de Jung, que estabelece, na relação dialética com o outro, o ponto essencial do desenvolvimento da psique.

Damásio (2011), neurocientista e pesquisador dos fenômenos da consciência, utilizando-se da Neurobiologia para a compreensão das emoções, de suas funções simbólicas e de que maneira tais funções são construídas, supõe pontes ligando a emoção e a consciência. Salienta que a capacidade do corpo para sentir estímulos e reagir aos seus próprios processos é o ponto fundamental para a compreensão da consciência.

O substrato para a representação de emoções é um conjunto de disposições neurais em várias regiões do cérebro localizadas principalmente nos núcleos subcorticais do tronco cerebral, no hipotálamo, no prosencéfalo basal e na amígdala. [...] Supondo que todas as estruturas apropriadas estejam no seu lugar, os processos examinados permitem a um organismo ter uma emoção. [...] Para um organismo saber que tem um sentimento, é necessário acrescentar o processo da consciência aos processos de emoção e sentimento. (DAMÁSIO, 2011, p. 109,111)

O autor enfatiza que a mente e o corpo são manifestações de um mesmo organismo e que as emoções e sentimentos constituem as estruturas para a mente. Assim, reafirma o postulado de Jung quando diz que: "A emoção é a

fonte principal da tomada de consciência" (JUNG, 2013e, p. 102). O papel do corpo enfatizado por Damásio também é essencial na psicologia junguiana: é ele que expressa o que se passa na mente. As imagens e símbolos que são trazidos à consciência existem por meio do corpo.

Os processos inconscientes, segundo Jung (2011e), não podem ser observados diretamente, mas por meio dos símbolos, que fazem a ligação entre o inconsciente e a consciência. O símbolo é a melhor expressão escolhida para representar algo que é desconhecido. "O símbolo é vivo só quando é para o observador a expressão melhor e mais plena possível do pressentido e ainda não consciente". (JUNG, 2011e, p. 489). Os processos projetivos, como o desenho, são instrumentos usados na Psicologia Analítica para favorecer o conhecimento e a ampliação dos conteúdos inconscientes contidos nos símbolos. Os desenhos são utilizados como recurso para captar esse material simbólico na pesquisa em psicologia junguiana.

Jung (1985), ao considerar o significado da obra de arte, salienta que o processo criativo compreende a ativação inconsciente do arquétipo. As obras dos artistas – e aqui podemos considerar os desenhos das crianças – transcrevem os conteúdos inconscientes em suas expressões criativas e mantêm o diálogo entre a consciência e o inconsciente. O autor afirma que o significado social da obra de arte "[...] traz à tona aquelas formas das quais a época mais necessita" (JUNG, 1985, p. 71), para compensar a unilateralidade do espírito da época. Assim como o inconsciente corrige as unilateralidades da atitude consciente, "[...] assim a arte representa um processo de autorregulação espiritual na vida das épocas e das nações" (JUNG, 1985, p. 71).

Wahba (2008), refletindo sobre a arte e a cultura, afirma que "O artista, no seu aqui e agora, tece conexões entre o temporal e o atemporal e expressa os anseios dominantes do momento de seus semelhantes e aqueles inerentes à condição humana universal" (WAHBA, 2008, p. 74).

Furth (2004), em seus estudos para decifrar a linguagem dos desenhos, enfatiza que o desenho, por meio do seu símbolo, libera a energia psíquica do

inconsciente e possibilita trazer esses conteúdos à consciência, favorecendo sua integração.

Quando as figuras emergem do inconsciente, elas carregam uma enorme quantidade de informação psíquica. Por meio da figura podemos acompanhar a jornada da psique e saber onde ela se encontra no momento em que o desenho foi feito. (FURTH, 2004, p. 47)

O estudo simbólico dessas imagens favorece a compreensão da organização interna da psique, na sua capacidade inata de experienciar as emoções e entrelaçar-se com os eventos do mundo na medida em que vai sendo regulada pela aprendizagem e codificada na consciência. Essas imagens são construídas e significadas na vivência e relação das crianças com o mundo, durante seu desenvolvimento, nos seus aspectos cognitivos e afetivos.

Os contos de fadas, mitos, lendas e brincadeiras como jogos simbólicos expressam os símbolos do inconsciente coletivo. Von Franz (1985), apontando para a importância do estudo dos simbolismos, explica que o material arquetípico reflete as estruturas mais básicas do comportamento humano, "[...] através do estudo dos contos de fadas e mitos podemos vir a conhecer certos complexos estruturais, tornando-nos mais capazes de distinguir entre o que é e o que não é individual, e ver as possíveis soluções" (VON FRANZ, 1985, p. 22).

Os mitos, conforme explica Campbell (1995), nos põem em contato com a experiência de estar vivo: constituem-se na busca para a experiência de sentido. "Os mitos são pistas para as potencialidades espirituais da vida humana" (CAMPBELL, 1995, p. 6). Os mitos lidam com as etapas do desenvolvimento do ser humano, da dependência da criança à maturidade do adulto, da finitude e da morte. Além disso, os mitos também abordam o relacionamento com a sociedade, com a natureza e com o cosmos.

Siegel (1999), salientando a importância da Neurobiologia interpessoal das histórias, pontua que esse processo de comunicação por meio da narrativa favorece a integração da coerência na mente. "As histórias tornam disponíveis as perspectivas sobre os temas emocionais da nossa memória implícita que

podem, de outro modo, estar indisponíveis para nós" (SIEGEL, 1999, p. 421), propiciando a modulação das emoções.

O campo de interesse dessa pesquisa é entender, por meio da Psicologia Analítica, como o medo é representado na psique da criança, bem como possibilitar a compreensão simbólica de sua manifestação por meio dos desenhos. Esse trabalho propõe um entrelaçamento entre a Psicologia Analítica e os demais campos de conhecimento que se dedicam a compreender esse tema tão relevante para o desenvolvimento infantil.

A escolha pela linha teórica junguiana justifica-se pela formação e prática clínica da pesquisadora e por considerar que tal linha propicia recursos para tratar a dimensão simbólica, que entende esses conteúdos como universais, mas que abre espaço para um estudo que considera a criança na sua individualidade e na sociedade atual.

No estudo sobre os simbolismos, consideramos não apenas os símbolos universais como também enfatizamos os mitos, lendas e brincadeiras da cultura brasileira, justificados por pertencerem ao universo das crianças em estudo.

Nessa pesquisa, consideramos a hipótese de que todas as desordens, dificuldades e sofrimentos vividos pelas crianças são expressos, em sua maioria, nos desenhos delas e a de que os medos surgem de formas distintas em cada gênero, idade e ambiente social. Pesquisou-se quais os simbolismos produzidos pela psique nas diferentes manifestações do medo. Os símbolos, na Psicologia Analítica, traduzem as vivências coletivas da cultura com suas mudanças e transformações. Assim, espera-se que os medos característicos dos conflitos naturais do processo do desenvolvimento das crianças apareçam com configurações que reflitam as vivências destas no mundo contemporâneo.

A revisão teórica inicia com um delineamento histórico de como a consciência e o medo desenvolveram-se no decorrer da evolução. A consciência e a emoção do medo foram conceituadas dentro da Psicologia Analítica e sob o enfoque de alguns pesquisadores da Neurobiologia, na tentativa de ampliar e atualizar as visões sobre o tema.

O capítulo seguinte versa sobre o desenvolvimento emocional da criança e as implicações do medo nesse processo. Para maior compreensão da trajetória do desenvolvimento, consideramos a criança desde seu nascimento.

O terceiro capítulo disserta sobre o desenvolvimento do desenho e sua importância para a representação dos símbolos do medo.

O último capítulo analisa a simbologia nos desenhos das crianças, por meio do método construtivo de amplificação simbólica de Jung.

## 2. A EXPANSÃO DA CONSCIÊNCIA E O MEDO

*Em Sílwa, uma aldeia muçulmana no Alto Egito, os adultos são ávidos para tornar seus filhos dóceis e dependentes. Estes são valores fundamentais na educação, e o método para inculcá-los é o medo. Quase todas as crianças pequenas conhecem o sílwa, um monstro que vaga à noite pela aldeia, durante a viagem que faz das montanhas até o Nilo para matar a sede. O sílwa come crianças tal como faz o ghool, uma enorme fera peluda, que ataca as crianças no escuro. As crianças são avisadas pelos adultos de que não devem falar com essas feras ou olhar as suas sombras, especialmente em noites de luar, porque podem enlouquecer. As crianças aprendem que para repelir os espíritos diabólicos devem recitar a Fatiha ou qualquer parte do Alcorão ao passar por perto de lugares assombrados.*

Yi-Fu Tuan

Na teoria junguiana, o modelo estrutural da psique considera a bagagem de toda a história da humanidade, as experiências de cada indivíduo e também suas relações sociais com a cultura, na qual um processo dinâmico de autorregulação psíquica unifica tais representações.

A consciência é dinâmica e está em constante interação com os processos biopsicossociais. As experiências são avaliadas em um fluxo constante e, assim, são determinados seus graus de significado.

A história da consciência tem sido um registro do surgimento gradual da individualidade em primatas, um fator que dependia da capacidade de crescimento do córtex cerebral.

Jung (2011d) considera a descoberta da escrita um critério para poder se falar de consciência. Segundo o autor, os textos de escrita cuneiformes e hieróglifos remontam a aproximadamente 4200-4100 a.C. "Desde aquela época então, mais ou menos 6000 anos atrás, podemos falar de uma consciência humana." (JUNG, 2011d, p. 581). Comparado a toda história da humanidade, é

um período relativamente pequeno. A trajetória percorrida é considerável, mas, diante da enorme expansão do inconsciente, percebe-se que ainda há um grande caminho a ser seguido. "De qualquer maneira ainda vejo possibilidades ilimitadas para a consciência humana." (JUNG, 2011d, p. 581).

Haule (2011), analista junguiano, estudou como a consciência surgiu na humanidade. Essa análise torna-se interessante, uma vez que, considerando que o medo nasce com a consciência e apoiado nos estudos das eras históricas e seus rituais, o autor faz uma análise da história da consciência. Saliencia que os rituais têm sido utilizados para alterar a consciência a fim de fortalecer e diferenciar as sociedades. O autor discrimina o surgimento de um ego funcional no ser humano que se desenvolve em etapas, considerando os mitos como narrativas coletivas e enfatizando que as pinturas encontradas nas cavernas revelam a importância dos símbolos nos rituais e práticas religiosas. Os mitos descreviam os cosmos e o que se passava na psique humana; as pessoas viam evidências dos mitos em toda parte. O encontro com os deuses, ou seja, com o sagrado, nos rituais estabelecia as conexões com o divino e permitia a participação com os deuses. Assim, os cultos promoviam iniciações e revelações e os seres humanos eram dependentes da informação transcendental. Os rituais definiam a hierarquia da sociedade, preparavam para as ameaças dos predadores ou de outros seres humanos. As experiências eram coletivas, o grupo formava uma unidade e seus membros sentiam-se confiantes de seu lugar social no grupo. Dessa maneira, os padrões de comportamentos herdados eram ensaiados e reforçados. Esses padrões ritmicos foram essenciais para as estratégias de sobrevivência. Nesse ponto, podemos fazer um paralelo com a teoria dos arquétipos da Psicologia Analítica. Essas vivências por meio das experiências míticas e dos rituais com seus símbolos trouxeram à consciência os conteúdos arquetípicos que proporcionaram as transformações e permitiram a evolução da consciência. Ao longo do desenvolvimento da consciência, segundo Haule (2011), os seres humanos deixaram de ser dependentes da informação transcendental, se afastaram do cosmos e dos estados de êxtases e se ocuparam cada vez mais do mundo empírico, do

cotidiano. O autor ressalta que o surgimento da escrita e o desenvolvimento progressivo do córtex frontal – favorecendo o pensamento dirigido – foram fatores essenciais para o desenvolvimento de um ego que mostra crescente consciência reflexiva e de um ser humano cada vez mais autoconsciente e capaz de ser introspectivo.

Essa análise apoia a teoria do inconsciente coletivo de Jung; as relações simbólicas com os deuses e as figuras divinas que representam as forças inconscientes, tanto sombrias quanto maravilhosas da psique, são figuras arquetípicas. Essas vivências míticas e ritualizadas mostram os seres humanos procurando entender e integrar os conteúdos do inconsciente e revelam um ego que busca o controle e um caminho para a individuação.

Seguindo a linha histórica do estudo do medo no Ocidente, Delumeau (1978) nos mostra a interiorização do medo como resultado de uma construção histórica, da construção psicológica do ser humano.

Na Grécia Antiga, o medo era visto como uma punição dos deuses. Os deuses Deimos (o temor), Fobos (o medo) e seus correspondentes em Roma, Pallor e Pavor, eram divinizados e consagrados antes das batalhas. O medo era visto como um poder mais forte que as pessoas, uma experiência subjetiva, algo exterior vindo dos deuses. Os gregos, por exemplo, acreditavam que toda pessoa que olhasse para uma das górgonas ficaria instantaneamente petrificada. Os deuses protegiam as pessoas, mas, frente aos medos, elas buscaram a criação de mecanismos de proteção para enfrentá-los.

Delumeau (1978), em seus estudos, ressalta a importância do Cristianismo para o processo de simbolização das emoções, incluindo o medo. A Igreja apresentou o medo do demônio, do inferno, do pecado e o medo de alguém julgar a si mesmo como pecador, substituindo por medos teológicos a angústia coletiva. Segundo o autor, o pecado, termo criado pelo Cristianismo, ressaltou o peso dado à culpa e ao valor do arrependimento, que levava a sociedade a refletir sobre a liberdade humana, sobre o fracasso e o mal.

Na Psicologia Analítica, o pecado é a sombra, os demônios e os aspectos sombrios, que provocam a consciência, que geram uma tensão criadora e que

buscam um despertar e uma expansão da consciência. Por um lado, a culpabilização intensa levou o cristão a se conhecer melhor, a precisar sua identidade e a desenvolver sua memória na prática do exame de consciência. A confissão nesse sentido proporcionava, desde que voluntária, os atos de compartilhar o sofrimento e de ser escutado, enquanto o perdão trazia o alívio da culpa.

Entretanto, Delumeau (1978) ressalta o excesso de culpa fomentado pela Igreja na busca dos agentes do mal, (heréticos, judeus, demônios, feiticeiras, entre outros). Anunciava-se o juízo final, uma ameaça global de morte e uma prova terrível, mas que ao mesmo tempo prometia acabar com todo o mal sobre a Terra. Um combate que não se mostrava fácil, mas que, com a ajuda de Deus, ao menos seria possível. No imaginário do Cristianismo, "[...] os lobos, o mar e as estrelas, as pestes, as penúrias e as guerras são menos temíveis do que o demônio e o pecado, e a morte do corpo menos do que a da alma." (DELUMEAU, 1978, p. 44).

Na Idade Média, o Tribunal do Santo Ofício, ou mais popularmente a Santa Inquisição, era um tribunal religioso para condenar os hereges e aqueles que eram contra os dogmas da Igreja Católica, sendo que a heresia significava uma ruptura com o poder dominante. A Igreja sustentava a imposição de uma verdade absoluta, que levaria à salvação de quem a seguisse, e combatia o diabo e todos os agentes do mal. A inquisição tornou-se um instrumento político e uma forma de manter um imaginário popular, o *status* da Igreja e o Cristianismo.

Nessa época, o poder da igreja estava intimamente ligado ao do Estado e mesmo soberanos e nobres tinham medo da atuação de satã, podendo o ser humano ser apoderado pelo demônio e tornar-se seu agente. Eram escolhidos pela Igreja os bodes expiatórios, que carregavam todo o mal, os medos e os aspectos sombrios coletivos de toda a comunidade. A partir da difusão da Teologia na vida cotidiana ocidental, o ser humano passou a ter medo de si mesmo, dos seus próprios afetos e sentimentos, e, inclusive, passou a temer a possibilidade dele próprio se tornar um agente do satã.

O medo não estava só nas agressões externas; o objeto de temor se encontrava também dentro de cada um. O medo do inferno era uma introspecção que passava do combate ao pecado ao enaltecimento da pureza.

Haule (2011), ao analisar o desenvolvimento do ego nessa época, explica que a Igreja era tanto efetivamente o governo quanto o guardião da narrativa mítica, com seus rituais e suas aplicações morais para a vida cotidiana. Ao longo do tempo, os simbolismos das liturgias, das orações e sacramentos penetraram no inconsciente de seus participantes, fazendo o mundo espiritual emocionalmente relevante. Eles tinham egos que lutavam contra o pecado e o sofrimento, mas poucos sonhavam com aventuras ou distinções pessoais.

Na sociedade da corte, nos séculos XVII e XVIII, desenvolveu-se um movimento destinado a impor padrões de conduta e controle das emoções. A vida na corte desenvolveu o autocontrole, no qual as observações dos comportamentos do próximo serviam como referências e requisitos necessários para preservarem a boa posição social.

Hoje as posições sociais, segundo Bauman (2008), perderam importância religiosa e a natureza não revela mais o divino. O medo não tem mais relação com os deuses e não é explícito, mas carrega a angústia da culpa. Há descrença na lei e na justiça, favorecendo sentimentos de insegurança que são traduzidos como símbolo de morte e a necessidade de segurança como símbolo de vida. O medo se entrelaça em todas as áreas da vida. Na modernidade econômica, tudo parece ser incerto, o interesse está constantemente em jogo e o medo é contínuo.

Bauman (2008) cunhou a expressão "medo líquido", propondo um medo que se esparrama em todos os lugares, que pode fazer-se presente em qualquer canto ou fresta, como nas casas, nos trabalhos e nas ruas. Trata-se de um medo muitas vezes exacerbado, estampado no corpo em forma de pânico. O autor, analisando essa emoção no século XXI, mostra o medo generalizado, não mais de uma natureza antropomorfizada, mas o temor das grandes catástrofes naturais, a violência da cidade, o terrorismo, o desemprego, a rejeição amorosa, entre outros.

O entrelaçamento da Psicologia Analítica com a Neurobiologia mostra-se interessante nesse estudo sobre a emoção do medo, uma vez que favorece a possibilidade de explicar, atualizar e ampliar a compreensão dos fenômenos psíquicos, proporcionando novas e diversificadas visões, considerando que a cultura passa por transformações. Portanto, as visões anteriores necessitam ser atualizadas. As recentes pesquisas sobre o funcionamento do cérebro contribuem com explicações científicas para conceitos que Jung formulou, intuitiva e empiricamente, há muito tempo, em uma forma de repensá-los e ajustá-los ao conhecimento da atualidade, visando uma compreensão ampliada dos processos psíquicos.

Damásio (2013), neurocientista que se dedica aos estudos da consciência, entende que ela é um processo que resulta do desenvolvimento evolutivo do ser humano. "Se a consciência não se desenvolvesse no decorrer da evolução e não se expandisse em sua versão humana, a humanidade que hoje conhecemos, com todas as suas fragilidades e forças, nunca teria se desenvolvido também." (DAMÁSIO, 2013, p. 17).

O autor acredita que a capacidade do corpo para sentir estímulos e reagir aos seus próprios processos é o ponto essencial para entender o fenômeno da consciência. O corpo é a base da mente consciente. A consciência permitiu a possibilidade de conectar a regulação da vida alojada no cérebro ao processamento das imagens, que representam os elementos e os eventos que estão dentro e fora do organismo. Essa conexão possibilita o esforço para a autopreservação e é uma vantagem

[...] porque a sobrevivência em um meio complexo, ou seja, a gestão eficaz da regulação da vida, depende de executar a ação certa, e isso, por sua vez, pode ser feito de maneira muito melhor se houver intencionalmente a antevisão e a manipulação das imagens na mente, aliadas a um planejamento ótimo." (DAMÁSIO, 2011, p. 44)

Siegel (1999), em seus estudos sobre o desenvolvimento da mente e da natureza interpessoal das emoções, pontua que a consciência permite que se introduza um processo de escolha ao comportamento, para não ficar preso ao processo meramente reflexo. A consciência na regulação das emoções "[...]

pode influenciar o resultado do processamento emocional." (SIEGEL, 1999, p. 340). O conhecimento consciente por meio da autorreflexão, possibilita a mobilização de pensamentos e comportamentos que possam ser mais estratégicos, para se alcançar os objetivos, favorecendo atingir novos níveis de integração. A consciência dos processos emocionais é de grande importância para a nossa sobrevivência enquanto espécie social; dessa maneira, temos a possibilidade de conhecer nossas próprias mentes, assim como as dos outros e poder negociar o mundo interpessoal complexo, com aptidões e eficiência para preencher nossas necessidades.

Damáσιο (2011) ressalta a importância de estabelecer a diferença entre consciência e mente, indicando que a consciência é um estado mental no qual existe o conhecimento da própria existência e do mundo ao seu redor. A consciência é indispensável à mente criativa, porém, não constitui toda a mente humana. A consciência é conhecimento e conhecimento é consciência. "O que conhecemos como mente, com ajuda da consciência é um fluxo contínuo de padrões mentais, e muitos deles se revelam logicamente inter-relacionados." (DAMÁSIO, 2011, p. 426).

Na Psicologia Analítica, o conhecimento é consciência. A possibilidade de conhecimento dos conteúdos inconscientes por parte da consciência é o proposto por Jung (2012a, p. 117): "[...] o conhecimento em geral é o resultado de uma espécie de ordem imposta às reações do sistema psíquico que fluem para a consciência".

Jung (2011b) ressalta que a consciência não é a totalidade da psique, que, por sua vez, é, de um lado, constituída por seus conteúdos conscientes e, de outro, pelos inconscientes, cujos limites não são conhecidos. "A consciência está contida nessa totalidade, tal como um círculo menor em outro mais extenso." (JUNG, 2011b, p. 75).

Segundo Damásio (2011), a mente engloba as operações conscientes e inconscientes e refere-se a um processo. A criação da mente reside na capacidade que o cérebro tem de criar mapas neurais que vão dar origem a imagens, e é dessa capacidade que surgem os conteúdos principais da mente.

O termo “imagens”, utilizado por Damásio (2011), refere-se a padrões mentais, com uma estrutura construída com os sinais de todas modalidades sensoriais. Imagem não se refere apenas à imagem visual, mas inclui também a auditiva, olfativa, gustatória e somatossensitiva, com várias formas de percepção, como tato, temperatura e dor muscular, visceral e vestibular. O autor também ressalta que as imagens não são estáticas e que sua produção nunca para, não só quando estamos acordados, mas também durante boa parte do sono, quando sonhamos.

Qualquer símbolo que você possa conceber é imagem, e pode haver pouco resíduo mental que não se componha de imagens. Até mesmo os sentimentos, que constituem o pano de fundo de cada instante mental são imagens, [...] imagens somatossensitivas, ou seja, que sinalizam principalmente aspectos do estado do corpo. (DAMÁSIO, 2011, p. 403)

Dessa maneira, podemos estabelecer um paralelo com Jung (2012a), que também analisa a imagem por meio dos sentidos e das percepções.

Uma entidade psíquica só pode ser um conteúdo consciente, isto é, só pode ser representado quando é representável, ou seja, precisamente quando possui a qualidade de imagem. Por isto chamo de imagem a todos os conteúdos conscientes porque são reflexos de processos que ocorrem no cérebro. [...] a natureza da psique [...] é constituída de imagens reflexas de processos cerebrais simples e das reproduções destas imagens em uma sucessão quase infinita. Estas imagens reflexas têm um caráter de **consciência**. (JUNG, 2012a, p. 277-278)

Jung (2013g), ponderando sobre a consciência moderna e o medo, ressalta que há uma perda de consciência no mundo e atribui tal fato à perda do instinto, ligado ao desenvolvimento mental da humanidade no decorrer das eras passadas. O ser humano conseguiu dominar a natureza, mas esse poder e saber levou-o a desprezar o que é apenas natural e casual, ou seja, os dados irracionais dos conteúdos do inconsciente. Entretanto, “[...] em oposição ao subjetivismo da consciência, o inconsciente é objetivo na medida em que se manifesta sobretudo na forma de sentimentos, fantasias, emoções, impulsos, sonhos resistentes” (JUNG, 2013g, p. 54), que atuam de maneira objetiva, mesmo não sendo produzidos intencionalmente. Em relação a essa atitude do ser humano moderno, Jung (2013g) atribui não a uma simples desatenção, mas

a uma resistência de admitir uma segunda autoridade psíquica ao lado do eu, o centro da consciência. "O medo da psique inconsciente é o obstáculo mais árduo no caminho do autoconhecimento e também no entendimento e abrangência do conhecimento psicológico" (JUNG, 2013g, p. 35).

Os estudos mais recentes da Neurobiologia expressam uma mudança de paradigma na compreensão da origem e da regulação dos comportamentos humanos. A ênfase antes dada à cognição passa a recair sobre as emoções e a regulação dos afetos. Essa ênfase renovada sobre os aspectos emocionais trouxe implicações para o desenvolvimento emocional. Nesse estudo sobre a representação do medo, mostra-se interessante abordar sua conceituação na perspectiva de outros campos de conhecimento, considerando não ser um assunto teórico que só diz respeito à Psicologia, objetivando maior compreensão e ampliação sobre o tema.

De acordo com o Dicionário Eletrônico Houaiss (HOUAISS, 2013), a palavra "medo" vem do latim *metus*. "Medo" significa:

1. Um estado afetivo suscitado pela consciência do perigo ou que, ao contrário, suscita essa consciência.
2. Temor, ansiedade irracional ou fundamentada; receio.
3. Apreensão em relação a (algo desagradável). (HOUAISS, 2013, não paginado)

Segundo Dalgalarondo (2008), o medo tem papel fundamental na adaptação e sobrevivência humana. Entretanto, alguns tipos de medo podem ser exarcebados, desencadeando uma patologia.

O medo não é uma emoção patológica, mas uma característica universal dos animais superiores e do homem. Trata-se do estado de progressiva insegurança e angústia, de impotência e invalidez crescentes, ante a impressão iminente de que sucederá algo que o indivíduo quer evitar e que progressivamente se considera menos capaz de fazer. (DALGALARRONDO, 2008, p.170)

## 2.1 ANATOMIA E CIRCUITO DO MEDO

Carter (2012) mostra, por meio da anatomia e do circuito da emoção do medo, os caminhos conscientes e inconscientes do sistema emocional. As emoções são mudanças corporais que nos levam à ação. Desenvolvemos um sistema emocional consciente, que evoluiu em decorrência da necessidade de nossa própria sobrevivência e que reteve respostas primitivas e automáticas no centro das emoções.

Emoções são geradas no sistema límbico, um conglomerado de estruturas situadas abaixo do córtex. Este processo se deu muito cedo na história dos mamíferos. Nos humanos está conectado às áreas corticais desenvolvidas recentemente. O tráfego de duas vias entre o sistema límbico e o córtex permite que as emoções sejam vivenciadas de forma consciente e que os pensamentos as afetem. Cada emoção é produzida por uma rede diferente de módulos cerebrais, incluindo hipotálamo e a hipófise; estes controlam os hormônios que provocam reações físicas, como o aumento da frequência cardíaca e contração muscular. (CARTER, 2012, p. 124)

As emoções são movimentos internos, ou seja, respostas psicológicas aos estímulos, destinadas a nos afastar do perigo e a nos aproximar da recompensa, mas, em geral não temos, a consciência desse processo. Um estímulo é registrado na amígdala antes de termos essa consciência (CARTER, 2012).

No caso do medo, a informação sensorial é enviada ao córtex para tornar-se consciente, enquanto a amígdala envia mensagens ao hipotálamo, que desencadeia mudanças que prontificam o corpo a fugir, a lutar ou a se acalmar. O principal sensor do sistema límbico é a amígdala, que desempenha papel fundamental na resposta de luta ou fuga e está conectada aos estados de medo. As informações são captadas diretamente dos órgãos dos sentidos pelos córtices sensoriais e se conectam ao córtex e ao hipotálamo, criando um circuito. Quando a amígdala é ativada, ela envia sinais por esse sistema. À medida que os sinais passam pelo hipotálamo, que age como sinalizador e transmissor hormonal, mudanças corporais são deflagradas e cria-se o

reconhecimento consciente da emoção do medo no lobo frontal (CARTER, 2012).

Na Biologia, o medo é um esquema adaptativo e constitui um mecanismo de defesa que permite uma resposta rápida e eficaz diante de situações adversas.

Darwin (2013), um precursor nos estudos das emoções e de suas expressões, aborda o comportamento humano em uma perspectiva comparativa à dos animais. As expressões emocionais humanas tanto faciais quanto gestuais são resquícios herdados dos antepassados primitivos que foram sendo lentamente adquiridos na evolução das espécies, tornando-se comum tanto aos seres humanos quanto aos outros animais.

As emoções são consideradas de grande importância para a sobrevivência das espécies e têm bases biológicas. O medo descrito por Darwin (2013) passa por graduações que vão desde um estado de atenção por um sobressalto de surpresa até o temor extremo e o horror.

O ser humano, ao longo de inúmeras gerações, foi simbolizando as emoções e nomeando-as, o que lhe permitiu escapar de seus inimigos ou dos perigos, fugindo ou lutando violentamente. Esses esforços, que foram repetidos constantemente, fazem com que, toda vez que a emoção do medo é fortemente sentida, mesmo que não leve a nenhum esforço, os mesmos efeitos tendem a aparecer, pela força da hereditariedade e da associação, que se constitui em uma questão histórica e social.

Na perspectiva da Neurobiologia, a emoção do medo é classificada por Siegel (1999) como uma emoção categórica, básica ou discreta; sendo que esses são os termos usados para classificar essa sensação em todas as culturas.

Poder-se-á considerar as emoções categóricas como estado de espírito diferenciados que evoluíram para padrões de ativação específicos e enraizados. As semelhanças entre culturas, na manifestação das emoções categóricas, sugerem que o cérebro e o corpo humano possuem percursos característicos inatos, fisiologicamente mediados, para a elaboração destes estados de espírito. (SIEGEL, 1999, p. 173)

O autor ressalta que as emoções envolvem camadas complexas de processos que estão constantemente interagindo com o meio. Essas interações envolvem processos cognitivos, mudanças físicas e interação social e histórica.

Damásio (2013) dá ênfase especial ao papel que as emoções e os sentimentos têm na regulação do comportamento humano. Defende que o entendimento da atividade cerebral passa pela compreensão das emoções humanas. A emoção é um conjunto de respostas motoras que o cérebro faz evidenciar no corpo em resposta a algum evento. É um programa de movimento que permite aceleração ou desaceleração do batimento cardíaco, tensão ou relaxamento dos músculos. Para cada emoção, há um programa. Assim, existe um programa para o medo, a raiva, a compaixão e outras emoções.

Emoções são programas de **ações** complexos e em grande medida automatizados, engendrados pela evolução. As ações são complementadas por um programa **cognitivo** que inclui certas ideias e modos de cognição, mas o mundo das emoções é sobretudo feito de ações executadas no nosso corpo, desde expressões faciais e posturas até mudanças nas vísceras e meio interno. (DAMÁSIO, 2013, p. 142)

Os programas de ação, segundo Damásio (2013), são semelhantes entre os indivíduos, dando uma base comum às diversas culturas. As respostas emocionais são consideravelmente individuais em relação ao estímulo causador. Tais respostas são afetadas pela cultura e pela educação e existe também a possibilidade, em parte, de controlar as manifestações externas das expressões emocionais.

O autor aponta a importância de fazer a distinção entre emoção e sentimento emocional. Emoções são programas de ações e o sentimento é a maneira como a mente vai interpretar o programa de ações, ou seja, de movimentos que estão ocorrendo no corpo. Essa interpretação do programa de ações é a experiência cognitiva desse processo e é sempre relacionado com os movimentos do corpo.

Os sentimentos emocionais, por outro lado, são as **percepções** compostas daquilo que ocorre em nosso corpo e na nossa mente

quando uma emoção está em curso. No que diz respeito ao corpo, os sentimentos são imagens de ações e não ações propriamente ditas; o mundo dos sentimentos é feito de percepções executadas em mapas cerebrais. (DAMÁSIO, 2013, p. 142)

Para a compreensão de como se desencadeiam as emoções, o autor, usando a metáfora de chave-fechadura, explica que determinados estímulos devem ter a chave certa para determinada fechadura, ou seja, que certas configurações de sinais tendem a ativar determinado circuito e não outro. No medo, os estímulos ativam as amígdalas e assim conseguem desencadear o estado do medo. As emoções se desencadeiam por meio de imagens de objetos ou fenômenos que estão acontecendo no momento ou que, ocorridos no passado, agora são recordados (DAMÁSIO, 2013, p. 144).

Panksepp e Biven (2012), na perspectiva das origens neuroevolucionárias, consideram que as emoções no nível do processo primário são construídas no cérebro pela evolução, ou seja, são memórias ancestrais. Segundo os autores, ao nascer, temos capacidades inatas para o desenvolvimento de sete emoções básicas nas redes subcorticais: **procura, medo, raiva, luxúria** (excitação sexual), **cuidado** (nutrição), **tristeza e alegria social**.

Embora a habilidade de experienciar afetos esteja construída no cérebro ao nascer, humanos e animais têm respostas afetivas, instintivas ou incondicionais a estímulos específicos. O medo é considerado uma emoção inata essencial aos mecanismos de sobrevivência. Os afetos básicos oferecem uma infraestrutura essencial para os padrões de comportamentos mais instintivos de luta-fuga necessários à sobrevivência.

Na Psicologia Analítica, o medo é um estado afetivo e emocional fundamental para estrutura e desenvolvimento psíquico do indivíduo.

Jung (2013i) explica as emoções a partir de como a própria etiologia da palavra “emoção” sugere, isto é, “mover para fora”, e salienta que em uma emoção somos “empurrados” e “expulsos”; há um rebaixamento do eu, sendo substituído por algo que nos toma o controle e “[...] somos simplesmente possuídos, tornamo-nos irreconhecíveis e o nosso autocontrole desce

praticamente a zero. É a condição em que o lado interno do homem o domina, e ele não pode impedir que isso aconteça [...]" (JUNG, 2013i, p. 37-38). O autor mostra que a emoção é caracterizada por inervações fisiológicas e não faz distinção entre emoção e afeto.

Dou o mesmo significado à emoção e ao afeto. São a mesma coisa que nos afeta, que interfere em nós. Por elas somos carregados atirados para fora de nós mesmos. O indivíduo fica tão alterado como se uma explosão tivesse o arremessado para fora dos limites da sua pessoa. E nesse momento existe uma condição física realmente tangível e observável. (JUNG, 2013i, p. 39)

Segundo Jung (2013i, p. 39-40), a distinção se faz entre emoção e sentimento. "O sentimento não apresenta manifestações físicas ou fisiológicas tangíveis, ao passo que a emoção se caracteriza por uma condição fisiológica alterada. [...] quando temos um sentimento, temos o controle." (JUNG, 2013i, p. 46).

Sempre que o ego não é capaz de conscientizar os conteúdos do inconsciente, surge uma inquietação, uma perturbação da ordem consciente sob a pressão da conscientização de um conteúdo que demanda a transformação total do seu padrão para que possa integrá-lo. Trata-se da vivência de uma emoção que está contida, que não percebemos, não exploramos e não integramos à consciência. Tal experiência pode assumir também a forma de ansiedade, de um medo de que algo negativo possa acontecer a qualquer hora.

O inconsciente se revela sob a forma de imagens, metáforas e símbolos. As imagens, sempre que simbólicas, podem ser representações de aspectos contraditórios de uma mesma situação na qual o ego vivencia emoções que vão do medo à sensação de admirável beleza. Os conteúdos do inconsciente, pelo fato de serem desconhecidos, provocam estados de instabilidade emocional.

Hollis (1998), ao tentar diferenciar medo, ansiedade e angústia, mostra que o medo é específico, uma reação a um objeto definido. A ansiedade pode ser ativada por qualquer coisa, não tem um objeto claro, mas em geral tem origem na insegurança genérica que é sentida na vida. A ansiedade está ligada à história pessoal, cada um desenvolve suas próprias reações reflexivas à

ansiedade. Por outro lado, a angústia comum a todos " [...] é consequência da fragilidade da condição humana." (HOLLIS, 1998, p. 158). O medo, a ansiedade e a angústia podem ser naturais e sentidas por todos. "O que varia é o grau de afeto e a natureza e a consequência das nossas reações." (HOLLIS, 1998, p. 158).

O medo infantil para Jung (2013c) está ligado a uma psicologia primitiva: carregamos os vestígios da pré-história da humanidade no "[...] convívio com os poderes obscuros, com demônios, bruxas, feiticeiros e espíritos." (JUNG, 2013c, p. 42).

De acordo com a lei filogenética, recapitulamos, em nossa infância, reminiscências da pré-história da raça e da humanidade em geral. Filogeneticamente procedemos e evoluímos dos obscuros confins da terra. Por isso os fatores que mais nos afetaram se transformaram em arquétipos e são estas imagens primordiais que nos influenciam mais diretamente e por isso também parecem ser as mais poderosas. (JUNG, 2013c, p. 41)

As crianças, assim como os povos primitivos, estão mais ligadas à natureza, são menos orientadas no sentido racional e têm uma visão mais natural da vida e uma relação mais espontânea com o universo interior.

Assim, para o autor, os traços das experiências ancestrais estão no inconsciente da criança, que contém um registro das experiências evolutivas da espécie. O medo é uma dessas experiências ancestrais.

### 3. DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL DA CRIANÇA E O MEDO

*Na ilha de Bali, quando uma criança aprende a andar, as suas escapadas de casa são controladas pelas caretas de terror da mãe. Ela a chama de volta fazendo ameaças com diferentes palavras: "tigre", "polícia", "cobra", "cocô!" O resultado de tais dramáticos sinais de advertência é que a criança aprende a associar espaços abertos com monstros escondidos*

Yi-Fu Tuan

A meta principal do desenvolvimento da mente é a integração dos diferentes modos de processar as informações em um todo coerente. A informação se refere a um processo de integração que se desenvolve em uma relação dialética cérebro-mente, em função das relações de significado com outros indivíduos da mesma espécie.

O pressuposto básico é que a mente é uma entidade construída lentamente na evolução da espécie. Emerge da atividade do cérebro, cujas estruturas e funções são diretamente influenciadas pela experiência interpessoal. A mente é uma instância metapsíquica e construída e não existe *a priori*. No atual paradigma da Neurobiologia, segundo Siegel (1999), o desenvolvimento é a construção de uma experiência interpessoal, que pode facilitar ou inibir o impulso para integrar uma experiência coerente. A visão coerente do mundo depende principalmente das primeiras relações da vida, que construirão as estruturas que criam as representações das experiências.

Cozolino (2014) pressupõe o cérebro como um órgão social. É preciso outro cérebro análogo para se desenvolver e se estruturar dentro do que é considerado o padrão humano. O estudo do desenvolvimento, na atualidade, considera a cognição a partir do desenvolvimento da emoção, que, por sua vez, funciona como um processo organizador central do cérebro. A capacidade de organizar essas emoções, que foram estruturadas a partir das relações

primárias, é que vai determinar a capacidade da mente de integrar as experiências, de se adaptar e lidar eficientemente com os estímulos estressores.

Emoções intensas como o medo interferem na própria construção da identidade. Segundo Rios (2015), a emoção participa da evocação e da codificação dos registros autobiográficos e é esperado que esteja presente na narrativa. Eventos carregados de emoção são lembrados e relatados, enquanto eventos neutros tendem a se generalizar.

As experiências de apego são fundamentais para o desenvolvimento desses sistemas que envolvem o processamento inconsciente das emoções, autorregulação e a modulação do estresse. O hemisfério cerebral direito está envolvido com o processamento de informações afetivas corporais, associadas aos diversos estados motivacionais e é considerado o substrato biológico do inconsciente.

Shore (2012), considerando que as experiências relacionais de afeto são matrizes essenciais para o desenvolvimento do cérebro, aperfeiçou a teoria do apego formulada por Bowlby em 1969, indo além de uma teoria de interação baseada na segurança e no apego seguro e enfatizando seu caráter de autorregulação. Essa, por sua vez, permite a modulação do hemisfério direito, que pode regular seu estado interno e relações externas, sendo que esse processo atua na modulação do medo.

"Quando a criança consegue descrever suas emoções verbalmente, a psique se torna menos inundada por elas e provavelmente o desenvolvimento da capacidade de modulação emocional dependa dessa habilidade." (RIOS 2015, p. 250).

Nesse estudo sobre a representação do medo infantil, a faixa de idade considerada foi de seis a onze anos, entretanto, com o objetivo de traçar uma linha de desenvolvimento, para uma compreensão mais ampla, será abordada a trajetória do desenvolvimento desde a relação mãe-bebê.

Shore (2008) destaca o papel essencial da sintonia psicobiológica e do estresse relacional que impactam positiva ou negativamente a maturação que é dependente dos sistemas reguladores precoces do cérebro. A sintonia afetiva

entre a mãe e o bebê estimula o processo de regulação da sincronia de afeto, por meio de repetidas experiências de sintonia, perda de sintonia e reconexão dos estados de excitação do bebê, em um processo no qual a mãe percebe essas mudanças e auxilia na modulação desses estados.

Para desenvolver a capacidade de controle emocional, a psique infantil demanda cuidados e compreensão, isto é, o bebê precisa ser amado, em uma forma de amor que deve ser correspondida, sendo que a presença emocional da mãe é fundamental (ARAUJO, 2011).

Nesse sentido, a vivência da relação segura é um facilitador para a formação de redes neuronais. É importante para o bebê a capacidade de controlar o nível de excitação. A experiência da interação repetida muitas vezes cria esquemas ou padrões "de estar com uma pessoa de determinada forma" (STERN, 1997), que posteriormente são generalizados.

A emoção inicialmente regulada por outra pessoa (cuidador primário) torna-se autorregulada ao longo da infância, tanto na interação com outras pessoas quanto em contextos autônomos, como resultado do desenvolvimento neurofisiológico. "À medida que o cérebro da criança amadurece e entra nos anos pré-escolares, a emergência de camadas cada vez mais complexas de autorregulação torna-se possível." (SIEGEL, 1999, p. 311).

A incapacidade de autorregulação do afeto revela-se em comportamentos impulsivos, agressivos, medrosos ou em perturbações psiquiátricas. Siegel (1999) afirma que a forma como experimentamos o mundo, nos relacionamos com os outros e descobrimos o significado da vida depende de como regulamos nossas emoções.

Shore (2012), concorda com Watt (2003), quando enfatiza que se as crianças crescem com experiências dominantes de separação, angústia, medo ou raiva, elas vão percorrer um caminho de desenvolvimento com transtornos tanto no aspecto psicológico quanto neurológico. Se o modelo de apego é ansioso, resistente, evitante, rejeitador, distante, inconsistente ou desorganizado, a criança se mostrará insegura quanto à disponibilidade e à possibilidade de pedir ajuda caso necessite, com a sensação de não ser

importante e amada, ou experimenta a sensação de que procurar a ajuda dos pais pode ser algo assustador, que causa medo, dor ou vergonha.

A representação mental é formada pelo bebê, dependendo da interação com a mãe. O sistema dos neurônios espelhos funciona como a reciprocidade emocional e estão espalhados e muito ativos, principalmente nos sistemas límbicos ligados às emoções. "Os chamados neurônios espelhos são, com efeito, o supremo dispositivo de simulação dos estados do corpo no cérebro." (DAMÁSIO, 2013, p. 134). A rede na qual se inserem esses neurônios faz a simulação em mapas cerebrais do corpo de um estado corporal que, na verdade, não está ocorrendo no organismo.

Damáσιο (2013) explica que, ao observar uma ação em outro indivíduo, o cérebro, capaz de sentir o corpo, adota o estado corporal que teríamos caso nós mesmos estivéssemos executando essa ação. Provavelmente o cérebro o faz por meio de uma pré-ativação de estruturas motoras, que ficam preparadas para uma ação, mesmo que ela não aconteça.

É constitutivo do sistema nervoso a capacidade de capturar esse mesmo sistema de outras pessoas, permitindo experimentar as sensações do outro como se elas fossem uma de nossas próprias partes. "Nós somos uma espécie social e ter a capacidade de 'ler a mente' ou de ter uma 'visão mental', possibilita-nos a detecção rápida do estado emocional de outro indivíduo." (SIEGEL, 1999, p. 198.) Na perspectiva do desenvolvimento, a maior utilidade da intersubjetividade, segundo o autor, "[...] é o fato de os pais poderem sentir as necessidades do filho e, assim, maximizar o potencial de sobrevivência dos seus descendentes." (SIEGEL, 1999, p. 199).

Segundo Knox (2003), os bebês não possuem um modelo da face humana armazenado em seus genes, mas têm instrução genética para prestar atenção particular a qualquer padrão tipo face que apareça em seu campo visual. A autora enfatiza que as experiências demonstram que as estruturas inatas não possuem conteúdo proposicional simbólico, sendo simples sequências de respostas aos estímulos. Tais estruturas são processadas em nível subcortical e asseguram que a atenção da criança seja direcionada para

aspectos fundamentais no seu ambiente, essenciais para o seu desenvolvimento físico e psicológico.

Nas situações nas quais aparece o medo, a reação de luta ou fuga é o instinto da sobrevivência ligado ao padrão próprio da espécie. O indivíduo percebe o perigo antes mesmo de acontecer. A representação do movimento já está incorporada antes de se ter consciência e depois assume o que já tem como registro e a maneira de incorporar é em função dos neurônios espelho. Na emoção do medo, a primeira sensação da emoção já está registrada na memória implícita e, em um segundo momento, surge o sentimento dessa emoção.

A memória implícita é o armazenamento da informação sem a possibilidade de evocação pela consciência. Armazenamento de padrões esquemáticos de todas as vivências, incluindo as das relações emocionais, funciona como um mapa mental de orientação para o mundo real.

Shore (2012) apoia o relato de Mancina (2006), salientando que a descoberta da memória implícita ampliou o conceito de inconsciente e considera a hipótese de que é no hemisfério cerebral direito a sede da memória implícita, onde as experiências pré-verbais emocionais e afetivas, às vezes traumáticas, das relações primárias mãe-bebê são armazenadas.

Segundo Damásio (2013), nossas memórias de pessoas, lugares, coisas, relações, habilidades, entre outras, tanto as que foram herdadas pela evolução quanto as já disponíveis no nascimento, ou até mesmo aquelas adquiridas pela aprendizagem, existem no cérebro como registros de potencialidades esperando para tornar-se imagens explícitas ou ações. "Nossa base de conhecimento é implícita, codificada e inconsciente". (DAMÁSIO, 2013, p. 182-183).

Para Knox (1999), a memória implícita fornece um modelo no qual as experiências são internalizadas e armazenadas não como memórias acessíveis, mas como padrões de expectativas, dos quais o indivíduo não está consciente. O conceito de memória implícita proporciona um modelo de estruturas ou padrões não acessíveis à consciência, mas que influenciam e distorcem a percepção.

A definição de memória implícita, segundo Knox (1999), permite estabelecer um paralelo com o conceito de complexo da psicologia junguiana. Para Jung (2012a), os complexos são agrupamentos de representações organizadas ao redor de uma particular tonalidade afetiva. Funcionam como personalidades separadas na psique. A tonalidade afetiva provê a matriz de significado para todas as representações associadas, sendo essa tonalidade afetiva considerada o padrão inconsciente armazenado na memória implícita. A psique é múltipla e tem um certo âmbito de circulação nessa multiplicidade, sendo que todos nós somos dissociáveis: não há coerência o tempo todo. A psique se agrega e reúne essas dissociações, que ocorrem permitindo que a psique experimente as alterações dos estados de consciência ou de se distanciar de uma experiência traumática para poder continuar funcionando. Os complexos que estão na memória implícita são partes não integradas. A emoção pertence ao complexo; quando um complexo se constela, um determinado estado emocional se amplia e se expande em muitos significados.

Haule (2011), ao tratar sobre a fenomenologia dos complexos, esclarece que eles reduzem o nível de consciência, colocando o corpo em estado de alerta. Nessa condição, perde-se a habilidade de analisar precisamente a situação; há pouca discriminação. O princípio organizacional de um complexo é o seu sentimento de desordem emocional, e tão logo o corpo assume o estado fisiológico associado com tal sentimento, a consciência em relação ao mundo e consigo mesmo é estreitada e responde-se a aspectos do mundo que são significativos à "personalidade do complexo".

A estrutura do complexo é composta das imagens associadas à experiência e às memórias que estão implícitas no inconsciente. O que une os vários elementos do complexo mantendo-os unidos no lugar é a emoção.

[...] um complexo afetivo [...] é a imagem de uma determinada situação psíquica de forte carga emocional e, além disso, incompatível com as disposições ou atitude habitual da consciência. Esta imagem é dotada de poderosa coerência interior e tem sua totalidade própria e goza de um grau relativamente elevado de **autonomia**, vale dizer: está sujeita ao controle das disposições da consciência até um certo limite e, por isto, comporta-se, na esfera do consciente, como um *corpus alienum* (corpo estranho), animado de vida própria. (JUNG, 2012a, p. 43)

As partes não integradas pelo ego, que foram suprimidas por causa da dissonância cognitiva ou emocional, são denominadas na psicologia junguiana de **sombra**. A sombra contém as qualidades ou traços indistintos, escondidos e o lado escuro ameaçador, indesejado e rejeitado, por não estar de acordo com aquilo que gostaríamos de ser.

Araujo (2011) ressalta que as adversidades que surgem das próprias crises do desenvolvimento, da passagem da primeira infância para a segunda infância e dessa última para a adolescência "[...] mobilizam símbolos novos que devem ser integrados ao ego, determinando crescimento ou que podem ir para a sombra, com risco de gerar patologia." (ARAUJO, 2011, p. 12).

Os padrões de ser e agir estabelecidos pela família, sociedade, morais e religiosos modelam o desenvolvimento do ego e a consciência. Esses padrões de conduta e códigos morais direcionam o desenvolvimento, tentando enquadrar os comportamentos nesses sistemas, rejeitando os impulsos indesejáveis, destrutivos e temerosos que fazem parte da psique. A relação com os pais adquire importância na formação do eu, são eles que vão aprovar ou desaprovar, punir ou aceitar os comportamentos da criança.

Sanford (1988), analista junguiano, aponta, que para a criança, é importante a identificação com os atributos psicológicos próprios, no decorrer do seu desenvolvimento. Ela precisa ser capaz de estabelecer por si mesma um sistema de controle das diferentes formas de comportamento e de desenvolver sua própria força do ego para lidar com suas emoções e com o problema da sombra. É importante que os pais encorajem a criança a se identificar com suas características positivas e que ao mesmo tempo acolham os sentimentos mais negativos, destrutivos ou violentos para não produzir uma cisão com seu lado mais sombrio.

O autor esclarece que, por um lado, a sombra pode ser a personificação de uma maneira de agir impulsiva e agressiva de uma fraqueza não percebida, mas, por outro lado, a sombra, quando identificada e confrontada, traz muitas qualidades vitais, que podem ser adicionadas para um desenvolvimento mais

integrado. A sombra é a capacidade arquetípica estrutural, que vai se expressar criando o inconsciente pessoal.

O medo que está na sombra, surge do temor de ser tomado por ela e de permitir que o lado obscuro se expresse. A sombra foi criada porque algo foi doloroso, fazendo surgir a dúvida e a inferioridade: o ego se encontra reduzido na sua dimensão. Há uma incapacidade de discriminar aspectos difíceis; os conteúdos são desconhecidos e indiscriminados. O desconhecido, que instiga e conduz a ampliação da consciência, faz surgir o medo. Na prática, ser tomado pela sombra é quando não se entra em contato consciente com ela e quando ela não é identificada e/ou confrontada.

Na trajetória do desenvolvimento psíquico, quanto mais reduzido for o campo consciente, mais estará ligado aos conteúdos primitivos, mágicos, a espíritos e poderes sobrenaturais (HOLLIS, 1998). A criança caminha no seu processo de individuação a partir da organização e integração das representações mentais vivenciadas por meio das experiências e na relação com seus cuidadores. Essa relação é fundamental para reconhecer seus vínculos afetivos e é essa dinâmica de projetar seus afetos em outras pessoas que permite perceber e integrar seus próprios sentimentos. No início, a criança experimenta um mundo inconsciente, invisível, amplo, desconhecido e indiferenciado. É a partir do vínculo inicial com seus cuidadores primários, com seu corpo e com o mundo que, em um processo dinâmico e gradual, emerge a consciência.

No início, o ego se encontra em um estágio embrionário. O *Self*, ou seja, o arquétipo relacionado ao princípio da ordem, está projetado na figura da mãe, que permite a ativação e a constelação desse arquétipo materno. Essa representação propicia a noção de identidade dada pela relação entre o eu e o não eu, permitindo o início da vida psíquica do bebê. É a mãe quem percebe, traduz e sacia suas necessidades e o envolve com proteção. A mãe, nesse momento, atua como sendo o *Self* relacional.

Araujo (2012) ressalta que "Dar à luz e ficar exposta ao bebê, determina modificações no cérebro da mãe, para que seja possível o apego, o vínculo e a

continência. Pode-se considerar, assim, o apego uma rua de mão dupla" (ARAUJO; 2012, p. 910).

Nessa fase, a própria ausência da mãe é uma ameaça à vida. É claro que a criança não tem consciência dessa ameaça: ela é simplesmente guiada pelo desenvolvimento, vivendo-o de maneira instintiva e sem a habilidade de refletir sobre ele (JACOBY, 2010). Essa experiência é essencial para que a criança se sinta acolhida na sua ambivalência de atos naturais e espontâneos, ajudando-a aceitar seus impulsos.

Dessa forma, a ordem inata da criança está em sintonia com a ordem implementada por sua mãe. Se a mãe não for empática o suficiente para estabelecer essa sintonia e dar tempo à criança de fazer os reparos dos seus impulsos, surge um conflito entre a ordem inata própria da criança e a representada pela mãe.

Salientando a importância dos sistemas de apoio e do amor, recebido da mãe ou de um cuidador primário, como promotores de um crescimento bem-sucedido, Araujo (2011) considera que:

[...] o bem-estar e o crescimento são decorrentes de um processo de desenvolvimento, onde existiu um entendimento e um atendimento às necessidades básicas de nutrição, proteção, segurança, valorização e amor, desde idades muito precoces, favorecendo a possibilidade de aproveitar os recursos do ambiente, para treinar as competências necessárias em cada fase da vida. O inverso, estresse elevado e distúrbio, decorrem do não atendimento a estas necessidades básicas e da não aquisição de habilidades. (ARAUJO, 2011, p. 9)

## 4. DESENHO COMO TÉCNICA PROJETIVA

*No Sudoeste Americano, a criança navajo é sensibilizada cedo na vida sobre a ameaça da ubiquidade no seu mundo. [...] Medo e ameaças são usados para controlar as crianças. Dizem-lhes que, se não se comportarem, o grande e cinzento yeibichai as levará e as comerá. O medo é levado à casa por meio de mecanismos dramáticos. Aparecem criaturas mascaradas e ameaçam as crianças durante sua cerimônia de iniciação. Os adultos fazem "corujas" com juncos e paus e as penduram em vários lugares do hogan. Em uma noite escura, a criança facilmente as confunde com feras verdadeiras; ela é advertida de que uma coruja pode levá-la. Esta ameaça é tanto mais sinistra porque as corujas estão associadas a fantasmas e bruxas.*

Yi-Fu Tuan

*Antes eu desenhava como Rafael, mas precisei de toda uma existência para aprender a desenhar como as crianças.*

Picasso

O desenho é uma forma antiga de expressão e sempre fez parte da civilização humana. Os desenhos antecedem a existência da escrita e, desde a pré-história, são usados como códigos de imagens figurativas e simbólicas, como uma forma de comunicação. As pinturas também faziam parte dos ritos como uma preparação para enfrentar a natureza ou para caçar. Na Psicologia, o desenho tem sido utilizado como instrumento no diagnóstico e no seu aspecto projetivo, em uma expressão que integra aspectos conscientes e inconsciente de quem desenha.

Leonardo da Vinci pode ser considerado o pioneiro na interpretação do desenho projetivo. Utilizou em suas obras o processo de contemplação das manchas, feitas com borrões de tinta acidental, com a intenção de criar formas a partir das mesmas. De acordo com Jung (2008), Da Vinci postulou que, independentemente do local em que o olhar se detenha de forma atenta, se inicia um processo de criação. Esse modo de interpretar as imagens é

denominado **pareidolia**, que significa ver coisas familiares em borrões de tinta, feitos originalmente para não terem nenhuma forma definida. É um fenômeno natural do cérebro: a partir de estímulos visuais ou sonoros, somos capazes de enxergar ou simplesmente criar um sentido distinto para algo abstrato que se encaixe nos padrões criados pelo cérebro.

Jung (2008), ao relatar sobre o processo de livre associação de ideias, ressalta que "[...] qualquer forma irregular e acidental é capaz de desencadear um processo associativo" (JUNG, 2008, p. 27). Menciona o caderno de notas de Leonardo da Vinci: "Não deve ser difícil a você parar algumas vezes para olhar as manchas de uma parede, ou as cinzas de uma fogueira, ou as nuvens, a lama e outras coisas do gênero nas quais [...] vai encontrar ideias verdadeiramente maravilhosas." (JUNG, 2008, p. 27).

As crianças usam a pareidolia quando brincam com as formas das nuvens, dando-lhes nomes diversos, que fluem da imaginação, ou quando brincam de jogar tinta em um pedaço de papel e dobrar ao meio para criar formas interessantes e nomeá-las. Segundo Nascimento (2010), esse fato, mais tarde, foi reassumido pela psicologia no Teste de Roscharch, medição por meio de borrões de tinta estampados em diversas pranchas, nas quais a atenção se concentra e começa surgir a criação de variações de imagens. Também poderá ser considerado um marco da interpretação do desenho a observação de Leonardo da Vinci de que o desenho da figura humana traduzia a própria experiência corporal do artista.

A arte representou um papel importante na teoria de Jung; o processo criativo, especialmente o desenho, permite reproduzir o que está invisível e inimaginável, favorecendo tornar acessíveis os conteúdos inconscientes, permitindo, assim, sua compreensão.

O material expressivo permite uma conexão simbólica, como uma ponte, para exteriorizar os conteúdos inconscientes e dissociados, favorecendo sua assimilação e integração à consciência. A abertura de um canal expressivo para concretizar o símbolo permite um rebaixamento das defesas conscientes, favorecendo entrar em contato com as emoções contidas nas imagens.

Jung (2012a) foi o precursor no uso de recursos expressivos em psicoterapia e em seu próprio processo de autoanálise, agindo como um facilitador para trabalhar com o material inconsciente. No processo terapêutico, solicitava ao analisando desenvolver o tema trazido pela imagem do sonho ou fantasia, por meio de uma expressão livre, em um método que reunia a imagem e a ação.

[...] eu aproveitava uma imagem onírica ou uma associação do paciente para lhe dar como tarefa elaborar ou desenvolver estas imagens, deixando a fantasia trabalhar livremente. De conformidade com o gosto ou os dotes pessoais, cada um poderia fazê-lo de forma dramática, dialética, visual, acústica, ou em forma de dança, de pintura, de desenho ou de modelagem. (JUNG, 2012a, p. 150)

As representações gráficas expressam os conteúdos inconscientes de forma visível; os sentimentos são traduzidos em imagens, favorecendo a organização da psique e o diálogo entre inconsciente e consciente. A observação do desenho depois de concluído permite uma distância dos conteúdos, que podem ser temerosos ou ameaçadores para a psique, facilitando seu entendimento e integração à consciência.

Pode-se levar a mente, através de medidas terapêuticas comuns, a uma distância segura do seu inconsciente, por exemplo, induzindo-o a representar sua situação psíquica num desenho ou num quadro. Com isso, o caos, que nos parece impossível compreender ou formular é visualizado e objetivado, podendo então ser observado à distância, analisado e interpretado pela consciência. O resultado deste método parece residir no fato de a impressão originariamente caótica e amedrontadora ser substituída pela imagem que dela faz. O "tremendum" é "desencantado" pela imagem, tornando-se banal e familiar. Quando o paciente se vê ameaçado pelos afetos da experiência originária, as imagens por ele projetadas servirão para aplacar o terror. (JUNG, 2011c, p. 295)

Segundo Hammer (1981), o primeiro teste da figura humana para medir a inteligência por meio dos desenhos foi desenvolvido por Florence Goodenough, em 1926. Posteriormente, Jonh N. Buck, em 1948, observando que não apenas os fatores intelectuais apareciam nos desenhos das crianças, desenvolveu a técnica projetiva do teste Casa-Árvore-Pessoa (H-T-P). Seguindo essa diretriz, Karen Manchover, em 1949, em sua experiência com crianças, observou que elas desenham o que sabem e não o que veem e idealizou o Desenho da Figura

Humana como uma medida projetiva. Hammer (1981) relata, em suas experiências com os desenhos, que as crianças expressam seus sentimentos no papel sem qualquer preocupação com a forma. "Algumas crianças desenharão o que denominam de 'uma linha feliz' ou 'uma linha preguiçosa' ou até 'uma linha nervosa', para expressarem divertimento, tranquilidade, raiva, medo, alegria e tristeza." (HAMMER, 1981, p. 43).

Klepsch e Logie (1984) consideram que as crianças "são capazes de transmitir, em seus desenhos, pensamentos e sentimentos que possivelmente não conseguem expressar na fala ou na escrita. Elas simplesmente não têm palavras para fazê-lo." (KLEPSCH; LOGIE, 1984, p. 16-17). A comunicação pelo desenho, segundo os autores, é básica e segue o caminho dos antigos ancestrais, que, muito antes que surgisse a linguagem escrita, rabiscavam desenhos nas paredes das cavernas, registrando suas necessidades e seus sentimentos.

O desenho é uma atividade apreciada pelas crianças na maioria das culturas. Ao desenhar, a criança pode expressar emoções, sentimentos e pensamentos. A folha de papel é um espaço gráfico que a criança vai lentamente dominando, no início com manchas, rabiscos, traçando linhas, formas e depois figuras. Mèredieu (2006), estudando o desenho infantil, considera que "[...] o espaço gráfico é a princípio o espaço do gesto e de todos os membros que entram em ação para produzir o traço." (MÈREDIEU, 2006, p. 42). No início, antes mesmo do rabisco, a mancha, a superfície que suja e marca, delimita um espaço imaginário. A criança que pinta experimenta uma pluralidade de espaços tácteis, sinestésicos, não tem nenhum compromisso com a figuração. Ao desenhar, os gestos se expandem primeiro para fora do papel, experimentando as bordas, o lápis e os movimentos. Aos poucos, vai diferenciando o limite do papel, o que está dentro e o que existe fora, assim como vai percebendo a relação entre o eu e o outro. A criança não se preocupa com as proporções do que desenha, mas atribui ao desenho uma afetividade.

Um desenho capta simbolicamente no papel algo dos pensamentos e sentimentos do sujeito. Torna visível uma porção do *Self* interior. As

próprias linhas, desenhadas de forma tímida, firmes ou selvagens, nos dão alguma informação. Mais é revelado pelo conteúdo que é grandemente determinado pela maneira na qual o sujeito, consciente ou inconsciente, percebe a si mesmo e as outras pessoas significativas de sua vida. (KLEPSCH; LOGIE, 1984, p. 16)

Arnheim (1980), estudando a psicologia da arte, considera que os desenhos estão ligados à capacidade de organização interna que a criança tem em relação a si mesma e ao mundo. Compara os estágios do desenvolvimento do desenho infantil com os degraus de uma escada. O primeiro degrau não é uma barreira para o segundo, mas um pré-requisito para que se suba ao seguinte. A relação entre as idades das crianças e as etapas pode variar em função dos estímulos que as crianças recebem para experimentar o que desejam expressar livremente e a suas próprias habilidades. Ao longo do desenvolvimento, a noção de organização interna vai se modificando em relação a si mesmo, a cultura e ao próprio ambiente, tornando-se mais complexa e formando redes de conhecimentos. Os primeiros rabiscos da criança, segundo o autor, não têm como objetivo a representação, mas constituem uma forma de atividade motora que leva à experiência fascinante de presenciar o surgimento de algo visível, em um local onde antes não havia nada. A criança exercita os braços de um lado para outro, pois tem necessidade de movimento, e mostra uma forma de vitalidade, em que os traços são determinados pelos movimentos mecânicos dos braços e pelo estado emocional do momento.

Segundo Arnheim (1980), "A representação pictórica deliberada provavelmente tem sua origem motora no movimento descritivo. A mão que traça no ar, uma conversa, a forma de um animal, não está longe de fixar esse traço na areia ou num muro." (ARNHEIM, 1980, p. 162). No início, os movimentos parecem ser incontrolados, mas após algum tempo, a criança descobrirá que pode produzir movimentos e fazer marcas no papel, seguindo sua própria vontade, proporcionando uma experiência que traz confiança de que pode dirigir e controlar seus movimentos. A criança passa a fazer comentários verbais dos desenhos, a dar nome aos seus rabiscos, a suas garatujas, relacionando suas imagens mentais com seus desenhos.

Gradativamente, formas circulares aparecem entre os traços. O círculo, representante da simetria central, é o padrão visual mais simples, a primeira forma organizada que emerge dos rabiscos. As formas circulares são usadas para representar qualquer objeto: uma casa, um cachorro, um carro ou uma pessoa. Mais tarde, o círculo primordial se desenvolve em duas direções: uma é a combinação de vários círculos menores dentro de um maior. "O 'conter' é provavelmente a relação espacial mais simples entre as unidades pictóricas que a criança aprende a dominar." (ARNHEIM, 1980, p. 167). A outra elaboração do círculo faz surgir os raios nos quais as linhas retas irradiam de um círculo central ou de uma combinação de círculos concêntricos.

Nessa etapa, Arnheim (1980) ressalta que a linha reta é a primeira forma de linha concebida pela mente e visualmente a mais simples, representando inicialmente as formas alongadas; braços, pernas e troncos de árvores. Nos primeiros desenhos da figura humana, o círculo representa a figura como um todo, não diferencia a cabeça do tronco e, por isso, o autor considera que a criança é coerente ligando ao círculo pernas e braços. O círculo se estende depois para uma forma oblonga ovóide, que pode conter na parte superior a figura de um rosto e sinais de vestimentas na inferior.

Kellogg (1970), em um estudo detalhado sobre o desenvolvimento da representação gráfica de crianças, acredita que aquilo que o cérebro percebe é em parte a consequência do que ele espera perceber e do que ele está acostumado a perceber. A representação acontece entre o objeto externo e as imagens da organização interna da criança. A percepção das formas aumenta quando a criança usa rabiscos circulares e adiciona uma marca no meio do rabisco. A autora observou que as crianças, aos três anos, espontaneamente desenhavam mandalas, que são frequentemente combinações formadas por um círculo ou quadrado dividido em quartos por uma cruz ou em oitavos divididos por duas cruzes juntas. Os círculos concêntricos ou quadrados também são considerados mandalas, e a autora considera que elas constituem um ponto chave da sequência que conduz do trabalho abstrato às figurações. A criança

prossegue para o desenho dos sóis, provavelmente inspirada pela mandala, e depois desenha os humanos.

Mandala é um símbolo sagrado da religião oriental, que, em sânscrito, significa “círculo”. Segundo Jung (2013e, p. 393), essas imagens circulares podem ser desenhadas, pintadas, dançadas e configuradas plasticamente, sendo a expressão da psique, na tentativa de reunir conteúdos opostos aparentemente irreconciliáveis; um símbolo de concentração, de totalidade.

Lowenfeld e Brittain (1970) consideram que, à medida que as crianças se desenvolvem, sua atividade criadora transforma-se: elas transmitem suas experiências subjetivas do que é importante no momento em que desenhavam. Assim, depois do Estágio das Garatujas, entre os dois e os quatro anos de idade, denominam a etapa seguinte de Estágio Pré-Esquemático: as crianças iniciam as primeiras tentativas de representação, uma fase que, em geral, acontece entre quatro e sete anos de idade.

A próxima fase é o Estágio Esquemático, que habitualmente começa aos sete anos e se estende até aos nove anos. O conceito definido da forma se desenvolve e os desenhos simbolizam partes do seu meio, de um modo descritivo. Esse período mostra uma característica importante: a criança dispõe os objetos retratados em uma linha reta, tomando toda a largura da margem inferior do papel.

Aos nove anos, a criança passa para o Estágio do Realismo Nascente, que geralmente se estende até aos doze anos. Aparece o interesse pelos detalhes, os objetos não são mais colocados em fila no papel e a criança deixa de fazer desenhos grandes e livres, começando a desenhar em dimensões menores.

Por volta dos onze anos, o jovem se conscientiza mais do seu ambiente natural e passa a se preocupar com as proporções e a profundidade em seus desenhos: é o Estágio Pseudonaturalista, o período do raciocínio.

Essas fases do desenvolvimento dos desenhos são geralmente uniformes, principalmente nas crianças menores, no início das representações, em que a cultura tem pouca influência nas suas produções artísticas. Lowenfeld

e Brittain (1970) salientam que a produção dos desenhos será influenciada pelo meio no qual vive a criança, conforme o instrumento utilizado para o desenho. Porém, independentemente do contexto em que a criança se encontre, em geral, seguirá o desenvolvimento dessas fases.

Furth (2004) enfatiza que o conteúdo do desenho é inconsciente e ativa a energia psíquica que está conectada ao complexo. Os traços subjetivos ligados a cor, forma, movimento e tamanho são critérios válidos para a avaliação do desenho, mas o importante é que "[...] no desenho o complexo está entrelaçado com todos os seus componentes de uma forma altamente intrincada. [...] contudo, a avaliação do conteúdo psicológico e do 'sentimento' do desenho é o ponto mais significativo." (FURTH, 2004, p. 76-77). O autor pressupõe que o desenho sempre comunica um sentimento e considera importante perceber que sentimentos o desenho transmite e qual a primeira impressão que se tem ao observar o desenho, de preferência usando apenas uma palavra como: alegre, triste, assustado, medroso ou confiante, para facilitar a compreensão dos sentimentos de quem desenha.

Com um enfoque na aplicação do desenho em grupos e com um tema específico, Tardivo (2013) propõe uma derivação da técnica do Procedimento de Desenhos-Estórias, elaborado por Trinca, com o uso do Procedimento de Desenho-Estórias com Tema. A técnica do Desenho-Estória é composta de dois processos básicos: a forma gráfica e a forma verbal de expressão. O procedimento com um tema, proposto pela autora, é uma derivação a ser utilizada em estudos específicos de determinados temas, e, em atendimentos grupais nos contextos clínico e institucional, "[...] é usado para a compreensão do imaginário coletivo." (TARDIVO, 2013, p. 343).

No presente estudo, pesquisou-se como o medo é representado no desenvolvimento em crianças de seis a onze anos, utilizando seus desenhos e baseando-se em seus aspectos expressivos e projetivos, um recurso que favorece integrar conteúdos conscientes e inconscientes.

Na revisão de literatura sobre o uso do desenho para representar o medo em crianças, nota-se, pelos resultados das buscas realizadas, que diversos

estudos foram elaborados sobre o tema medo, abrangendo as mais diversas formas de sua manifestação: medo na sala de aula, do professor, na adaptação escolar, de tiroteio na escola, de *bullying*, do dentista, de doenças, de cirurgias e transplantes, de guerras, de furacões e tornados, da violência e da insegurança urbana. Não obstante, apenas um dos estudos identificados possui relação com o tema do presente trabalho, que é o estudo realizado na Universidade do Rio de Janeiro por Vilhena et al (2011). As autoras utilizaram o desenho como ferramenta de análise em crianças de 9 a 12 anos de diversas classes sociais buscando mostrar o efeito da violência nas produções subjetivas infantis, mais especificamente o medo. Buscou-se ressaltar o papel da mídia como um potente agenciador de subjetividade no tocante ao estímulo a uma cultura do medo. Os medos recorrentes em crianças da classe alta e média alta foram: ladrão, sequestro e a favela como lugar de perigo. E nas classes populares foram: animais peçonhentos, atropelamento, “caveirão” e balas perdidas.

## 5. OBJETIVOS

### 5.1 Objetivo

O objetivo geral deste estudo é investigar a representação da imagem do medo em crianças de 6 a 11 anos.

### 5.2 Objetivos específicos

- Compreender como o medo evolue com o desenvolvimento em crianças de 6 a 11 anos
- Verificar se a evolução da representação do medo varia segundo o gênero, idade e ambiente social
- Compreender o simbolismo das imagens representadas pelas crianças

## 6. MÉTODO

*Tenho medo de alienígena, a nave pode pousar na minha casa e me levar num  
nevoeiro para um mundo paralelo*  
Menino de onze anos

### 6.1 Características do estudo

Este trabalho caracterizou-se como uma pesquisa de levantamento de dados e como um estudo exploratório compreendido sob o enfoque teórico da Psicologia Analítica, tendo como objetivo principal a observação da evolução da imagem do medo em crianças de 6 a 11 anos. O estudo foi desenvolvido como uma investigação de ordem quantitativa. Posteriormente, com os resultados obtidos na pesquisa quantitativa, foi feita a análise simbólica.

O método de investigação científica dos fenômenos psíquicos pelo qual as pesquisas no paradigma junguiano são conduzidas é denominado **processamento simbólico-arquetípico**<sup>1</sup>. Simbólico porque o eixo central da pesquisa junguiana situa-se no símbolo como fenômeno psíquico a ser investigado. [...] Arquetípico porque a concepção de arquétipo e a qualidade que este imprime à realidade psíquica e à condição do ser humano é o fator essencial desse paradigma e que o distingue de outras abordagens psicológicas. O caráter arquetípico do método de pesquisa junguiana assenta-se na perspectiva ontológica do paradigma. (PENNA, 2014, p.103-104)

### 6.2 Hipótese

A hipótese testada é a de que as desordens, dificuldades e sofrimentos vividos pelas crianças são expressos, em sua maioria, nos desenhos. Considera-se também a hipótese que os medos surgem de formas distintas em cada gênero, idade, ambiente social e, neste estudo, tipo de escola (pública ou particular).

---

<sup>1</sup> O termo **processamento simbólico** foi sugerido por Ceres Alves de Araujo em 2003.

### **6.3 Participantes**

Participaram da amostra 198 crianças, com uma variação na faixa etária de 6 a 11 anos, de ambos os sexos, de uma escola pública e uma escola particular da cidade de São Paulo. A amostra foi escolhida por conveniência.

A faixa etária escolhida refere-se às idades nas quais, em geral, é esperado que a produção de desenhos tenha adquirido formas mais definidas e que a capacidade de simbolização tenha alcançado um desenvolvimento que favoreça sua expressão criativa.

Mèredieu (2006), analisando os desenhos infantis, afirma que:

[...] com a entrada na escola, a aprendizagem da leitura e a descoberta de um universo até então inimaginado amplia-se o repertório da criança. O valor social de alguns objetos e de alguns temas é reconhecido e explorado. O desenho torna-se então o eco dos acontecimentos, modificando ou acentuando a vida social e política que a criança exprime com seus meios técnicos próprios, utilizando um conjunto de estereótipos culturais, profundamente marcados pela ideologia da classe social e do país a que ela pertence. (MÈREDIEU, 2006, p.111-113)

Considera-se também uma faixa de idade em que o interesse pelo desenho mostra-se significativo, favorecendo as representações. A partir dos onze anos, o jovem no início da adolescência, ao adquirir maior consciência do seu papel social, sente a necessidade de fazer parte de um grupo; surge então uma autocrítica acentuada e esses fatores poderão interferir na diminuição da produção dos desenhos. De acordo com Lowenfeld e Brittain (1970, p. 56), "[...] para alguns, essa fase assinala o fim de seu desenvolvimento artístico e, com frequência, encontramos adultos que, quando solicitados para desenhar alguma coisa, fazem um desenho típico dos doze anos".

### **6.4 Instrumentos**

O instrumento utilizado na coleta de dados foi um desenho pedido às crianças acompanhado da pergunta: "O que dá medo para você?". Foi fornecida

uma folha de papel sulfite A4, com material gráfico: lápis preto, lápis de cor, borracha e apontador. Não foram fornecidas instruções específicas quanto ao tipo de material gráfico a ser utilizado nem quanto à posição da folha.

## 6.5 Procedimentos

### 6.5.1 Local da coleta de dados

a. Os locais da coleta dos dados foram uma escola pública e uma escola particular da cidade de São Paulo. Os responsáveis pelas escolas, após aceitarem participar da pesquisa de forma voluntária, assinaram o **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**.

As crianças foram convidadas a participar e tiveram liberdade para aceitar ou recusar o convite.

b. O procedimento aconteceu durante a aula, como uma atividade programada, com duração aproximada de vinte minutos, com todos os participantes fazendo o desenho ao mesmo tempo. Os desenhos foram coletados pela pesquisadora e com a presença da professora na sala.

### 6.5.2 Aplicação dos instrumentos

A pesquisadora entrou em contato com as escolas, a fim de explicar os objetivos da pesquisa e solicitar a assinatura do **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido** aos responsáveis. Após a autorização, as crianças foram convidadas a fazer o desenho e tiveram liberdade para aceitar ou recusar o convite. Os desenhos foram feitos no período normal da aula, como uma atividade programada pela escola, com duração aproximada de vinte minutos. A pesquisadora foi apresentada às crianças pela professora, que solicitou que

fizessem um desenho, explicando que seria utilizado para uma pesquisa para conhecer quais eram os medos das crianças. Os papéis foram distribuídos com acompanhados pela seguinte instrução: "Desenhem o que dá medo para você. Não se preocupem se está certo ou errado, feio ou bonito, apenas desenhem como vocês imaginarem". Na entrega do desenho, foi perguntado: "O que você desenhou e por que isso causa medo?".

No momento da entrega do desenho, foram anotados pela pesquisadora os dados que contextualizam a criança (gênero, idade e nome da escola) no verso da folha desenhada.

## **6.6 Tratamento dos dados**

Os dados coletados, em um primeiro momento, foram submetidos a uma análise quantitativa, levantando-se categorias, a partir da observação dos próprios desenhos das crianças e das explicações dadas por elas, sobre o que foi desenhado e por que aquele determinado desenho causa medo. Os desenhos foram distribuídos em três categorias: Seres e Situações Concretas; Seres Fantásticos e Sobrenaturais; e Imaginário e Projeções do Futuro.

Os dados obtidos por meio dos critérios mencionados anteriormente foram processados pelo programa SPSS 20.0 (Statistical Package for Social Sciences). Esse programa permitiu a aplicação do teste estatístico do  $\chi^2$  (qui-quadrado) adequado ao nível de medida das variáveis envolvidas – qualitativas nominais. O programa Excell foi utilizado para confecção dos gráficos. O nível de significância usado nesta pesquisa foi de 0,05.

Em um segundo momento, os símbolos quantificados nas categorias foram submetidos à análise simbólica, utilizando-se o Método Construtivo de Amplificação Simbólica de Jung. Foi considerado uma frequência igual ou superior a 10% para a análise simbólica das imagens do medo. Na Psicologia Analítica, o método de investigação para a compreensão do símbolo é caracterizado pela amplificação simbólica do material pesquisado. A amplificação simbólica permite que os aspectos individuais das representações

sejam comparados com os simbolismos coletivos, favorecendo a compreensão dos conteúdos dos símbolos que, pelo seu caráter inconsciente, podem ser compreendidos apenas em parte enquanto símbolos. Os simbolismos das imagens dos medos foram estudados apoiando-se na teoria junguiana do inconsciente coletivo, por meio de associações, analogias e comparações com mitos, lendas, contos de fadas e brincadeiras como jogos simbólicos. Também foram considerados os comentários narrados pelas crianças sobre seus medos.

## **6.7 Cuidados éticos**

Foram tomados os cuidados éticos descritos a seguir:

### **6.7.1 Parecer sobre o projeto**

O projeto foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. O parecer sobre o projeto está registrado no CAEE sob o número 50063115.8.0000.5482.

### **6.7.2 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

Foi entregue e explicado pela pesquisadora para o responsável legal e administrativo e assinado. O termo foi elaborado de acordo com a Resolução 196 de 10 de outubro de 1996, do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde, que regulamenta a pesquisa com seres humanos. Este também foi usado para informar os participantes e o responsável pelos participantes, falar das garantias de acesso a informações a qualquer momento da pesquisa e de procedimentos, riscos e benefícios relacionados ou solucionar possíveis dúvidas, informar sobre o direito de retirar o consentimento e deixar de participar do estudo em qualquer tempo sem nenhum prejuízo de qualquer natureza,

informar sobre a confidencialidade, sigilo e privacidade dos participantes em caso de futuras publicações.

### **6.7.3 Termo de Compromisso do Pesquisador**

Este termo de compromisso foi entregue, lido e assinado pela pesquisadora e sua orientadora para o responsável da entidade, comprometendo-se a uma atitude científica ética em seus pressupostos basilares da honestidade, sinceridade, competência e discrição. No documento, a pesquisadora se compromete a: não realizar pesquisa que pudesse gerar riscos às pessoas envolvidas (em especial, aos participantes da pesquisa), não infringir as normas do consentimento informado, comunicar ao responsável pelos sujeitos (pois são menores de idade) todas as informações necessárias para um adequado consentimento informado, incentivando e proporcionando a oportunidade de realização de perguntas, respeitar a negação em participar da pesquisa quando esta partir dos participantes, mesmo com a autorização de seu responsável.

### **6.7.4 Devolutiva**

Os responsáveis pela instituição foram informados sobre a devolutiva, que será efetuada após a conclusão da pesquisa, apresentando os resultados obtidos. A pesquisadora fará uma palestra sobre o assunto para os profissionais da instituição.

## 7. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a análise dos resultados, os desenhos coletados foram distribuídos em categorias. As categorias, por sua vez, foram definidas a partir da observação dos próprios desenhos das crianças, que foram feitos com a instrução: "O que dá medo em você"?

Os desenhos foram divididos por temas e distribuídos em três categorias: Seres e Situações Concretas, Seres Fantásticos e Sobrenaturais e Imaginário e Projeções do Futuro.

Os temas levantados pelos desenhos das crianças, na categoria de Seres e Situações Concretas, foram divididos em duas partes: a primeira refere-se ao medo de animais: répteis, insetos, animais domésticos, peixe, animais selvagens e pássaros. Já a segunda, ao medo de pessoas: ladrão, assassino, assaltante, palhaço, esqueleto e bêbado.

Na categoria de Seres Fantásticos e Sobrenaturais, os temas desenhados referem-se a monstros, seres do mal, fantasmas, vampiros, mortos-vivos, zumbis, dráculas, ETs, demônios e espíritos.

Em relação à categoria Imaginário e Projeções do Futuro, os temas abordados foram o medo da morte dos pais, da própria morte, dos amigos e dos bichos de estimação; o medo do abandono pelos pais, de sentirem-se isolados sem internet, medo do escuro, altura, do futuro, do exorcismo, de doenças, de ir para o inferno e de pesadelos.

As categorias separadas por temas foram analisadas quanto ao gênero, à idade (de 6 a 11 anos) e ao tipo de escola (pública e particular).

## 7.1 Caracterização da amostra

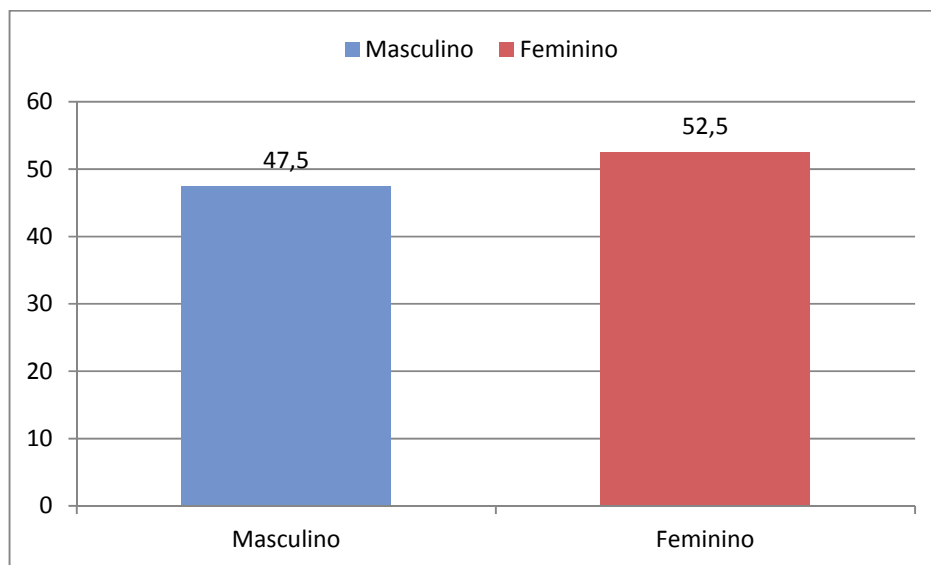
### 7.1.1 Participantes

Os dados relativos às características demográficas da amostra são apresentados nas tabelas e gráficos 1, 2 e 3 a seguir.

**TABELA 1: Distribuição percentual dos participantes quanto ao gênero**

Gênero	N	%
Masculino	94	47,5
Feminino	104	52,5
Total	198	100,0

**GRÁFICO 1: Distribuição percentual dos participantes quanto ao gênero**

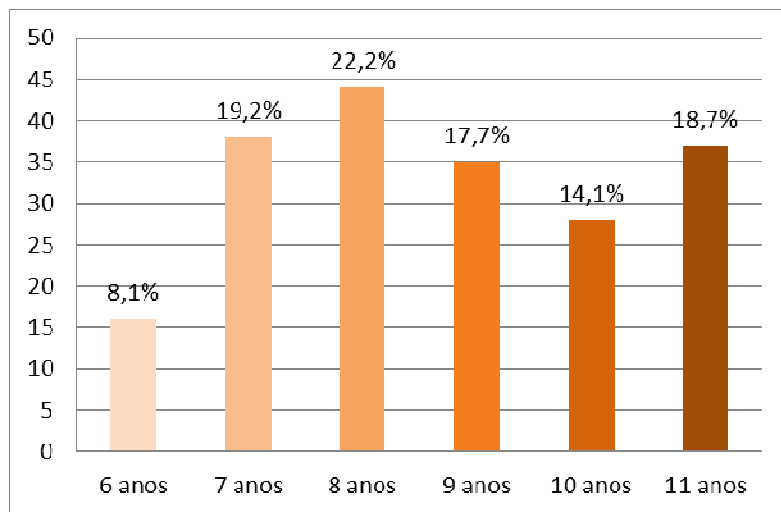


A distribuição quanto ao gênero, conforme a tabela 1 (gráfico 1), mostra-se equilibrada: meninos com 47,5% e meninas com 52,5%. Os resultados estão de acordo com o IBGE (2012), que indica um índice de 47,8% das crianças frequentando a escola para meninos e 52,2% para meninas.

**TABELA 2: Distribuição percentual dos participantes quanto à idade**

Idade	N	%
6 anos	16	8,1
7 anos	38	19,2
8 anos	44	22,2
9 anos	35	17,7
10 anos	28	14,1
11 anos	37	18,7
Total	198	100,0

**GRÁFICO 2: Distribuição dos participantes quanto à idade**



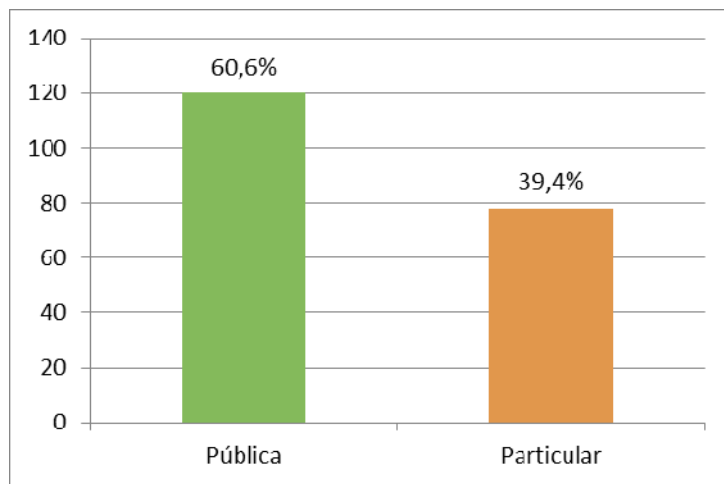
A distribuição das faixas etárias indicada na tabela 2 (gráfico 2) mostra-se relativamente homogênea, com uma diminuição na faixa de crianças com seis anos. Nas duas escolas referidas, o número de crianças dessa faixa etária mostrou-se reduzido em relação às outras faixas.

Os dados do IBGE (2012) apontam que, nas escolas públicas, as matrículas nos anos iniciais são de 16,3% e, nas escolas particulares, de 15,5%. O contingente de matrículas em 2012 apresentou uma variação negativa de 2,2% em relação a 2011. Um aspecto relevante salientado relata que a população de seis anos passou de 3,1 milhões em 2007 para aproximadamente 3,0 milhões em 2011.

**TABELA 3: Distribuição percentual dos participantes quanto ao tipo de escola**

Tipo de Escola	N	%
Pública	120	60,6
Particular	78	39,4
Total	198	100,0

**GRÁFICO 3: Distribuição dos participantes da amostra quanto ao tipo de escola**



Os dados encontrados em relação ao tipo de escola, mostrados na tabela 3 (gráfico 3), indicam que a maioria das crianças é proveniente da escola pública, com um índice de 60,6%, enquanto as crianças provenientes da escola particular têm um percentual de 39,4%.

Os dados da amostra estão de acordo com os do IBGE (2012), que mostram que 83,5% das crianças em idade escolar estão matriculadas nos estabelecimentos de ensino. Desse índice, 37% dos alunos estão na escola estadual, que é o tipo de escola referência deste estudo, e 16,5% estão nas escolas particulares.

### 7.1.2 Número de desenhos

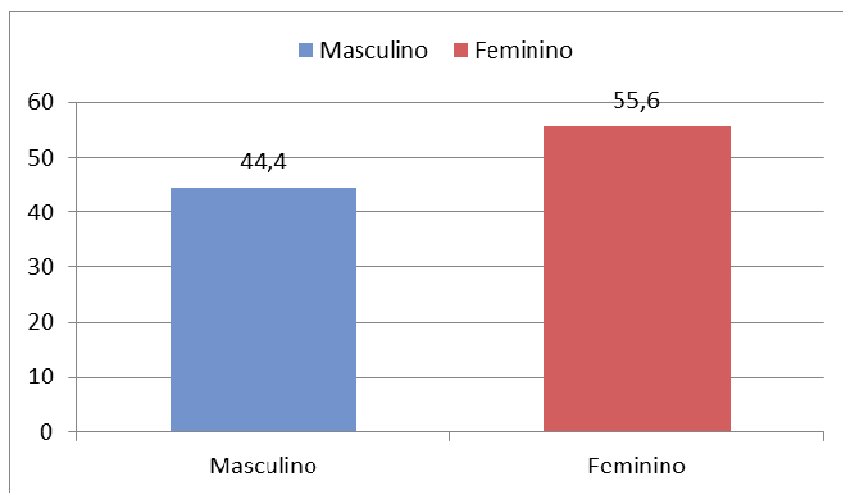
A coleta de dados resultou em um total de 383 desenhos, com a representação de imagens do medo, sendo que 198 crianças participaram da pesquisa. Diante do número tão expressivo de desenhos, decorrente do fato de que algumas crianças desenharam várias imagens do medo, justificou-se basear o estudo estatístico no número de desenhos e não no número de crianças, como era a previsão inicial. Todas as crianças concordaram em participar da pesquisa, após terem sido consultadas. Algumas crianças ficaram em dúvida sobre o que desenhar, outras perguntaram se podiam desenhar quantos medos tivessem, mas todas mostraram-se muito colaborativas. Ao explicar que os desenhos fariam parte de uma pesquisa para conhecer quais eram os medos das crianças, algumas sentiram que a tarefa era muito importante, como uma menina de nove anos que perguntou: "Vou ficar famosa e aparecer na TV?".

Os dados relativos ao percentual do número de desenhos da amostra quanto ao gênero, idade e tipo de escola são apresentados nas tabelas e gráficos 4, 5 e 6 a seguir.

**TABELA 4: Distribuição da amostra do número de desenhos quanto ao gênero**

	%
Masculino	44,4
Feminino	55,6
Total	100,0
N	383

**GRÁFICO 4: Distribuição da amostra do número de desenhos quanto ao gênero**

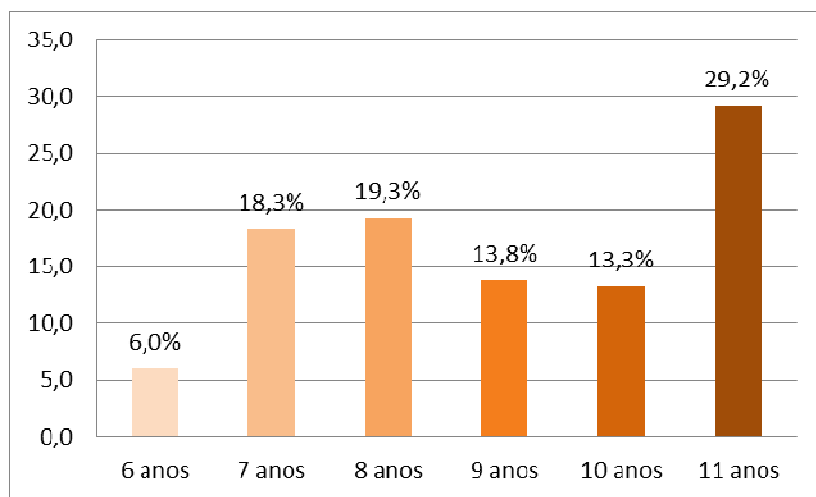


O número de desenhos quanto ao gênero, conforme indicado na tabela 4 (gráfico 4), mostrou-se relativamente equilibrado, com 44,4% de desenhos feitos pelos meninos e 55,6% de desenhos feitos pelas meninas. Considerando que as crianças participaram voluntariamente do estudo, o número maior de desenhos feitos pelas meninas deve-se ao fato de que elas se propuseram a fazer mais desenhos que os meninos.

**TABELA 5: Distribuição da amostra do número de desenhos quanto à idade**

	%
6 anos	6,0
7 anos	18,3
8 anos	19,3
9 anos	13,8
10 anos	13,3
11 anos	29,2
Total	100,0
N	383

**GRÁFICO 5: Distribuição da amostra do número de desenhos quanto à idade**



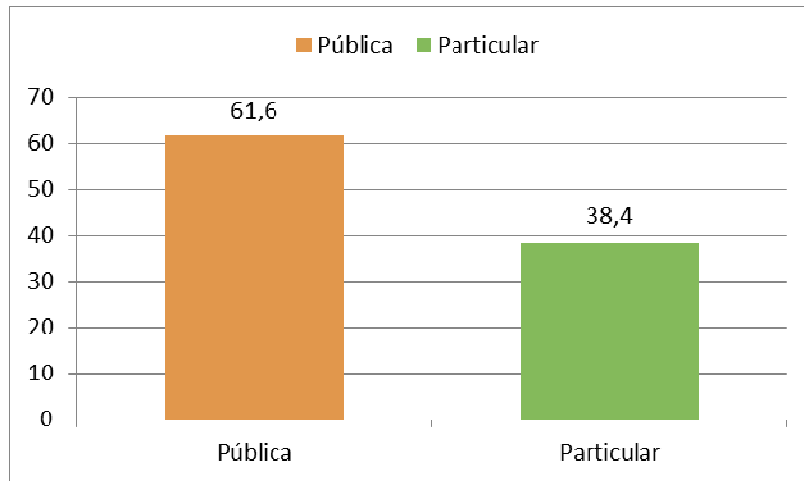
O número de desenhos quanto à idade, de acordo com a tabela 5 (gráfico 5), mostra um percentual menor aos seis anos em relação às outras idades. O número de crianças matriculadas nas escolas, tanto pública quanto particular, é menor nessa faixa de idade

Aos onze anos, as crianças mostraram uma produção maior de desenhos em relação às outras idades. Convém salientar que, quando foram coletados os desenhos, duas classes dessa faixa de idade estavam juntas devido à falta de um professor e todas as crianças se propuseram a desenhar.

**TABELA 6: Distribuição da amostra do número de desenho quanto ao tipo de escola**

	%
Pública	61,6
Particular	38,4
Total	100,0
N	383

**GRÁFICO 6: Distribuição da amostra do número de desenhos quanto ao tipo de escola**



Quanto ao tipo de escola, a tabela 6 (gráfico 6) indica um percentual maior no número de desenhos na escola pública, com 61,6%, em relação à escola particular, com 38,4% dos desenhos. Podemos supor que a escola pública apresenta recursos pedagógicos mais limitados do que a escola particular, o que faz com que os desenhos sejam privilegiados como recurso nas atividades pedagógicas.

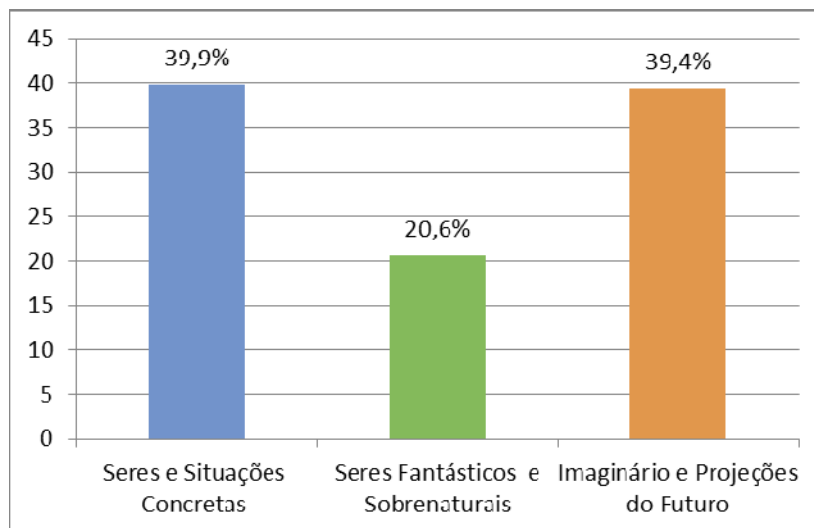
## **7.2 Descrição e análise dos dados das categorias das imagens do medo**

Os desenhos coletados foram distribuídos em três categorias: Seres e situações Concretas; Seres Fantásticos e Sobrenaturais; e Imaginário e Projeções do Futuro. Essas categorias foram analisadas quanto ao gênero, à idade e ao tipo de escola, conforme mostram as tabelas e gráficos 7, 8, 9 e 10 a seguir.

**TABELA 7: Distribuição da amostra do número de desenhos quanto às categorias das imagens do medo**

	%
Seres e Situações Concretas	39,9
Seres Fantásticos e Sobrenaturais	20,6
Imaginário e Projeções do Futuro	39,4
Total	100,0
Figuras	383

**GRÁFICO 7: Distribuição da amostra do número de desenhos quanto às categorias das imagens do medo**



Observamos na tabela 7 (gráfico 7) que as categorias do medo Seres e Situações Concretas – com o índice de 39,9% – e Imaginário e Projeções do Futuro – com 39,4% – obtiveram maior número de desenhos, enquanto a categoria Seres Fantásticos e Sobrenaturais obteve o índice de 20,6% dos desenhos.

Hammer (1981), em seus estudos sobre o simbolismo nos desenhos, observa que a mente humana funciona de maneira mais funcional com imagens concretas do que com abstrações verbais. Salienta que há uma tendência contínua de traduzir ideias e experiências complexas em imagens e símbolos.

A categoria de Imaginário e Projeções do Futuro sinaliza que as crianças se preocupam e relatam seus medos em relação ao futuro. De acordo com Jung (2011d), as crianças naturalmente olham para o futuro e mostram o desejo de tornarem-se adultas, o que pode ser observado em brincadeiras nas quais elas fazem papéis imitando os adultos. O autor salienta que não devemos nos enganar com a "[...] inocência proverbial da criança [...] é justamente na primeira infância que ocorrem sonhos e visões que simplesmente não são infantis" (JUNG, 2011d, p. 193). A criança traz as vivências do coletivo e as expressam nas suas representações.

Na categoria Seres Fantásticos e Sobrenaturais, os desenhos representam principalmente figuras de monstros e seres do mal. As crianças na faixa etária estudada estão ligadas à dimensão mágica e mitológica; elas estão em processo de estruturação do ego e ainda muito próximas ao coletivo, à mente primitiva e aos conteúdos desconhecidos do inconsciente que são projetados em seres sobrenaturais. Segundo Jung (2013c), "[...] o medo infantil é uma repetição da psicologia primitiva, uma relíquia ou resíduo filogenético. É normal que esse resíduo demonstre certa vitalidade [...]" (JUNG, 2013c, p. 42).

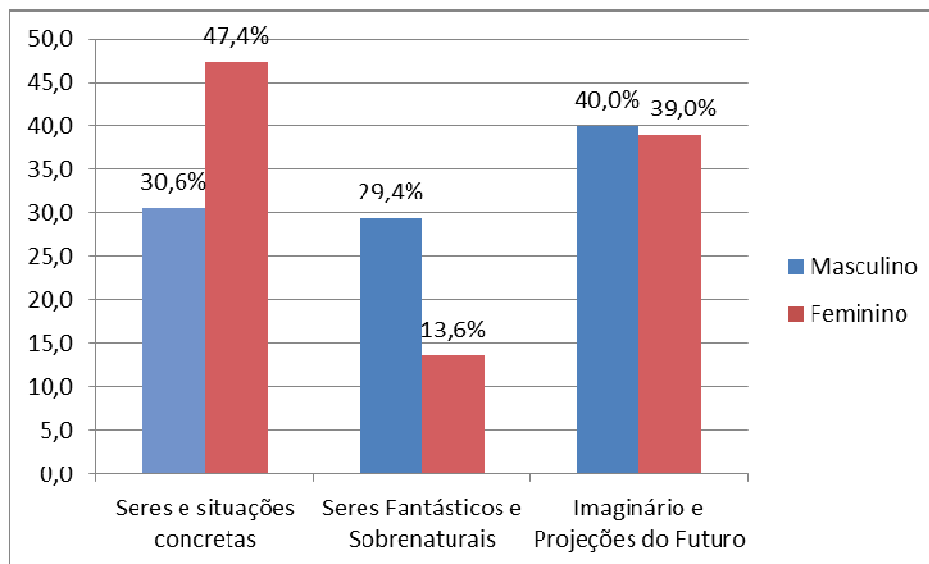
Em suas investigações sobre o medo, Freitas-Magalhães (2014) observou dois tipos de medo: o medo **reativo**, que é o medo de uma situação real, sendo que a ameaça é imediata, e o medo **cognitivo**, que é o medo sentido simplesmente por pensar, sem que esse momento tenha sido experimentado.

Assim, há o medo de que alguma coisa aconteça e a experiência de uma situação de medo. Nos relatos das crianças, pode-se observar os dois tipos de medo. Uma menina de oito anos relata: "Tenho medo de barata porque eu estava dormindo e ela passou em cima de mim, e eu gritei". Segundo o autor, esse seria um medo reativo, pois a experiência de uma situação de medo realmente aconteceu. Já um menino de nove anos conta: "Tenho medo de zumbi, fantasma e vampiro porque posso me transformar neles, eles podem me possuir e mandar eu fazer coisas ruins". Esse seria um medo cognitivo, pois foi pensado; não aconteceu, sendo, portanto, um medo pendente.

**TABELA 8: Distribuição da amostra do número de desenhos quanto às categorias das imagens do medo segundo o gênero**

	Masculino	Feminino	Total
Seres e Situações Concretas	30,6	47,4	39,9
Seres Fantásticos e Sobrenaturais	29,4	13,6	20,6
Imaginário e Projeções do Futuro	40,0	39,0	39,4
Total	100,0	100,0	100,0
Figuras	170	213	383

**GRÁFICO 8: Distribuição da amostra do número de desenhos das categorias das imagens do medo quanto ao gênero**



Nas categorias do medo em relação ao gênero demonstrado na tabela 8 (gráfico 8), o percentual entre meninos e meninas na categoria de Seres e Situações Concretas aponta que as meninas apresentam uma diferença significativa para maior, com 47,4% da produção dos desenhos, enquanto os meninos indicam 30,6% do número de desenhos.

Hollis (2004), analisando o processo de homens e mulheres para se libertarem das sombras do coletivo, enfatiza que "[...] as forças inconscientes, as instituições públicas e as ideologias que nos orientam a vida possuem um

momento de inércia tal que não esperaríamos ocasionar rápida mudança na sociedade e no papel desempenhado pelos sexos" (HOLLIS, 2004, p. 11). O autor salienta o fato de que as imagens que consciente ou inconscientemente dirigem a vida estão sob a sombra das ideologias herdadas da família, do grupo étnico, do próprio país e das suas histórias míticas. Às meninas é dado o direito de ter medo de barata, abelha ou cachorro, pois são consideradas frágeis. Elas, por sua vez, expressam esses medos. Os meninos, pelo contrário, são incentivados a provar sua masculinidade enfrentando esses medos, sendo, portanto, guiados pelo medo do fracasso que carregam dentro de si. Diante de uma prova de coragem, não é dado aos meninos nem o direito de chorar diante de tal medo, e eles sentem-se envergonhados de compartilhar com os outros seus sentimentos de medo. Essas sombras herdadas do coletivo ainda se mostram presentes hoje em dia.

Na categoria Seres Fantásticos e Sobrenaturais, de acordo com a tabela 8 (gráfico 8), os meninos, com 29,4%, mostraram uma diferença significativa para maior em relação às meninas, com 13,6%, no número de desenhos. A diferença acentuada mostra-se principalmente em relação ao medo de monstros. É a fase do herói arquetípico que luta contra as forças do mal, projetadas nas imagens dos monstros e seres sobrenaturais que representam a luta do ego em desenvolvimento frente às forças desconhecidas do inconsciente. Os meninos e as meninas enfrentam suas provas iniciatórias diante dessas forças instintivas. Não existe uma maneira mais qualificada que a outra: cada um utilizará estratégias diferentes para lidar com essas forças ameaçadoras.

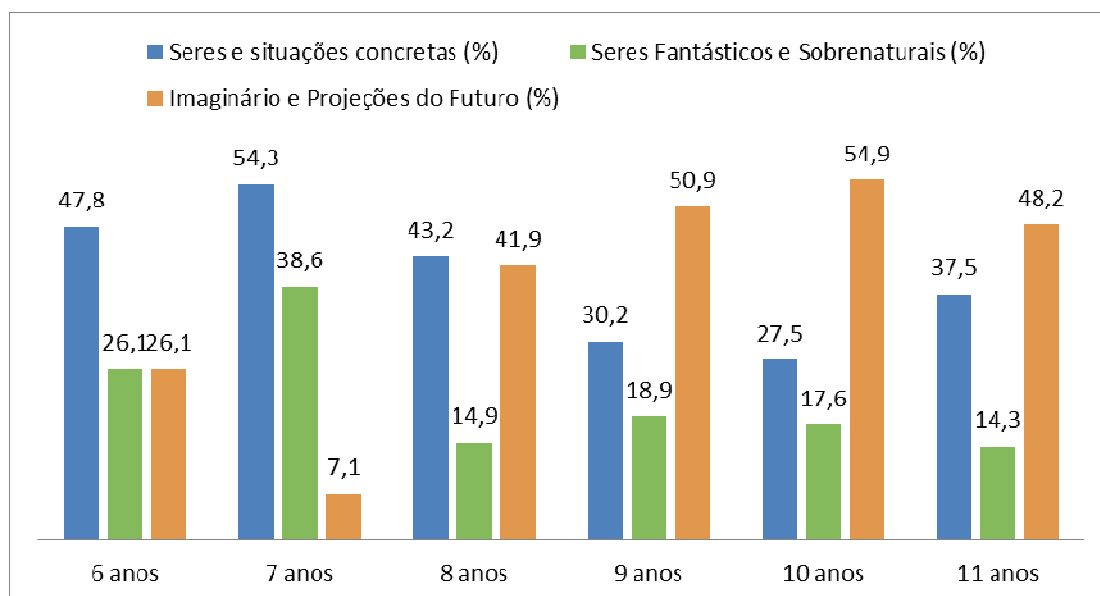
Para os meninos, essas estratégias estão mais relacionadas à virilidade e à força para enfrentar seus monstros e seres sobrenaturais, o que ficou evidenciado na diferença dos resultados. Para as meninas, essas características não se mostraram tão essenciais, atuando mais com suas habilidades relacionais. "O monstro está presente para provocar ao esforço, à dominação do medo, ao heroísmo. Ele intervém nesse sentido em diversos ritos iniciáticos." (CHEVALIER-GHEERBRANT, 2007, p. 615).

Na categoria Imaginário e Projeções do Futuro, conforme indicado na tabela 8, não se observa diferença significativa do número de desenhos entre os meninos, com 40,0%, e as meninas, com um índice de 39,0% dos desenhos.

**TABELA 9: Distribuição da amostra do número de desenhos quanto às categorias das imagens do medo segundo às idades**

CATEGORIAS DAS FIGURAS DE MEDO	6 anos	7 anos	8 anos	9 anos	10 anos	11 anos	Total
Seres e Situações Concretas	47,8	54,3	43,2	30,2	27,5	37,5	39,9
Seres Fantásticos e Sobrenaturais	26,1	38,6	14,9	18,9	17,6	14,3	20,6
Imaginário e Projeções do Futuro	26,1	7,1	41,9	50,9	54,9	48,2	39,4
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Figuras	23	70	74	53	51	112	383

**GRÁFICO 9: Distribuição da amostra do número de desenhos das categorias das imagens do medo segundo às idades**



A categoria de Seres e Situações Concretas, de acordo com a tabela 9 (gráfico 9), indica uma diminuição dos desenhos conforme aumenta a idade na faixa entre nove e dez anos. Jung (2011d, p. 56) afirma que nessa idade "[...] o mundo primordial das condições míticas diminui gradativamente e as figuras

passam a ser contaminadas por aquelas do cotidiano". As relações pessoais da criança com seu meio adquirem maior importância, diminuindo a ligação com os conteúdos primordiais. Nessa idade, a criança afrouxa os laços familiares e passa a ter mais consciência do eu. "A libido que se encontrava vinculada aos pais deixa de ser investida nestes e muitas vezes passa por um processo de introversão, flui para o inconsciente onde constela algo" (JUNG, 2011d, p. 67), sendo que esse processo interfere na produção dos desenhos.

Observa-se na categoria de Seres Fantásticos e Sobrenaturais segundo a tabela 9 (gráfico 9), uma diminuição dos desenhos no decorrer das idades, sugerindo que essas imagens tendem a diminuir com a idade. O processo de conscientização se opõe à natureza e aos instintos e se distancia dos conteúdos inconscientes mais primitivos, ligados ao sobrenatural. "A criança se afasta da coletividade interna e agora precisa diferenciar-se para não se perder na coletividade externa." (JUNG, 2011d, p. 429).

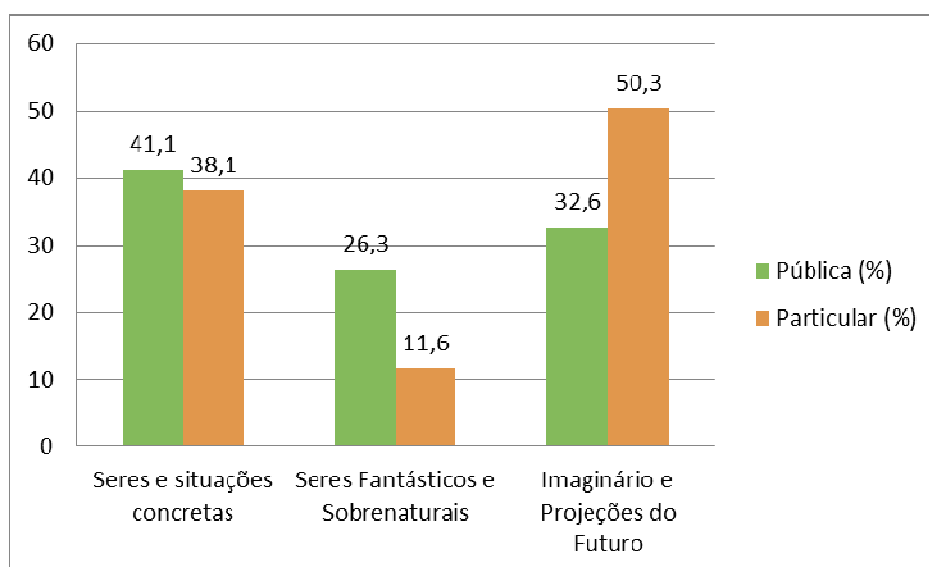
A categoria Imaginário e Projeções do Futuro, indicada na tabela 9 (gráfico 9), mostra que, aos setes anos, há uma diminuição acentuada do percentual em relação às outras idades. Nessa faixa etária, as crianças estão em processo de alfabetização, a atenção se concentra na aprendizagem e a parte cognitiva está sendo muito solicitada. Assim, as imagens atuantes estão mais relacionadas a fatos concretos do mundo ao seu redor e "[...] espera-se da criança que ela se adapte" (JUNG, 2011d, p. 137), sendo que essa adaptação se realiza por meio da expansão da consciência. "[...] a criança precisa aprender a se tornar consciente" (JUNG, 2011d, p. 137). O processo de conscientização, por sua vez, se opõe à natureza e aos instintos.

Lowenfeld (1977) afirma que, em geral, entre os sete e nove anos de idade, o desenho da criança torna-se mais concreto e sai do campo acidental para o campo da consciência. A criança precisará de um período de apaziguamento; repete-se, portanto, o mesmo tipo de figura, e essa repetição atribui à criança um sentido de competência.

**TABELA 10: Distribuição da amostra do número de desenhos das categorias das imagens do medo segundo o tipo de escola**

	Pública	Particular	Total
Seres e Situações Concretas	41,1	38,1	39,9
Seres Fantásticos e Sobrenaturais	26,3	11,6	20,6
Imaginário e Projeções do Futuro	32,6	50,3	39,4
Total	100,0	100,0	100,0
Figuras	236	147	383

**GRÁFICO 10: Distribuição da amostra do número de desenhos das categorias das imagens do medo segundo o tipo de escola**



A categoria Seres e Situações Concretas, conforme a tabela 10 (gráfico 10), não indica diferença significativa no número de desenhos entre a escola pública, com um percentual de 41,1%, e a escola particular, com um índice de 38,1% dos desenhos.

Na categoria de Seres Fantásticos e Sobrenaturais, de acordo com a tabela 10 (gráfico10), a escola pública, com 26,3%, aponta um índice maior que a escola particular, com 11,6% dos desenhos. Podemos supor que essa diferença reflete um contato maior das crianças da escola pública com filmes,

jogos digitais com imagens de monstros, fantasmas e seres sobrenaturais, o que não aparece como expressivo na escola particular. As crianças da escola pública convivem com uma rotina em que os pais, em geral, trabalhadores por longos períodos, deixam as crianças sozinhas, aos cuidados dos irmãos mais velhos ou de pessoas vizinhas. Além disso, os pais (e mesmos os outros cuidadores) não exercem uma disciplina tão rígida tanto nas escolhas dos filmes ou jogos digitais quanto no número de horas que podem ficar nessas atividades. Fato contrário é relatado pelas crianças da escola particular, cujos pais, em geral, exercem maior controle tanto em relação à qualidade dos filmes e jogos quanto em relação ao número de horas que as crianças ficam nessas atividades.

Em relação à categoria Imaginário e Projeções do Futuro, conforme indicado na tabela 10 (gráfico 10), a escola particular, com 50,3% do número dos desenhos, mostra um percentual superior e significativo em relação à escola pública, com 32,6% dos desenhos. Essa diferença acentuada está relacionada em sua maioria, ao medo da morte dos pais. As crianças da escola particular relataram o medo de seus pais morrerem, principalmente em decorrência de suas casas serem invadidas por ladrões ou assaltantes. Esse medo mostrou-se mais relevante na escola particular do que na escola pública. Na nossa sociedade atual, as crianças da escola pública convivem com uma rotina na qual assaltos, balas perdidas e tiroteios acontecem muito frequentemente, não só ao redor de suas casas, mas também na escola que frequentam. Essas crianças têm medo que os pais morram em assaltos que ocorrem nas ruas ou por causa de balas perdidas, mas elas mostram pouca preocupação com a invasão de assaltantes em suas casas. As crianças da escola pública moram ao redor da escola, em habitações simples, e os pais têm uma situação financeira modesta, que não desperta motivos para serem assaltados dentro de casa. As crianças da escola particular, ao contrário, possuem casas de padrão mais elevado, morando muitas vezes em condomínios fechados e vigiados. Assim, a situação econômica é mais privilegiada e as crianças convivem com o medo da morte dos pais em decorrência de suas casas serem invadidas e/ou assaltadas. Enfatizando o fato de que as crianças da escola pública convivem com a

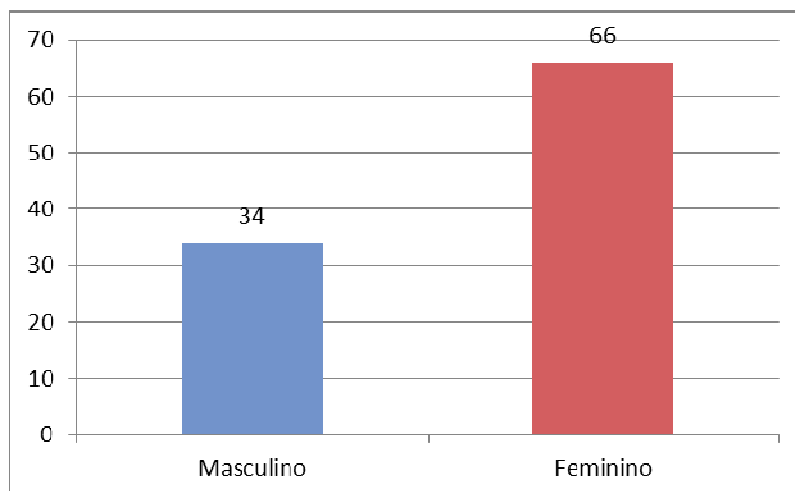
violência de assaltantes e bandidos, na véspera do dia em que a pesquisadora coletou os desenhos dessa escola, segundo o relato da diretora, a escola foi invadida por policiais que, ao iniciarem um tiroteio com assaltantes, fizeram dos muros da escola um escudo contra eles. Essa situação aconteceu na hora do recreio, com as crianças espalhadas por todo o espaço da escola, ficando expostas a todo esse perigo.

### 7.2.1 Seres e Situações Concretas

**TABELA 11: Distribuição da amostra do número de desenhos da categoria Seres e Situações Concretas quanto ao gênero**

	N	%
Masculino	52	34,0
Feminino	101	66,0
Total	153	100,0
$\chi^2 = 15,693$		$p < 0,001$

**GRÁFICO 11: Distribuição da amostra do número de desenhos da categoria Seres e Situações Concretas quanto ao gênero**



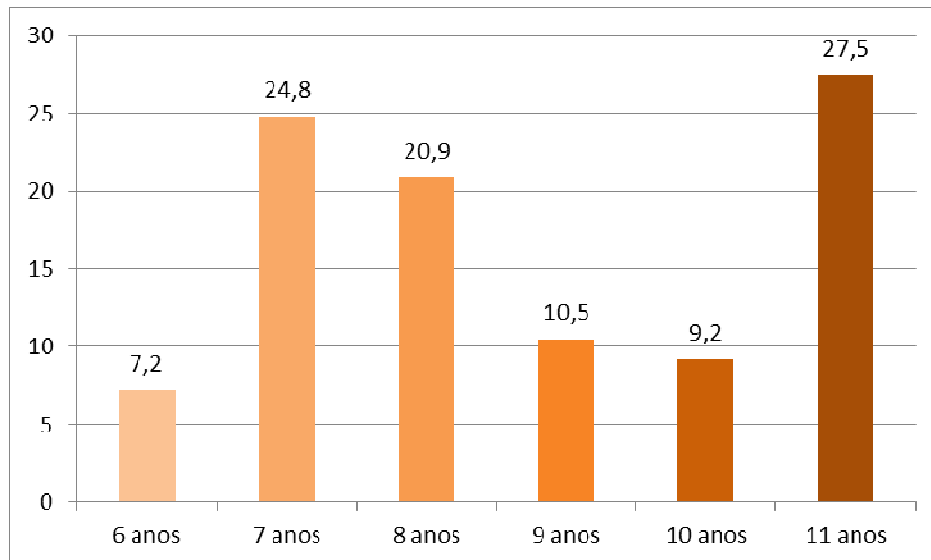
Os desenhos da categoria Seres e Situações Concretas, de acordo com a tabela 11 (gráfico 11), apontam que as meninas, com um percentual de 66,0%, apresentam quase o dobro de desenhos nessa categoria do que os meninos, com 34,0% dos desenhos. Essa diferença significativa pode ser atribuída às figuras de animais, de ladrões e de assaltantes desenhadas pelas meninas, mostrando seus medos, sendo que essas imagens não foram tão expressivas nos desenhos dos meninos.

Os meninos são levados a reprimir esses medos, cumprindo o que culturalmente se espera deles (que não tenham medos porque são homens), escondendo, assim, seus reais sentimentos, fato também considerado por Jung (2011d) ao lidar com o medo de meninos.

**TABELA 12: Distribuição da amostra do número de desenhos da categoria Seres e Situações Concretas quanto à idade**

	N	%
6 anos	11	7,2
7 anos	38	24,8
8 anos	32	20,9
9 anos	16	10,5
10 anos	14	9,2
11 anos	42	27,5
Total	153	100,0
$\chi^2 = 21,481$		$p < 0,001$

**GRÁFICO 12: Distribuição da amostra do número de desenhos da categoria Seres e Situações Concretas quanto à idade**



Na amostra da tabela 12 (gráfico 12), o número de desenhos dos medos dessa categoria indica uma oscilação, apontando uma diminuição até os dez anos e depois um aumento na faixa dos onze anos. A diminuição é esperada durante o desenvolvimento, considerando o afastamento das crianças com a idade dos conteúdos mais instintivos. O aumento dos desenhos aos onze anos pode ser explicado pelo fato de que, nessa faixa de idade, as crianças estão no início da adolescência e os medos antes atribuídos aos animais e aos aspectos mais instintivos retratam agora os medos mais ligados ao mundo ao seu redor, que fazem parte de seu cotidiano.

Carter (2012), ao descrever o cérebro em desenvolvimento, afirma que o cérebro adolescente está equipado para lidar com os desafios intelectuais e sociais que surgem nessa etapa do processo. As áreas espacial, sensorial, auditiva e da linguagem, ligadas aos lobos parietal e temporal, em geral se desenvolvem, mas o córtex pré-frontal, essencial para o pensamento e para o planejamento, ainda está em desenvolvimento e, portanto, acredita-se que os adolescentes dependam em grande parte da amígdala, que atua na emoção do

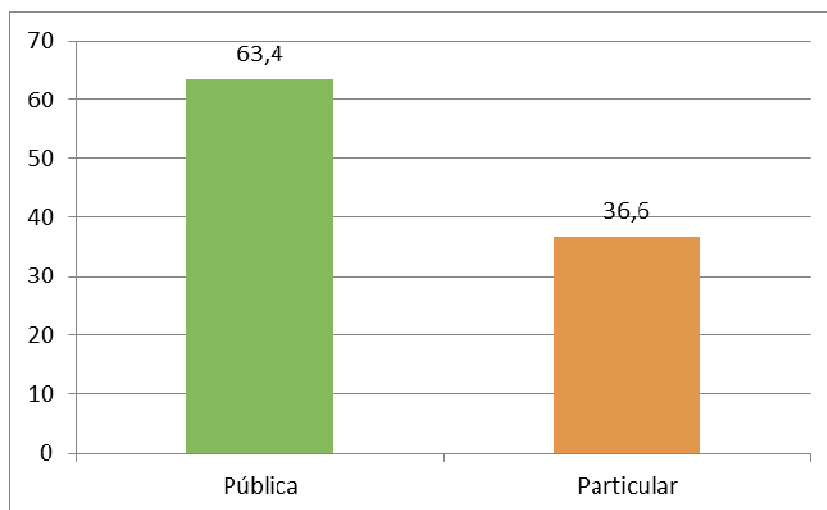
medo, detectando informações internas e externas em relação ao nível de ameaça e significado, para processar as informações emocionais. A autora relata que:

Em estudo recente com imagens de ressonância magnética, monitorou-se respostas cerebrais de adolescentes a uma série de imagens. Diante da fotografia de uma pessoa expressando medo, os voluntários adultos identificaram a emoção corretamente, mas muitos dos adolescentes notaram uma emoção diferente, como espanto ou raiva. Descobriu-se que eles usavam uma parte diferente do cérebro ao processar as informações emocionais. (CARTER, 2012, p. 203)

**TABELA 13: Distribuição da amostra do número de desenhos da categoria Seres e Situações Concretas quanto ao tipo de escola**

Tipo de escola	N	%
Pública	97	63,4
Particular	56	36,6
Total	153	100,0
$\chi^2 = 10,987$		$p < 0,001$

**GRÁFICO 13: Distribuição da amostra do número de desenhos da categoria Seres e Situações Concretas quanto ao tipo de escola**



Na tabela 13 (gráfico 13), o número de desenhos de Seres e Situações Concretas mostra que a escola pública, com 63,4% do número de desenhos,

tem um percentual muito acima da escola particular, com 36,6% dos desenhos. Podemos atribuir essa diferença significativa em grande parte ao número de desenhos indicando medo de animais, que foi mais salientado na escola pública. As crianças da escola pública moram próximas à escola, um local onde há falta de saneamento básico, o que propicia o aparecimento de animais como os relatados (ratos, baratas, aranhas e cobras). O medo de rato, evidenciado pelas crianças da escola pública, relaciona-se àqueles ratos vindos dos esgotos. Inclusive, algumas crianças relataram os medos desses animais porque viveram situações nas quais ratos, baratas e aranhas passaram sobre elas enquanto dormiam e acordaram assustadas ao depararem-se com esses animais. De acordo com Freitas-Magalhães (2014), esses são medos reativos, pois são reais e vividos pelas crianças.

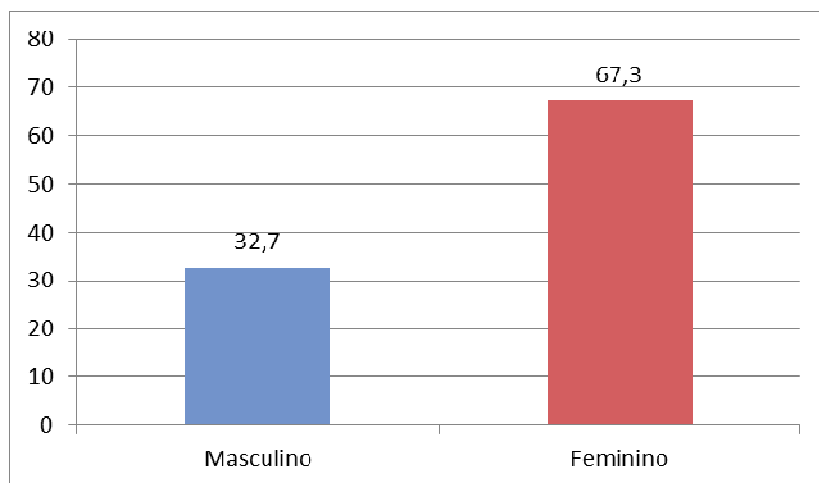
#### 7.2.1.1 Medo de Animais

As tabelas e gráficos 14, 15 e 16 a seguir referem-se ao número de desenhos quanto ao gênero, idade e tipo de escola.

**TABELA 14: Distribuição da amostra do número de desenhos da categoria Seres e Situações Concretas – Medo de Animais quanto ao gênero**

<b>ANIMAIS</b>		
	<b>N</b>	<b>%</b>
Masculino	36	32,7
Feminino	74	67,3
Total	110	100
	$\chi^2 = 13,127$	$p < 0,001$

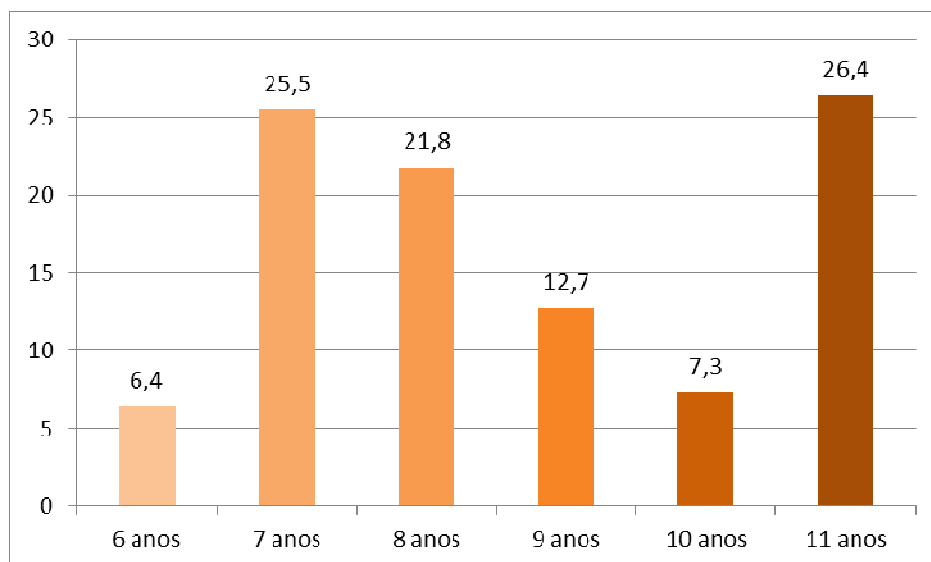
**GRÁFICO 14: Distribuição da amostra do número de desenhos da categoria Seres e Situações Concretas – Medo de Animais quanto ao gênero**



**TABELA 15: Distribuição da amostra do número de desenhos da categoria Seres e Situações Concretas – Medo de Animais quanto à idade**

ANIMAIS		
Idade	N	%
6 anos	7	6,4
7 anos	28	25,5
8 anos	24	21,8
9 anos	14	12,7
10 anos	8	7,3
11 anos	29	26,4
Total	110	100
$\chi^2 = 26,909$ $p < 0,001$		

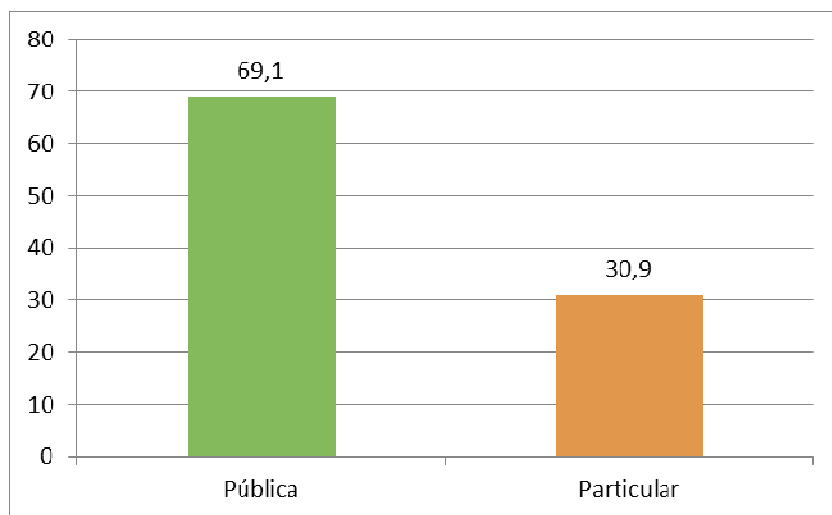
**GRÁFICO 15: Distribuição da amostra do número de desenhos da categoria Seres e Situações Concretas – Medo de Animais quanto à idade**



**TABELA 16: Distribuição da amostra do número de desenhos da Categoria Seres e Situações Concretas – Medo de Animais quanto ao tipo de escola**

ANIMAIS		
Tipo de Escola	N	%
Pública	76	69,1
Particular	34	30,9
Total	110	100
	$\chi^2 = 16,036$	$p < 0,001$

**GRÁFICO 16: Distribuição da amostra do número de desenhos da categoria Seres e Situações Concretas – Medo de Animais quanto ao tipo de escola**



De acordo com a tabela 14 (gráfico 14), as meninas, com 67,3% do número de desenhos, mostraram mais medo dos animais que os meninos, com 32,7% dos desenhos. Como explicado anteriormente, às meninas é permitido demonstrar esses medos, ao contrário do que acontece com os meninos, que procuram escondê-los. Em relação à idade, a tabela 15 (gráfico 15) indica que o número de desenhos referente à categoria Medo de Animais mostra uma oscilação, diminuindo conforme aumenta a idade; entretanto, aos onze anos volta a aumentar. Essa oscilação sinaliza que, com a consciência maior dos perigos nessa faixa de idade, os medos voltam a aumentar. Em comparação com as escolas, conforme indicado na tabela 16 (gráfico 16), o Medo de Animais aparece em maior porcentagem na escola pública, com 69,1% dos desenhos, enquanto a escola particular apresentou um índice de 30,9% dos desenhos. As crianças da escola pública convivem com muitos dos animais que demonstraram medo, sugerindo assim que essa convivência colabora para aumentar o medo de animais.

O medo de animais pode ser explicado pelo próprio simbolismo de representar a natureza mais instintiva e primitiva do ser humano, pois a criança

ainda está muito próxima dessa natureza. Os animais enquanto representantes dos conteúdos instintivos e temerosos do inconsciente podem simbolizar para as crianças aspectos reprimidos, ainda não aceitos pelo ego em desenvolvimento.

Jung (2011d, p. 58), reafirmando nossa natureza arcaica, enfatiza que "[...] nosso desenvolvimento começa no inconsciente. Se não tomamos consciência desse fato, esquecemos que descendemos do reino animal. [...] o corpo é animal; a alma do nosso corpo é animal".

As crianças passam a ter medo dos animais, de acordo com Yi-Fu (2005), a partir dos cinco anos, quando os movimentos bruscos dos animais causam susto e temor. Animais grandes, peludos, em função do tamanho e formas diferentes, produzem sinais para se ter cautela e podem causar medo.

Jaffé (2008), analisando os simbolismos das artes plásticas, enfatiza que a grande quantidade de símbolos animais nas artes e religiões de todos os tempos ressalta a importância vital do ser humano integrar seus instintos por meio dos símbolos. "Mas no homem, o 'ser animal' (que é a sua psique instintiva) pode tornar-se perigoso se não for reconhecido e integrado na vida do indivíduo" (JAFFÉ, 2008, p. 321). Afirma ainda que o ser humano primitivo precisa domar o animal que existe dentro dele e o ser humano civilizado precisa torná-lo um companheiro, cuidar do seu eu e fazer dele um amigo. Nos ritos primitivos de iniciação, o chefe da tribo não só se disfarça de animal, mas ele incorpora o próprio animal. Ainda hoje, em sociedades modernas (como o Japão) os antigos dramas do teatro Nô são apresentados, utilizando-se máscaras de animais com a mesma função simbólica que transforma em imagem arquetípica quem as utilizar. Além disso, as crianças, em suas brincadeiras, muitas vezes fazem papel de animais e se identificam com eles, incorporando suas qualidades, o que permite entrar em contato com seus próprios instintos.

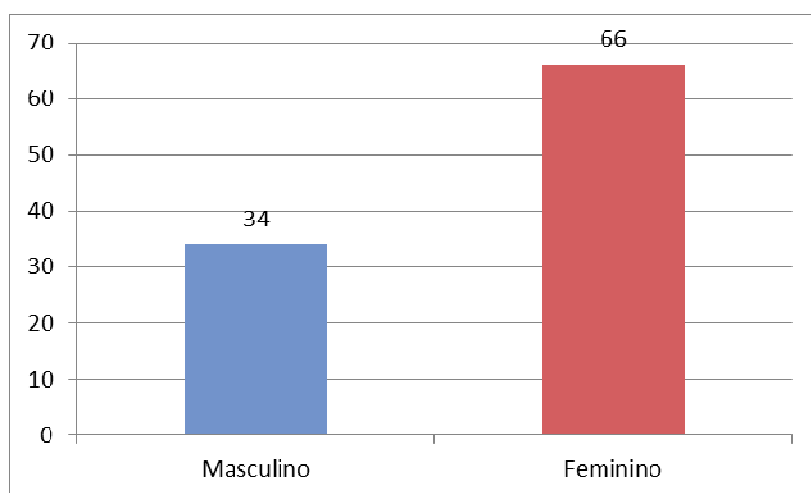
### 7.2.1.2 Medo de Pessoas

As tabelas e gráficos 17, 18 e 19 referem-se ao medo de pessoas quanto ao gênero, idade e tipo de escola.

**TABELA 17: Distribuição da amostra do número de desenhos da categoria Seres e Situações Concretas – Medo de Pessoas quanto ao gênero**

Seres e Situações Concretas		
Gênero	N	%
Masculino	52	34,0
Feminino	101	66,0
Total	153	100,0
$\chi^2 = 15,693$	$p < 0,001$	

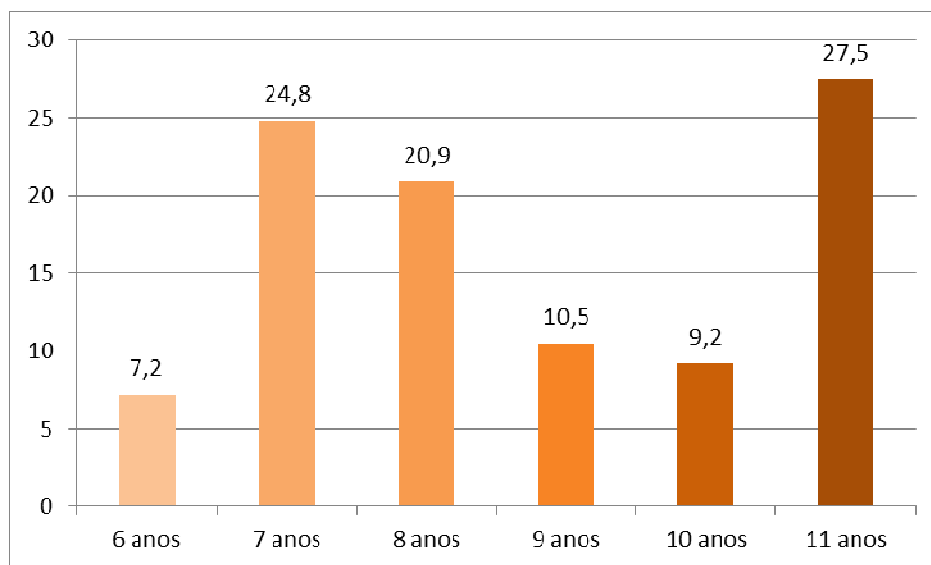
**GRÁFICO 17: Distribuição da amostra do número de desenhos da categoria Seres e Situações Concretas – Medo de Pessoas quanto ao gênero**



**TABELA 18: Distribuição da amostra do número de desenhos – Medo de Pessoas quanto à idade**

Idade	N	%
6 anos	11	7,2
7 anos	38	24,8
8 anos	32	20,9
9 anos	16	10,5
10 anos	14	9,2
11 anos	42	27,5
Total	153	100,0
$\chi^2 = 21,481$		$p < 0,001$

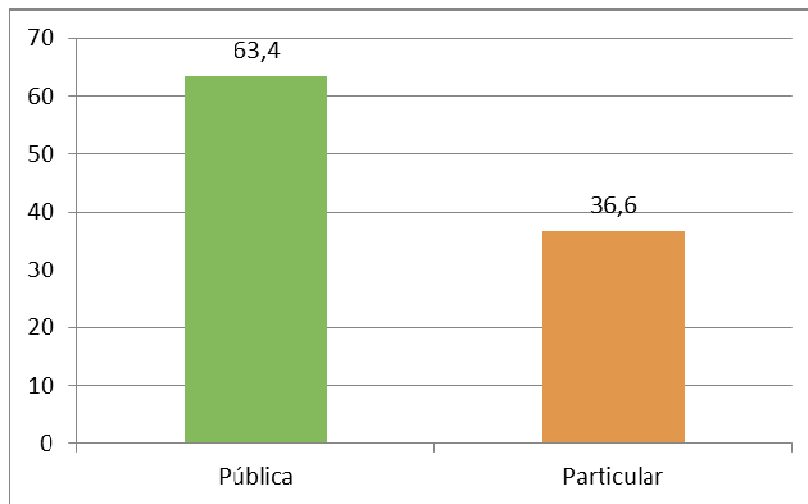
**GRÁFICO 18: Distribuição da amostra do número de desenhos da categoria Seres e Situações Concretas – Medo de Pessoas quanto à idade**



**TABELA 19: Distribuição da amostra do número de desenhos na Categoria Seres e Situações Concretas – Medo de Pessoas quanto ao tipo de escola**

Tipo de escola	N	%
Pública	97	63,4
Particular	56	36,6
Total	153	100,0
$\chi^2 = 10,987$		$p < 0,001$

**GRÁFICO 19: Distribuição da amostra do número de desenhos da categoria Seres e Situações Concretas – Medo de Pessoas quanto ao tipo de escola**



De acordo com a tabela 17 (gráfico 17), as meninas, com 66,0% do número de desenhos, apresentaram um percentual maior do Medo de Pessoas do que os meninos, com um índice de 34,0% dos desenhos. As meninas demonstraram mais seus medos do que os meninos, que procuraram ocultá-los.

Em relação à idade, segundo a tabela 18 (gráfico 18), o Medo de Pessoas mostra uma oscilação, indicando uma diminuição dos desenhos conforme aumenta a idade; porém, aos onze anos o percentual volta a aumentar. O jovem que está iniciando os primeiros passos para a saída da proteção familiar está mais consciente dos perigos a sua volta, o que faz aumentar o seu medo.

Na tabela 19 (gráfico 19), observamos que a escola pública, com 63,4% número de desenhos, sinaliza mais imagens de medo de pessoas que a escola

particular, com 36,6% dos desenhos. As crianças da escola particular têm medo do que possa vir a acontecer no confronto com ladrões e assaltantes, mas as crianças da escola pública convivem na sua rotina com ladrões e assaltantes que se misturam como outras pessoas na vida da comunidade que fazem parte. E conforme relatado por algumas crianças, os assaltantes podem ser até seus vizinhos e essa convivência aumenta seus medos em relação a eles. Quando as crianças se encontram ainda protegidas pelo círculo familiar, vivenciando mais segurança, ou estão em um movimento para sair deste, em geral, o estranho e o desconhecido causam medo e estranheza.

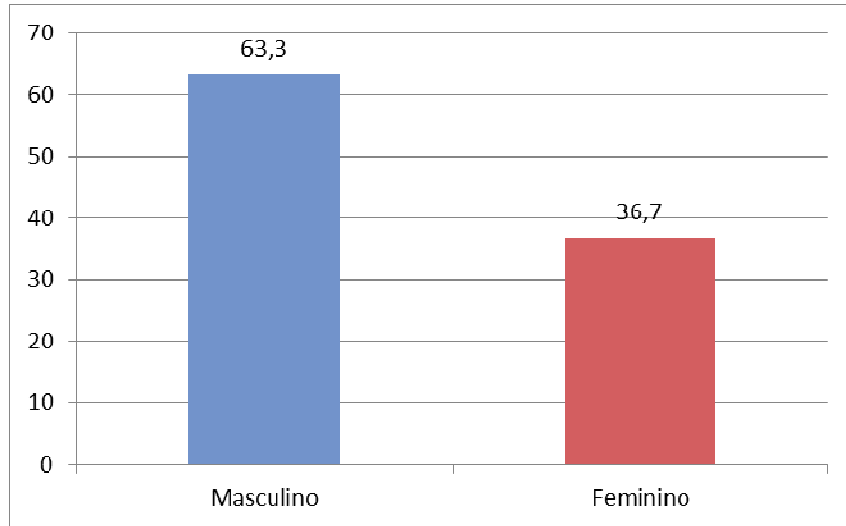
As pessoas são a maior fonte de segurança para a criança, mas poderão ser também a causa dos medos. A mãe ou o cuidador primário nem sempre é confiável, podendo ser arbitrário no seu comportamento e humor, ser indiferente às necessidades da criança e trair sua confiança. Assim, a criança poderá expressar esses medos nas imagens dos ladrões e assaltantes. De acordo com Shore (2012), a criança, desde o nascimento, percebe a sua dependência da mãe ou do cuidador primário para sobreviver; quando não recebem a segurança necessária no vínculo de um apego seguro, podem mostrar comportamentos medrosos e inseguros.

### **7.2.2 Seres Fantásticos e Sobrenaturais**

**TABELA 20: Distribuição da amostra do número de desenhos da categoria Seres Fantásticos e Sobrenaturais quanto ao gênero**

Gênero	N	%
Masculino	50	63,3
Feminino	29	36,7
Total	79	100,0
	$\chi^2 = 5,582$	$p < 0,02$

**GRÁFICO 20: Distribuição da amostra do número de desenhos da categoria Seres Fantásticos e Sobrenaturais quanto ao gênero**



O número de desenhos nessa categoria, conforme indica a tabela 20 (gráfico 20), os meninos, com 63,3% do número dos desenhos, indicam um percentual maior que as meninas, com 36,7% dos desenhos. Essa diferença está relacionada, principalmente, ao maior número de desenhos dos meninos com figuras de monstros e seres do mal. Entretanto, essas figuras não foram significativas nos desenhos das meninas.

Os conteúdos autônomos do inconsciente, ou seja, os complexos, segundo Jung (2012a), foram projetados pela mente primitiva em seres sobrenaturais. Os conteúdos estranhos e incompreensíveis foram personificados em espíritos, demônios e deuses e criaram imagens de seres invisíveis, exigentes e mais poderosos e perigosos que o ser humano. Seriam seres habitantes de um mundo invisível, mas ligados a realidades terrestres e identificados com estas. "Nosso mundo, pelo contrário se libertou dos demônios, até ao último resquício, mas os conteúdos autônomos e suas exigências permaneceram" (JUNG, 2012a, p. 327).

Yi-Fu (2005) afirma que o medo humano do sobrenatural, em grande parte, provém das próprias pessoas, que, por um lado, ajudam a manter e a sustentar o mundo, mas, por outro, também colaboram para amedrontar. O autor, pesquisando como o medo se apresenta nos seus diferentes aspectos e

culturas, salienta que ainda hoje "[...] um método comum usado para disciplinar as crianças é inculcar-lhes o medo, inclusive de figuras vingativas como bicho-papão, bruxas e fantasmas." (YI-FU, 2005, p. 15).

Usando a imagem do fogo para exemplificar que o medo difere na origem dos conteúdos psíquicos que irrompem na consciência, Jung (2012a) explica que, assim como não duvidamos que a chama do fogo pode queimar, também não duvidamos da realidade do medo do sobrenatural: temos medo que possa aparecer um espírito e que nossos pensamentos se defendam, tratando a aparição como se fosse uma ilusão.

Mas, da mesma forma que o fogo é uma imagem psíquica de um processo físico, [...] assim também o medo que tenho de fantasmas é uma imagem psíquica do mundo espiritual, tão real quanto o fogo, porque o medo que eu sinto é tão real quanto a dor causada pelo fogo. (JUNG, 2012a, p. 311)

Os monstros são as imagens dentro dessa categoria que mais causam medo nas crianças, principalmente nos meninos. As imagens assustadoras que as crianças relatam são vistas nos filmes, *games* e televisão. Os monstros desenhados foram: palhaços assassinos, boneca do mal, Chuck, Jason, Michael Myers, Maria Sangrenta, Annabelle, Freddy Krueger, Pânico, Saw, Slender Man, Jeff the Killer, zumbis, lobisomens, Drácula e vampiros. Todos eles atuam como seres humanos, cometendo atos violentos que podem até matar.

As crianças contaram que, mesmo sentindo medo, gostam de assistir aos filmes de terror e de brincarem com jogos que tenham imagens monstruosas. Elas sentem-se atraídas por esses medos. Andrade e Cohen, em sua pesquisa citada por Loiola ([2013?]), concluíram que as pessoas são capazes de sentir emoções mistas de pavor e prazer ao mesmo tempo nos momentos mais assustadores, enquanto assistem cenas de filmes de terror.

Entretanto, não são todas as pessoas que sentem pavor e prazer com cenas assustadoras. Essa diferença é explicada pelo psiquiatra Dalgarrondo, segundo Loiola ([2013?]), que aponta um mecanismo mental chamado distanciamento. "É preciso uma distância psicológica para que a narrativa de

terror não fique real demais e saia do controle" (LOIOLA, [2013?]). Assim, quem não sente prazer com o terror envolve-se tanto com a história e sente tanto desconforto que bloqueia a diversão de saber que as cenas não são reais ou então não acredita em nada do que está sendo protagonizado.

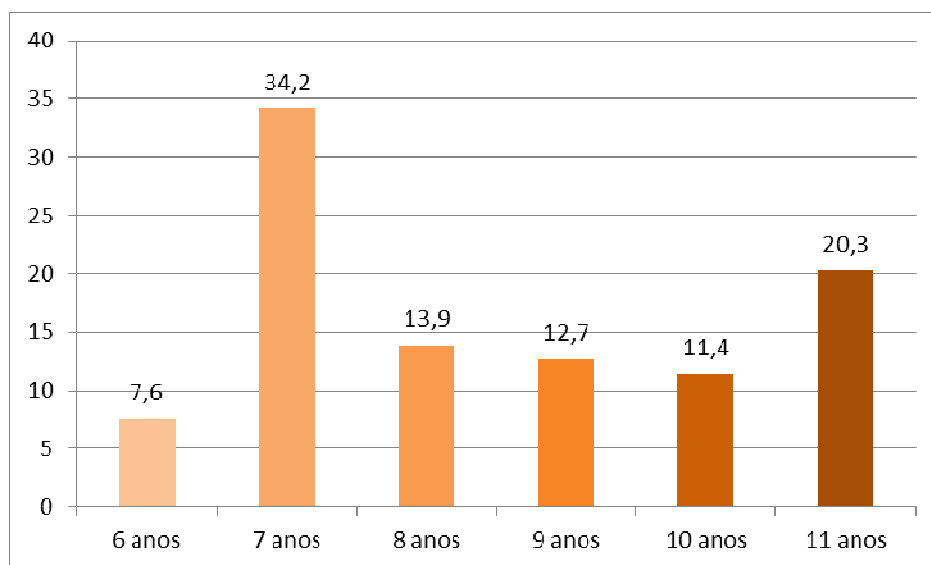
‘Nossa mente é tão complexa que consegue associar o pavor a algo tão completamente oposto como o prazer’, afirma Márcio Bernik, diretor do Laboratório de Ansiedade do Instituto de Psiquiatria da USP. ‘A intensidade do medo gera a parte física, com o suor nas mãos e o coração batendo, mas os sentimentos, pensamentos, emoções associadas a isso são condicionados. Por isso é possível transformar os estímulos do terror em algo positivo’. (LOIOLA, [2013?], não paginado)

Esse terror é controlado nos limites da tela e tem momentos predefinidos para começar e acabar e há a consciência por parte do telespectador de que, depois do filme, tudo volta a ser como antes. Essas condições são as que transformam o medo em prazer. Trata-se de um medo controlado, com um objetivo, que chega nos limites do irreal e que, embora conduza a uma emoção intensa, terá um fim posteriormente. As crianças, ao assistirem a esses filmes, têm a sensação de estarem controlando seus medos. Bernik, conforme citação de Loiola ([2013?]), salienta que é culturalmente esperado que os homens não tenham medo; por isso os meninos mostram menos medo que as meninas. Em relação aos filmes de terror, quanto mais próximos do real e quanto maior o número de cenas arriscadas e imagens assustadoras, maior o contato do telespectador com as emoções opostas de prazer e desprazer.

**TABELA 21: Distribuição da amostra do número de desenhos da categoria Seres Fantásticos e Sobrenaturais quanto à idade**

	N	%
6 anos	6	7,6
7 anos	27	34,2
8 anos	11	13,9
9 anos	10	12,7
10 anos	9	11,4
11 anos	16	20,3
Total	79	100,0
	$\chi^2 = 21,481$	$p < 0,001$

**GRÁFICO 21: Distribuição da amostra do número de desenhos da categoria Seres Fantásticos e Sobrenaturais quanto à idade**



O número de desenhos dos Seres Fantásticos e Sobrenaturais sinaliza uma oscilação em relação à idade segundo a tabela 21 (gráfico 21). O medo das figuras sobrenaturais vai diminuindo com a idade até os dez anos, de acordo com o esperado, considerando que as crianças com seu desenvolvimento vão se afastando dos conteúdos mais primitivos e sobrenaturais e vão se ocupando

mais dos fatos que acontecem ao seu redor, no cotidiano. O processo de conscientização, em geral, vai aumentando gradativamente e isso envolve o distanciamento dessas figuras sobrenaturais. Entretanto, na faixa de onze anos, as crianças apresentam um aumento dos medos novamente, sugerindo que, com o desenvolvimento, as interações com o mundo externo se intensificam. É importante lembrar o fato de que as crianças nessa idade estão entrando na adolescência e estão conscientizando-se dos papéis sociais.

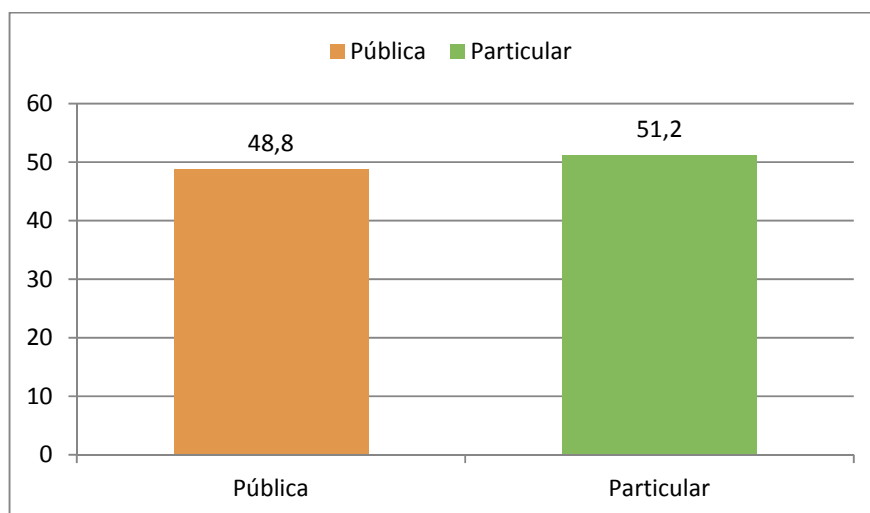
Essa fase do início da adolescência, conforme pontua Siegel (1999), traz uma mudança cognitiva e uma nova e mais complexa capacidade: de refletir sobre sua existência, de se adaptar aos padrões de papéis exigidos pelo meio social e, ao mesmo tempo, de estabelecer uma integração com seu próprio mundo interno. Nesse processo em geral, surgem tensões e conflitos considerados naturais, que podem ser representados por medos de figuras fantásticas, temerosas e ameaçadoras que podem tomar forma de monstros, fantasmas e seres do mal. Conforme os adolescentes vão encontrando maneiras de resolver esses conflitos, esses novos papéis sociais são aceitos e a atração para confrontar essas figuras monstruosas pode ser uma das maneiras de lidar e de sentir que é possível controlar esses medos.

As crianças gostam de contar suas experiências aos amigos sobre os filmes e jogos de terror que causam muito medo e enfatizam que enfrentaram tudo heroicamente.

**TABELA 22: Distribuição da amostra do número de desenhos da categoria Seres Fantásticos e Sobrenaturais quanto ao tipo de escola**

	N	%
Pública	62	48,8
Particular	17	51,2
Total	79	100,0
	$\chi^2 = 35,431$	$p < 0,001$

**GRÁFICO 22: Distribuição da amostra do número de desenhos da categoria Seres Fantásticos e Sobrenaturais quanto ao tipo de escola**



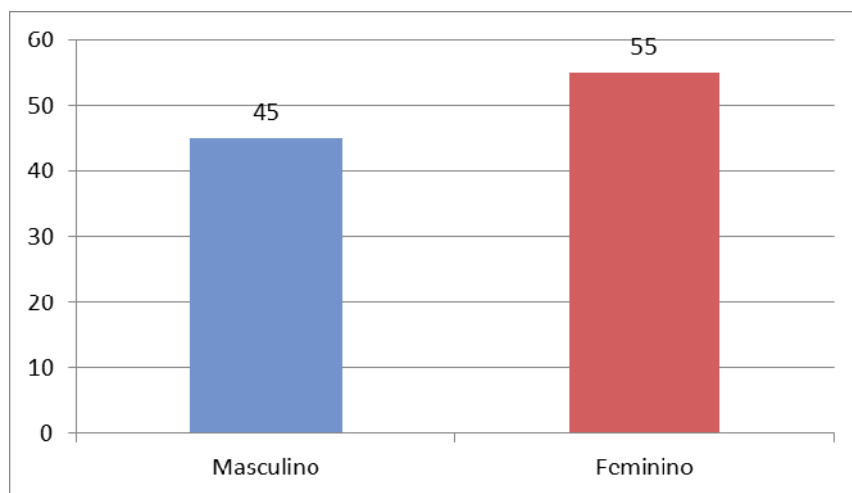
A tabela 22 (gráfico 22) indica que a escola pública apresentou um percentual de 48,8% do número dos desenhos e a escola particular obteve 51,2% dos desenhos, o que não sugere diferenças significativas entre as escolas.

### 7.2.3 Imaginário e Projeções do Futuro

**TABELA 23: Distribuição da amostra do número de desenhos da categoria Imaginário e Projeções do Futuro quanto ao gênero**

	N	%
Masculino	68	45,0
Feminino	83	55,0
Total	151	100,0
	$\chi^2 = 1,490$	$p > 0,05$

**GRÁFICO 23: Distribuição da amostra do número de desenhos da categoria Imaginário e Projeções do Futuro quanto ao gênero**

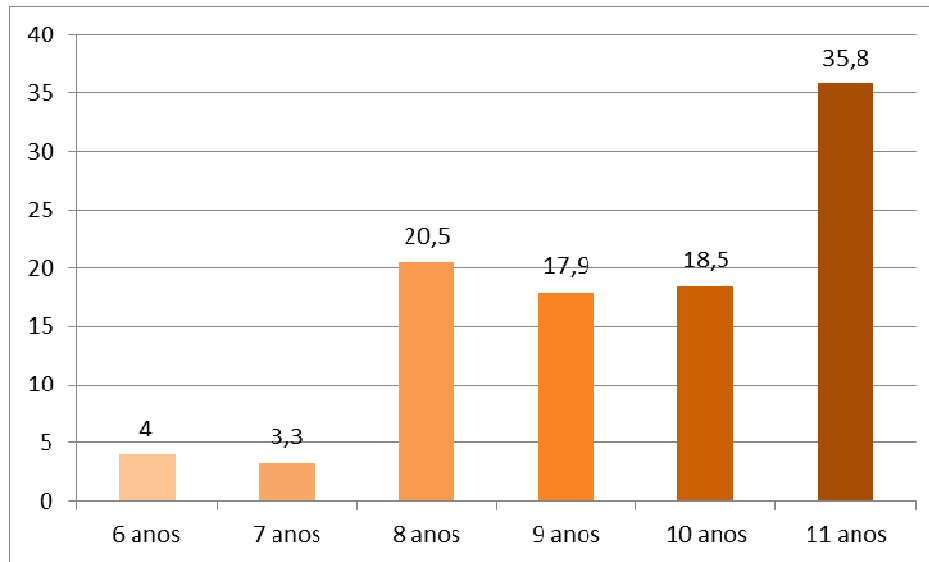


De acordo com a amostragem da tabela 23 (gráfico 23), o número de desenhos da categoria Imaginário e Projeções do Futuro indica que os meninos apresentaram um índice de 45,0% e as meninas mostraram um valor de 55% do número dos desenhos, não apontando, portanto, diferenças significativas em relação ao gênero.

**TABELA 24: Distribuição da amostra do número de desenhos da categoria Imaginário e Projeções do Futuro quanto à idade**

	N	%
6 anos	6	4,0
7 anos	5	3,3
8 anos	31	20,5
9 anos	27	17,9
10 anos	28	18,5
11 anos	54	35,8
Total	151	100,0
	$\chi^2 = 65,596$	$p < 0,001$

**GRÁFICO 24: Distribuição da amostra do número de desenhos da categoria Imaginário e Projeções do Futuro quanto à idade**



A tabela 24 (gráfico 24) mostra que o número de desenhos da categoria Imaginário e Projeções do Futuro sinaliza um percentual maior conforme as idades das crianças vão aumentando, o que é esperado ao longo do desenvolvimento. Com o crescimento, as crianças vão se conscientizando mais dos perigos. As crianças na faixa dos onze anos enfatizaram o medo da morte dos pais, principalmente em assaltos, inclusive em suas próprias casas. Os acidentes aparecem como uma grande preocupação das crianças e vão desde os acidentes naturais até os medos mais contemporâneos, como o de o computador pegar fogo, balas perdidas, ataques nucleares, epidemias de dengue ou o fim da água no mundo.

Evidenciando que os acidentes imprimem memórias significativas desde muito cedo, Rios (2015), em seus estudos sobre memória com crianças, constatou que um dos primeiros eventos autobiográficos relatados por elas são os acidentes. Salieta que, aos dois anos, uma criança já se impressiona com uma batida de carro com o pai e relata o evento como um fato importante.

O abandono foi um medo relevante expresso pelas crianças. O medo enfatizado foi o de ser abandonado pelos pais, de ficarem sozinhas se houver

uma separação entre os pais ou de sentirem-se abandonadas caso fiquem sem internet.

O sentimento de abandono, segundo Shore (2012), pela falta de vínculo com os pais ou cuidadores primários, poderá causar prejuízos para o desenvolvimento psicológico e neurológico da criança. O autor também enfatiza a importância de um vínculo seguro na autorregulação do cérebro e na modulação dos estados emocionais. Jung (2011) salienta que a criança aponta para o futuro e em direção à autonomia, e o abandono, no sentido do afastamento dos cuidadores primários, é necessário como condição para a trajetória do seu desenvolvimento. Mas, para isso, é necessário que a criança tenha vivenciado o vínculo de um apego que lhe deu segurança e confiança para enfrentar esse conflito da separação.

Panksepp (2012), em seus estudos sobre os sistemas emocionais primitivos, considera o abandono uma emoção inata com forte carga emocional.

É possível considerar o medo de sentir-se abandonado por não estar conectado à internet, relatado por algumas crianças, como um medo de não se sentir inserido dentro do coletivo. Trata-se de um medo contemporâneo advindo da tecnologia digital.

Araujo (2015), ao refletir sobre a tecnologia e o futuro, pontua que:

A internet é um fenômeno coletivo, seja considerada como a organização do conhecimento, seja considerada como um meio de comunicação com indivíduos ou grupos, seja como um lugar de comércio ou seja como um meio de aventura psicológica ou espiritual. (ARAUJO, 2015, não paginado)

As crianças estão inseridas nesse coletivo e convivem nesses espaços criados pela internet e em outros meios eletrônicos. Esses novos espaços que se estabelecem para as inter-relações exercem um encantamento nas crianças: elas sentem-se atraídas para fazer parte dessa grande "teia virtual" que antecipa novas formas de comunicação e relacionamento.

Assumpção e Amorim (2012), tratando dos temas da criança, do adolescente e dos meios de comunicação, ressaltam que a base das manifestações culturais é a comunicação com o outro.

Seus sentimentos, instintos, impulsos, pensamentos, quando comunicados, aproximam-no do outro e essa comunicação, à medida que o tempo passa, vai se sofisticando e refinando-se de acordo com as possibilidades sociais e culturais. (ASSUMPÇÃO; AMORIM, 2012, p. 776)

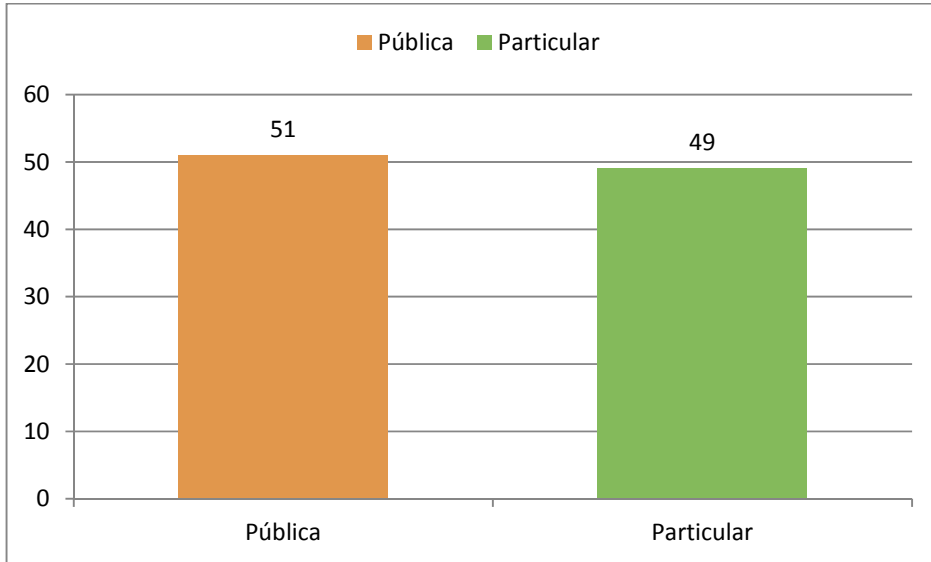
Dessa maneira, os autores consideram os meios de comunicação de massa uma forma de transmitir ao outro mensagens que são simples, claras e compreensíveis em qualquer lugar do planeta. "Portanto, as estruturas míticas, a nosso ver, persistem através do tempo e do espaço alterando suas formas, mas mantendo seu conteúdo." (ASSUMPÇÃO; AMORIM, 2012, p. 776).

Mostrando um percentual baixo, mas significativo, há o medo de se apaixonar. Sugerindo uma acentuada interferência dos meios de comunicação no imaginário infantil, uma menina de onze anos conta que quando assiste às novelas, ato que ocorre com certa frequência, as pessoas sofrem muito quando se apaixonam e aparecem muitos problemas, causadores de sofrimentos, e ela afirma não querer ter esses problemas na sua vida. O medo expresso por um menino de onze anos, que desenhou o medo do seu futuro, e o medo de não conseguir realizar o sonho de ser escritora, relatado por uma menina de onze anos, apontam claramente para medos relacionados a projeções do futuro.

**TABELA 25: Distribuição da amostra do número de desenhos da categoria Imaginário e Projeções do Futuro quanto ao tipo de escola**

	N	%
Pública	77	51,0
Particular	74	49,0
Total	151	100,0
	$\chi^2 = 0,060$	$p > 0,05$

**GRÁFICO 25: Distribuição da amostra do número de desenhos da categoria Imaginário e Projeções do Futuro quanto ao tipo de escola**



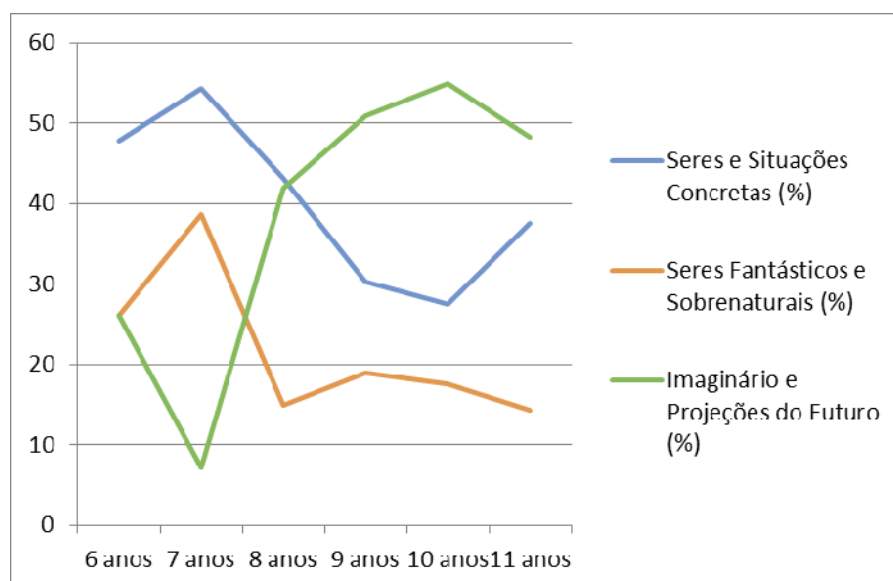
De acordo com a tabela 25 (gráfico 25), o número de desenhos do Imaginário e Projeções do Futuro, com um percentual 51,0% da escola pública e 49,0% da escola particular, não mostra diferença significativa entre as escolas.

### 7.3 Síntese

**TABELA 26: Distribuição percentual da amostra do número de desenhos das categorias do medo quanto ao gênero, idade, tipo de escola e número de figuras**

		Seres e Situações Concretas (%)	Seres Fantásticos e Sobrenaturais (%)	Imaginário e Projeções do Futuro (%)	Total (%)	Figuras
<b>Gênero</b>	Masculino	30,6	29,4	40	100	170
	Feminino	47,4	13,6	39	100	213
	<b>Total</b>	39,9	20,6	39,4	100	383
<b>Idade</b>	6 anos	47,8	26,1	26,1	100	23
	7 anos	54,3	38,6	7,1	100	70
	8 anos	43,2	14,9	41,9	100	74
	9 anos	30,2	18,9	50,9	100	53
	10 anos	27,5	17,6	54,9	100	51
	11 anos	37,5	14,3	48,2	100	112
	<b>Total</b>	39,9	20,6	39,4	100	383
	<b>Escola</b>	Pública	41,1	26,3	32,6	100
Particular		38,1	11,6	50,3	100	147
<b>Total</b>		39,9	20,6	39,4	100	383

**GRÁFICO 26: Distribuição percentual da amostra do número de desenhos das categorias das imagens do medo quanto à idade**



Por fim, é possível observar na tabela 26 (gráfico 26) que os resultados referentes às categorias das imagens do medo, conforme os desenhos coletados, sugerem que as meninas se propõem a desenhar mais que os meninos. A idade que apresentou a menor produção de desenhos foi os seis anos e os onze anos foi a idade com maior percentual no número de desenhos. A escola pública mostrou um número maior de desenhos que a escola particular.

Na categoria de Seres e Situações Concretas, as meninas mostraram um número maior de desenhos que os meninos. Em relação à idade, as crianças mostraram uma oscilação, sinalizando que o número dos desenhos vai diminuindo com o aumento da idade até os dez anos. Entretanto, aos onze anos, o número de desenhos das crianças volta a crescer. Ainda na categoria Seres e Situações Concretas, o número de desenhos entre as escolas não aponta diferenças significativas.

Na categoria dos Seres Fantásticos e Sobrenaturais, os meninos apresentam um número maior de desenhos do que as meninas. O número de desenhos das crianças em relação à idade assinalou uma oscilação, mostrando um aumento até os sete anos. Porém, posteriormente, há uma diminuição no número dos desenhos com o aumento da idade. A escola pública, na categoria Seres Fantásticos e Sobrenaturais, apresentou maior número de desenhos.

Na categoria Imaginário e Projeções do Futuro, o número de desenhos não apresentou diferenças significativas entre os meninos e as meninas. O número de desenhos em relação à idade evidenciou uma oscilação, com uma diminuição acentuada aos sete anos que depois volta a crescer até os dez anos. Entretanto, aos onze anos, assinala-se uma diminuição no número dos desenhos. Em relação às escolas, o número de desenhos da escola particular mostrou um percentual maior que o da escola pública.

Observamos que o número de desenhos quanto às idades enfatiza uma oscilação em todas as idades. Aos sete anos, salienta-se uma porcentagem expressiva no número de desenhos em relação às outras idades, na categoria Seres e Situações Concretas. Na categoria Imaginário e Projeções do Futuro, assinala-se uma diminuição acentuada no número de desenhos.

Aos onze anos, na categoria Seres e Situações Concretas, o número de desenhos, que vinha diminuindo com a idade, volta a crescer nessa faixa etária. Na categoria Imaginário e Projeções do Futuro, o número de desenhos, que vinha aumentando no decorrer das idades, diminui nessa faixa etária.

O número de desenhos quanto às escolas evidenciou que, na escola pública, a categoria Seres Fantásticos e Sobrenaturais mostrou um percentual maior que a da escola particular, enquanto na escola particular a maior produção dos desenhos foi na categoria Imaginário e Projeções do Futuro. A categoria do Seres e Situações Concretas não assinalou diferenças significativas entre as escolas.

#### **7.4. Simbolismo das imagens do medo**

Para a análise qualitativa do simbolismo das imagens do medo, foi utilizado o Método Construtivo Junguiano. Tal método baseia-se em apreciar o símbolo, isto é, a imagem onírica ou a fantasia, não mais **semioticamente**, como sinal de processos instintivos elementares, mas **simbolicamente**, entendendo-se "símbolo" como o termo que melhor traduz um fato complexo e ainda não claramente apreendido pela consciência. A análise redutora dessa expressão nos oferece unicamente uma visão mais clara daqueles elementos que a compunham originalmente.

Para a compreensão dos símbolos, Jung (2011d) emprega o processo que chamou de "amplificação". Segundo Jung (2011d, p. 246), o "[...] método de amplificação é uma expansão, um enriquecimento consciente [...]" voltado para a imagem e para todas suas associações. O autor ressalta que esse método não deve ser confundido com o processo de **associação livre**, no qual se vai de associação em associação sem se ater à imagem inicial. Para enriquecer essas imagens e dar-lhes um sentido, ou seja, um conteúdo, utiliza-se de explicações, conexões, paralelos usados pela mitologia dos povos e países, os contos de fadas e as sagas, o folclore, as religiões e a história, comparando os significados individuais com os coletivos.

Os símbolos, segundo Jung (2008), são os mensageiros indispensáveis dos instintos humanos para a parte racional da psique, sua interpretação enriquece a consciência, fazendo-a compreender a linguagem dos instintos. O processo de civilização afastou o ser humano das camadas instintivas mais profundas da psique humana, mas as camadas instintivas básicas se mantêm no inconsciente e se expressam sob a forma de imagens simbólicas. O autor enfatiza que existem os símbolos que ocorrem com bastante frequência e que são típicos, os quais ele prefere chamar de “motivos”. As imagens dos desenhos representam motivos típicos infantis. Os conteúdos obscuros dos símbolos podem ser esclarecidos, imprimindo-lhes um caráter visível, por meio dos desenhos. "Muitas vezes as mãos sabem resolver enigmas que o intelecto em vão tentou compreender" (JUNG, 2011d, p. 33).

Os símbolos das imagens do medo foram analisados dentro de cada uma das três categorias: Seres e Situações Concretas; Seres Fantásticos e Sobrenaturais; e Imaginário e Projeções do Futuro, considerando uma frequência igual ou acima de 10% para cada imagem.

#### **7.4.1 Seres e Situações Concretas**

Esta categoria foi subdividida em: Medo de Animais e Medo de Pessoas. Os temas dentro do Medo de Animais com suas frequências são: Répteis – 35,5%; Insetos – 29,1%; Animais Domésticos – 14,5%; Peixe – 10,0%; Animais Selvagens – 8,2%; e Pássaro – 2,7%.

Os temas ligados a Medo de Pessoas são: Ladrão – 60,5%; Assaltante/Assassino – 23,3%; Palhaço – 7,0%; Bêbado – 4,7%; e Esqueleto – 4,7%.

##### **7.4.1.1 Medo de Animais**

Jung (1986) afirma que os impulsos dos instintos inatos na criança possuem seus determinantes individuais. A criança, com sua consciência

incipiente, não sabe distinguir entre seus próprios instintos e os dos seus pais. "A incapacidade de discernimento da criança faz com que os animais que representam os instintos sejam ao mesmo tempo atributos dos pais e que os pais apareçam em forma de animais." (JUNG, 1986, p. 165).

## **Cobra**

Na categoria Répteis, a cobra é que provoca medo em maior número de crianças, neste estudo.

A seguir, os relatos dos medos de cobras.

### **Relatos**

*A cobra é ameaçadora, ela é assassina, come seu coração e devora sua alma.* (Menino de sete anos)

*Tenho muito arrepio de cobra, dá aflição, já vi e não gostei de ver, são nojentas, tenho medo de tudo da cobra.* (Menina de sete anos)

*Tenho medo da cobra porque ela é nojenta, pica e é venenosa.* (Menina de sete anos)

*Vou desenhar a cobra bem pequena porque tenho nojo e muita aflição.* (Menina de onze anos)

*Tenho medo quando a cobra anda rápido, é ameaçadora, é muito assustador.* (Menino de oito anos)

*Tenho medo da cobra verde que tem na floresta, ela é venenosa e morde.* (Menina de onze anos)

*Tenho medo da cobra naja, ela é venenosa e existe no planeta dos zumbis. (Menino de sete anos)*

*Fiquei apavorada com uma cobra porque meu irmão me deixou sozinha no quarto e apareceu uma cobra meio branca de verdade perto da minha perna e quase me mordeu. (Menina de oito anos)*

*Tenho medo da cobra invenenosa, porque come a gente e engole tudo de uma vez. (Menina de oito anos)*

*Já sonhei com a cobra naja muitas vezes, ela pode comer as pessoas, sempre tenho o mesmo sonho de medo. (Menina de sete anos)*

*Tenho medo de cobra tipo jiboia porque ela é grande, enforca a gente e come. (Menina de nove anos)*

*Tenho medo da cobra sucuri porque ela sabe se esconder muito bem, é bem esperta...ela pode ser assustadora e engolir a gente. (Menina de sete anos)*

*Sonho sempre com uma cobra enooorme, que pica e eu morro, mas eu sempre volto e fico viva. Ainda bem! [ela comenta aliviada]. (Menina de sete anos)*

*Tenho muito medo de cobra, já vi várias pessoas que morrem por causa do veneno dela e se eu estou sozinha e ela pica pode não dar tempo e eu morro e não volto. (Menina de onze anos)*

*Acho a cobra apavorante, no ano passado vi cobra na escola dentro do vidro, quem me garante que se o vidro quebrasse e ela saísse pela sala ela não ia me picar. (Menina de oito anos)*

*Tenho muito medo da cobra e ainda se for no escuro se eu estiver andando e ela me come e ainda tenho medo que ela me engula. (Menina de oito anos)*

*Tenho medo de à noite os bichos entrarem na minha casa, a gente não enxerga e eles podem machucar a gente. (Menina oito anos)*

### **Amplificação**

Von Franz (2011) salienta que o ser que engole suas presas é “[...] uma imagem do inconsciente, que sufoca a vida e impede o desenvolvimento do ser humano. É a [...] tendência à regressão, que surge em uma pessoa quando ela é dominada pelo inconsciente.” (VON FRANZ, 2011, p. 24).

Yi-Fu (2005) pontua que as cobras são temerosas não só por serem venenosas, mas também por serem animais sem pelos, de sangue frio e com aspecto repulsivo e nojento.

A cobra exemplifica Cirlot (1984), tem uma diversidade de aspectos simbólicos, como traços dominantes; avanço sinuoso de réptil, língua ameaçadora, esquema ondulante, silvo e agressividade no enlaçamento de suas vítimas. É protetora das fontes, da imortalidade e dos tesouros ocultos. Representa a força vital dos nascimentos e renascimentos.

Enfatizando que há múltiplos significados da serpente/cobra enquanto símbolo, Jung (2011d) ressalta três aspectos:

1. A serpente, enquanto “demônio da terra”, assume uma função desprezível e representa uma divindade obscura, inimiga da luz. Em geral, a serpente pertence ao elemento **ctônico-feminino** das religiões. No sistema de orientação dualística cristão, a serpente, em relação à história do paraíso, representou o **mal demoníaco**, que se opõe ao logos e ao mundo luminoso e espiritual.

2. A serpente, enquanto **salvador**, é uma divindade da cura e da redenção, que aparece nos ritos iniciáticos e na personificação de deuses. O deus grego da medicina e da cura – Asclépio – carregava um cajado com uma serpente enrolada, simbolizando a força vital e a cura. A serpente era cultuada como aquela que possui a erva da vida, que consegue ressuscitar os mortos.
3. Como **símbolo do tempo**, a serpente possui uma natureza mais ígnea, veloz e imortal. A serpente é o Cronos, deus grego do tempo.

A ideia de que a serpente representa o tempo, o vir a ser e a *durée créatrice* (duração criativa), parece estar associada ao fato de ela trocar de pele, o que muitos contos de fadas dos homens primitivos interpretam como um renascimento, concluindo assim que a cobra é imortal. (JUNG, 2011d, p. 256)

O olhar da cobra, famoso por hipnotizar e depois devorar suas vítimas, é relatado por Jung (2011d) no símbolo da serpente com olhos cintilantes, candentes, com o brilho de diamante. Os olhos brilhantes são ao mesmo tempo apavorantes e exercem um fascínio, sugerindo não só um caráter instintivo, ou seja, do demônio da terra, mas também a possibilidade redentora da luz que traz consciência.

Em **Contos de Fadas**, dos Irmãos Grimm (1994), o tema da serpente e da erva da vida que faz ressuscitar aparece no conto "As três folhas da serpente".

Nas lendas e nos mitos brasileiros, de acordo com Cascudo (1972), a Cobra Mandada ou Mundiada é a cobra que hipnotiza com o olhar para conseguir sua presa. A expressão "mundiada" se refere ao olhar magnetizador e sedutor, que enfeitiça quem a cobra olhar. A mulher grávida é considerada o único meio de se neutralizar o olhar da cobra, que fica impotente diante dessa mulher. Na região do Amazonas, a criança que não quer dormir diz que está com olhos de "mundiar".

Na lenda indígena do Boitatá, Mboitatá ou Cobra de Fogo, encontramos o tema da cobra de olhos flamejantes. Uma das versões da história relata que a cobra vivia na escuridão de uma gruta quando ocorreu uma grande enchente e ela saiu para fora em busca de comida. A cobra conseguiu matar sua fome comendo os olhos dos animais, e de tanto comê-los foi ficando luminosa até explodir em chamas. Assim, a lenda diz que a cobra reaparece serpenteando como um facho luminoso nas matas para protegê-las dos incêndios (CASCUDO, 1972).

A Boiúna ou Cobra Grande, segundo o mito amazônico de origem ameríndia, é uma serpente mágica e magnetizadora, com olhos luminosos feito archotes, que geralmente mora nas matas e com o tempo cresce muito e deixa a mata, indo para o rio. Os sulcos que deixa na sua passagem formam os igarapés. Atrai as embarcações para o fundo do rio, pois os barqueiros confundem os olhos brilhantes da cobra com outra embarcação. Nas chuvas fortes, toma a forma de arco-íris e serena as águas. Na lenda, a cabeça da serpente é a lua, os olhos brilhantes são as estrelas e o seu sangue é o arco-íris (CASCUDO, 1972).

A Cobra Encantada, segundo Cascudo (1972), vive no imaginário popular em quase todo o Brasil. Como nos contos de fadas, essa cobra é uma princesa que foi transformada por ter sido má. Ela é guardiã de tesouros que passarão para o homem que juntar seu sangue ao da cobra, quebrando assim seu encantamento, e ela voltará como uma linda princesa (CASCUDO, 1972).

As brincadeiras infantis como jogos simbólicos possibilitam que as crianças entrem em contato com seus medos de maneira lúdica. Jung (2011d) salienta que a criança anima suas brincadeiras com as imagens do seu inconsciente, fazendo com que nos jogos sejam colocadas suas possibilidades internas. O autor exemplifica tal ideia citando Aniela Jaffé, que afirma que não importam os materiais das brincadeiras: a criança pode, por exemplo, usar frascos de remédios ou tocos de madeira para representar uma linda boneca. Assim como o ser humano primitivo, a criança anima essa boneca com as imagens do seu inconsciente.

Na brincadeira de cobra cega (que, dependendo da região, pode receber outros nomes, como cabra cega ou galinha cega), uma criança que é escolhida para ser a cobra cega tem os olhos vendados e tenta pegar os participantes da brincadeira. As crianças estão "cegas"; portanto, precisam usar a agilidade e a atenção e "dar o bote" na hora certa para pegar um jogador. Esses são atributos usados pela cobra para capturar sua presa. É importante ressaltar o fato de que as cobras têm pouco sentido da visão; algumas são praticamente cegas, sendo que seu sentido mais desenvolvido é o olfato.

Os movimentos de serpentear são experimentados pelas crianças na brincadeira denominada serpente. Uma criança é escolhida para ser o pegador. Os jogadores, à medida que são pegos, vão dando as mãos, formando uma corrente que representa a serpente, que, serpenteando entre os jogadores, protege-os, formando rodas, para o pegador/serpente não conseguir alcançar os jogadores que ainda não foram pegos. A roda protege quem está em seu interior do jogador que representa a serpente, como uma mandala, formando uma espécie de círculo sagrado de proteção.

### **Análise redutiva**

Analizando sob o enfoque do método redutivo, as crianças deste estudo demonstraram o medo do aspecto devorador da cobra, que é venenosa, pode estrangular, sufocar e inclusive matar.

A cobra pode simbolizar a mãe no seu aspecto negativo do complexo materno, o caráter devorador que impede o crescimento, que sufoca as aspirações e habilidades da criança. Essa estrutura interna pode ser vivida positiva ou negativamente.

Com o significado do ciclo do "vir a ser", em razão das trocas de pele, a cobra enquanto símbolo parece adequado às crianças, que, ao longo do processo de desenvolvimento, passam por muitas "trocas de peles", muitas mudanças psíquicas, físicas e emocionais, sendo que tais transformações podem parecer temerosas e ameaçadoras.

As brincadeiras infantis como da cobra cega e da serpente são jogos simbólicos. A criança, de maneira lúdica, tem oportunidade para desenvolver seus aspectos psíquicos, físicos, emocionais e sociais; exercitar suas habilidades; e enfrentar seus medos. Muitas vezes, as brincadeiras em grupo facilitam a superação de dificuldades, sendo que para uma criança sozinha essa superação seria muito mais difícil.

## **Aranha**

A aranha aparece como o segundo maior medo na categoria dos animais e foi incluída neste estudo no grupo dos insetos, mas, na sua classificação científica, pertence à classe *arachnida* – os aracnídeos – que, entre outros seres, inclui a aranha. Além disso, os desenhos de aranhas são os que aparecem com maior frequência neste grupo.

A seguir, os relatos dos medos das aranhas:

*Sonho sempre com aranha, tenho medo porque ela é nojenta e traiçoeira.*  
(Menina de seis anos)

*Tenho medo de aranha porque sonho sempre que ela me pica e seu veneno é poderoso e eu morro.* (Menino de seis anos)

*Tenho medo de aranha porque quando eu era bem pequeno fui picado por uma aranha armadeira e fui parar no Butantã e não foi nada legal.* (Menino de onze anos)

*Tenho medo de aranha por causa de um sonho que tive com essa aranha, ela era assustadora, ela tinha sangue saindo pela boca, ela me matava. Mas só foi no sonho que eu morri.* (Menina de nove anos)

*No planeta zumbi tem muitas tarântulas e aranhas venenosas que põem você na teia e matam a gente. (Menino de sete anos)*

*A tarântula é do mal, tem um veneno que causa doença e faz um estrago, também pode picar. Você acredita que já vi uma tarântula na minha casa quando eu cheguei? Ela é apavorante. (Menino de sete anos)*

*Tenho medo de praticamente todos os bichos da natureza, apesar de gostar de proteger a natureza. As pessoas falam estórias de que as pessoas precisam amputar a perna por causa de bichos que mordem e eu tenho medo dessas coisas me matar. Por isso tenho meu próprio kit: arco, flecha, lança, pau quebra torrões e só. (Menino de oito anos)*

### **Amplificação**

Ao considerar o simbolismo da aranha, Jung (1991) salienta que, apesar do seu aspecto inofensivo, para algumas pessoas pode ser objeto de terror e superstição. Relata que, na Alemanha, o dito popular que afirma que alguém "não está bem da cabeça" relaciona o acontecimento com a presença de uma teia de aranha embaixo da cabeça da pessoa, significando que o indivíduo em questão não está no seu perfeito juízo. Considera que a aranha e todos os outros animais de sangue frio, por não possuírem um sistema nervoso cerebrospectral, representam um mundo psíquico desconhecido e em geral expressam conteúdos que, apesar de ativos, durante muito tempo não foram capazes de chegar à consciência e não entraram no campo do sistema nervoso cerebrospectral.

Apesar do seu aspecto franzino, a aranha é astuta e sabe como se proteger para não se embaraçar na própria teia, aparentemente frágil. Von Franz (2003) ressalta que, no seu aspecto positivo, "As atividades de fiar e tecer estão ligadas à ideia de natureza." (p. 129). A aranha é a tecelã do universo. Na tradição hindu, a aranha é a deusa tecelã Maya, deusa da vida e da morte, a

grande enredadora, senhora do destino (VON FRANZ, 2003). A deusa Maya faz girar o mundo, tece as ilusões e as atrações que embaraçam a vida.

Nos mitos gregos, Aracne era uma moça tecelã e seus bordados eram tão perfeitos que até as ninfas dos bosques vinham admirar sua arte. A perícia de Aracne valeu-lhe reputação de discípula da deusa Atená, a grande tecelã. Mas entre os dotes da fiandeira não se encontrava a modéstia, a ponto de desafiar a deusa Atená para uma competição pública, disputando qual bordado seria o mais belo. Atená aceitou a provocação, mas apareceu-lhe sob a forma de uma anciã, aconselhando Aracne a ser comedida porque os deuses não admitiam competições com os mortais. Aracne não deu atenção aos avisos da anciã e desafiou Atená. O desafio teve início, Atená bordou uma linda tapeçaria com os doze deuses do Olimpo em toda sua majestade. Aracne, maliciosamente, bordou histórias íntimas dos relacionamentos dos imortais, principalmente de Zeus. Atená, furiosa com os desenhos de Aracne, transformou-a em aranha, para que tecesse para o resto da vida (BRANDÃO, 1987, p. 27).

Aracne recebeu o castigo de passar a vida tecendo. "A aranha passa a vida, tecendo cortinados, com o fio que fia, de seu cuspe privado" (MELO NETO, 1961, p. 77).

A aranha, em muitas culturas, é a criadora cósmica que tece a vida. Segundo Eliade (1991), o universo é como um grande tecido: "[...] no cosmos, como na vida humana, tudo está ligado através de uma textura invisível." (p. 112).

No mito do Xamã, da tribo indígena dos Kayapó-Xikrin do Rio Cateté, quando um índio é mordido por um porco queixada, cobra ou outro bicho qualquer, ele fica doido e pode tornar-se xamã. De noite ele sonha: vai no mato, acende um fogo e deita-se em cima do próprio fogo; depois, sob a forma de um pássaro, sobe e se dirige ao Leste, em um lugar onde não há escuridão, sendo sempre dia, para atravessar a teia de aranha. A teia é muito grande e fica suspensa no céu, descendo até a terra. Ela é presa no céu pelos fios. Na trama dessa teia, há ossos pendurados daqueles que não conseguiram atravessar. Um xamã bom consegue ultrapassar a teia de aranha, se transforma em pássaro

*peko* ou *urubu*, seu corpo ascende como um avião e consegue atravessar a teia. Do outro lado, se encontra o Gavião grande, que fura o xamã na nuca e na espinha dorsal e ele, assim, torna-se um xamã bom e volta à terra (VIDAL, 1977, p. 212).

No conto tradicional brasileiro "Como a aranha salvou o menino Jesus", conforme relata Cascudo (2006), a aranha tece sua teia na entrada da gruta, onde São José e Nossa Senhora se escondem da perseguição dos soldados do rei Herodes. Os soldados, vendo a entrada da gruta com teia de aranha, não se dão ao trabalho de vistoriar a gruta, o que faz com que o casal seja salvo pela aranha.

A aranha é personagem popular nas histórias e brincadeiras das crianças. Na brincadeira da Dona Aranha, as crianças cantam e fazem gestos com os dedos na parede, imitando o caminhar da aranha, que não cansa de subir e descer até a teia.

### **Análise redutiva**

Na análise redutiva, observa-se que as crianças demonstraram o medo de aranha principalmente porque pica, é muito venenosa, pode matar e porque são traiçoeiras e assustadoras. Durante o crescimento da criança, a imagem que ela tem de sua mãe passa por um processo de maturação, o simbolismo se amplia ao perceber suas próprias limitações, as da mãe e a necessidade de separação e independência. Na sua ambivalência, o arquétipo materno pode ter um significado positivo ou negativo. Assim, a aranha pode ter uma representação arquetípica do *Self* em seu estado negativo, ou seja, a mãe, assim como a aranha, também pode enredar seus filhos em sua "teia".

As teias das aranhas podem ser consideradas mandalas, ou seja, um espaço sagrado de proteção. O centro da teia pode ser entendido como a representação do ego no centro da consciência. A criança precisa da "teia" para sentir-se protegida, mas, para o seu desenvolvimento, necessita desembaraçar-se dessa teia. Desse modo, a função do ego é se diferenciar do inconsciente para conseguir autonomia e conquistar seu próprio espaço. Em seu aspecto negativo, o arquétipo materno pode representar o que "embaraça", impedindo o

crescimento da criança: são as imagens simbolizando devoração, enredamento e regressão ao inconsciente.

As crianças, nos seus jogos simbólicos como da Dona Aranha, mostram, brincando, a persistência da aranha que é derrubada da sua teia, mas sempre sobe de volta a ela, indicando sua luta para manter seu espaço, como acontece com as crianças nos seus processos de crescimento.

## **Animais domésticos**

A categoria Animais Domésticos representa 14,5% dos medos das crianças. Os animais domésticos podem simbolizar as características que devem ser superadas, controladas ou "domesticadas". O rato e o cachorro são os animais domésticos que aparecem com maior frequência nos medos das crianças.

### **Rato**

A seguir, os relatos dos medos de ratos:

*Tenho medo de um monte de ratos vindo me pegar, porque transmite doença e tem perto da minha casa.* (Menina de seis anos)

*Um rato entrou na minha casa, comeu comida, carne, era de noite ele não mordeu porque meu pai bateu nele.* (Menina de seis anos)

*Uma ratazana veio em cima de mim quando eu dormia e fiquei com medo porque ele é perigoso, pode morder e trazer doença.* (Menina de sete anos)

*Invado a casa dos outro memo, entro de noite e vou comendo tudo que vejo na frente eu só não como chumbinho. Eu sou rato mais sou "isperto".*  
(Menina de sete anos)

### **Amplificação**

Em um aspecto do seu simbolismo, os ratos são considerados animais ctônicos, andam pelas galerias subterrâneas e se escondem pelas frestas, podendo representar:

[...] o ponto de partida para o desenvolvimento, [...] um animal relacionado à **escuridão da alma**, encarna aquela qualidade obscura do ser humano que aparece de forma ligeira e que de tempos em tempos se faz notar de modo desagradável, principalmente à noite. [...] aqueles **pensamentos** que nos **corroem**, [...] que à noite nos assombram tal como espíritos. (JUNG, 2011d, p. 360)

Na superstição alemã, Jung (2011d) relata que os anões e elfos podem se transformar em ratos e entrarem nos buracos. Os ratos são espíritos da terra, da montanha, da casa, e nessa forma ajudam os humanos. As bruxas fogem do fogo na forma de rato. Jung (2011d) afirma que o rato é um animal da alma e desaparece em buracos, representando, assim, uma realidade psíquica difícil de ser apreendida. Von Franz (1990) salienta que os ratos e camundongos na Grécia pertencem ao deus Sol, Apolo, e representam o aspecto sombrio desse princípio solar no inverno.

Jung (2011d) explica que os ratos enquanto animais ctônicos e sinistros têm relação com a morte. Na Grécia, veneravam o Apolo dos ratos: Febo Esminteu. Em seu templo, os ratos eram criados e protegidos embaixo do altar. É considerado um mau presságio quando um lugar é tomado por ratos, que fazem grandes devastações, trazendo fome e doenças.

Na Suíça, o diabo é o chefe dos ratos e camundongos. Como animais-espíritos, podem ser a alma de alguém deixando o corpo em forma de rato. O significado do rato como aquele que rói continuamente faz uma analogia com aqueles pensamentos noturnos que muitas vezes tiram o sono e que são inquietantes e obsessivos: são complexos insistentes.

Os ratos são personagens de contos tradicionais típicos da literatura oral, como os que aparecem em "O rato do campo e o rato da cidade", de La Fontaine (1989); "O flautista de Hamelin", dos Irmãos Grimm (1994); e o famoso Mickey Mouse, de Walt Disney.

Na Espanha, existe uma lenda popular denominada "El Raton Pérez", relatando que, quando uma criança perde o dente, deve colocá-lo embaixo do travesseiro para que o ratinho Pérez possa trocá-lo por moedas ou um presente (informação verbal). O rato famoso tem em Madri a "Casa Museo Del Raton Pérez", em sua homenagem. Na Itália, é conhecido como Topolino e, na França, como Petite Souris (informação verbal).

O rato aparece nas brincadeiras de roda como a do "O gato e o rato", na qual as crianças escolhem quem vai ser o rato e o gato, ficando fora do círculo formado pelos outros jogadores. O gato deve pegar o rato, que foge e, quando sentir que pode ser pego pelo gato, entra dentro da roda, onde o gato não pode entrar. A roda funciona como um círculo de proteção na luta predadora entre o gato e o rato.

### **Análise redutiva**

Utilizando-se do método redutivo, observa-se que os medos das crianças em estudo são daqueles ratos cinza escuros que aparecem vindo dos esgotos, que provocam a sensação de nojo, estão ligados aos aspectos mais sombrios e que realmente podem disseminar doenças. As crianças com esses medos em geral moram em lugares que podem ter esse aspecto sombrio e em que falta saneamento básico eficiente. Muitas vezes, as ruas são de terra e esburacadas e a coleta de lixo não é feita regularmente, facilitando o acesso de ratos nas casas.

Simbolicamente, o rato aparece como mensageiro da morte, provocando doenças. Houve época em que eclodiram epidemias de ratos que devoravam plantações, gerando fome e provocando doenças, como a peste bubônica. O nojo que o rato causa pode ser associado com os aspectos sombrios, os erros,

as atitudes inadequadas, "os cantos escuros", que são escondidos dos outros e de si mesmos.

O antídoto contra impurezas dos ratos consiste no enfrentamento dos complexos, que representam aquilo que corrói dentro de nós, deixando-nos inseguros, frágeis e medrosos. O rato, por ser um animal rasteiro, tem um campo de visão muito reduzido e, portanto, sua presença alerta para a necessidade da criança ampliar o olhar para as várias direções e perceber e valorizar habilidades.

Os ratos podem aparecer como animais gentis, prestativos, como nos contos de fadas, que ajudam a fazer o bem, sugerindo que os aspectos que são indesejáveis e repugnantes da psique também podem auxiliar no confronto com o sombrio, trazendo luz e consciência. As características dos animais, com suas qualidades e defeitos, estão associados à maneira como os instintos atuam nas crianças.

## **Cachorro**

O cachorro aparece nos medos das crianças relacionado ao seu aspecto feroz, que pode atacar e morder.

A seguir, os relatos dos medos de cachorros:

### **Relatos**

*Tenho medo do cachorro preto da minha vizinha que é muito bravo e gosta de atacar.* (Menino de nove anos)

*Sonho sempre que eu vou na padaria e o cachorro me morde, tenho medo dele por que ele já me mordeu no sonho e eu fiquei só osso.* (Menina de nove anos)

*Tenho medo de cachorro bravo porque ele morde e ataca. (Menina de nove anos)*

*Desde pequena tenho esse medo de cachorro, penso que ele vai me morder, e isso me persegue desde pequenininha, não é só um cachorro é um cachorro bravo. (Menina de 10 anos)*

*Tenho medo de cachorro bravo o dente dele é afiado parece de lobo e ainda encontrei um no cemitério e foi muuuuito apavorante. (Menina de dez anos)*

### **Amplificação**

Ao considerar a imagem do cachorro, Von Franz (1997, p. 152) afirma que "[...] simbolizam as forças da Terra, as forças instintivas. Um cachorro representa nosso instinto domesticado." O cachorro se orienta pelo faro; sua visão é curta, mas ouve muito bem. Assim, "[...] ele representa o lampejo instintivo ou a intuição que nossa mente computadorizada embotou." (VON FRANZ, 1997, p. 188). Nas sociedades primitivas, o cachorro tinha um papel importante de caçador; mais tarde, de cão pastor que cuidava dos rebanhos e como cão de guarda, protegendo o ser humano contra os ladrões e adversidades, carregando a projeção de companheiro, melhor amigo do ser humano e psicopompo.

Segundo Jung (2011d), o ser humano e o cachorro formam uma unidade. O inconsciente ocupa seu lugar na forma do cachorro: o ser humano é a consciência e o cachorro o obedece, estabelecendo, assim, a relação ideal com o inconsciente animal. O autor relata que, nas lendas da Pérsia, o cachorro era o acompanhante dos mortos ao mundo subterrâneo do deus Hades. O cachorro cumpria a função de psicopompo, o guia interior que conduz nas transições e iniciações.

Von Franz (1997) relata que, na Pérsia, quando alguém estava morrendo, o cachorro era colocado junto ao enfermo, que – acreditava-se – dava pão e carne para que o cão o conduzisse ao outro mundo. Anúbis, o deus egípcio com cabeça de chacal, era o guia para o outro mundo. Ele presidia o embalsamamento, o que garantia que o mortal se tornasse imortal e divino. A autora ressalva que, na maioria das mitologias, a terra dos mortos é o inconsciente.

O cachorro tem seu aspecto dócil, de bicho de estimação, mas também pode ser feroz, hostil e atacar as pessoas. Jung (2011d) afirma que o medo de um cão bravo pode ser considerado quando nos encontramos separados dos nossos instintos, em contradição a eles. Não nos encontramos em consonância com a atitude natural, fazendo com que a natureza representada pelo animal se mostre hostil. Hades, deus responsável por governar o mundo subterrâneo e as almas após a morte, tinha como seu auxiliar Cérbero, um cão e monstro com três cabeças, guardião do portal entre a vida e a morte e que representava o terror da morte.

Cascudo (2002) narra a lenda "A cachorra da palmeira", um mito que tornou-se popular e se articulou à literatura oral e melódica nos reisados, nos cantos das danças do coco e nos folhetos de cordel. Na cidade de Palmeira dos Índios, em Alagoas, uma moça zombou dos que estavam em luto pela morte de Padre Cícero, figura importante e santificado pela população nordestina. Dizia a moça que era mais fácil ficar em luto por sua cachorrinha do que pelo padre. Assim, foi transformada, pela sua falta de respeito e como penitência, em uma cachorra, que vivia a dançar e a correr.

A transformação de ser humano em animal, de forma passageira ou permanente, como forma de punição a uma desobediência ou comportamento inadequado também é encontrado em muitos mitos clássicos da Grécia e de Roma: Aracne em aranha, Hermione e Cadmus em serpentes, Licaon em lobo. Assim, se os instintos não forem respeitados, valorizados e transformados, ficam regredidos ou permanecem inconscientes.

## **Análise redutiva**

A análise do material das crianças do estudo mostrou que o medo de cachorro está ligado à ferocidade e ao perigo de serem atacados por esse animal. Os cachorros, como representantes das forças instintivas ligadas à terra, podem simbolizar os sentimentos hostis e ameaçadores que estão relacionados ao enfrentamento da mãe na busca da independência da figura materna. A criança naturalmente percebe os instintos como algo que pode parecer assustador, estranho, perigoso e ameaçador, mas o enfrentamento desses instintos é importante para o fortalecimento do ego em processo de desenvolvimento.

O cachorro tem para a criança a função de psicopompo, o guia que auxilia nas transições e passagens para novas etapas do seu crescimento, fazendo a ponte entre os instintos, o inconsciente e a consciência. Por ser o animal mais domesticado, está mais próximo da consciência.

O medo do cachorro bravo que morde pode ser associado à raiva; nas crianças, poderá ser a raiva de um desejo não atendido e de uma vontade que não foi realizada.

## **Peixe**

O peixe representa 10,0% dos medos de animais e aparece nos desenhos das crianças no seu aspecto devorador.

A seguir, os relatos dos medos de peixes:

## **Relatos**

*Tenho medo de tubarão que morde e engole as pessoas. (Menino de seis anos)*

*[Tenho medo] do tubarão que arranca pedaço do seu corpo e sua perna, dá muito medo. (Menino de sete anos)*

*Tenho medo que o peixe barracuda me pegue pelo pé e me afogue.*  
(Menino de sete anos)

### **Amplificação**

Embora a baleia seja um mamífero, podemos aproximar seu simbolismo aos dos peixes relatados pelas crianças do estudo pelo seu aspecto devorador. Ampliando o simbolismo da baleia, Jung (2011d) aponta para o mito da baleia-dragão, um monstro voraz e assustador que representa o aspecto da mãe terrível, devoradora, símbolo da morte e que precisa ser superada. Saliencia que esses símbolos arquetípicos se manifestam quando se está diante de uma passagem difícil. Essas imagens ajudam a manifestação de atos corajosos, que provavelmente em outros momentos não seria possível. "A baleia como habitantes dos mares é o símbolo genérico do inconsciente devorador." (JUNG 2011d, p. 284).

Campbell (1995) enfatiza o simbolismo da barriga da baleia, um lugar escuro onde a digestão é feita e se cria uma nova energia, relatando o mito de Jonas, que é engolido pela baleia e sai dela transformado, com a energia revitalizada. Jonas entra nas trevas dentro do ventre da baleia, que representa o poder da vida contido no inconsciente. A água, por sua vez, representa o inconsciente.

A baleia, de acordo com Ramos et al (2005, p. 28), "[...] simboliza o útero ctônico, associado ao mito do eterno retorno ao ventre materno. A baleia representa aquela que traz em seu ventre uma nova energia a ser desenvolvida."

Chevalier e Gheerbrant (2007) relatam que o mito iniciático do profeta Jonas, que entra no ventre da baleia, representa um período de obscuridade, simbolizando a morte iniciática. A saída da baleia é a ressurreição, o novo nascimento. O mito da baleia como guia é encontrado nas costas do Vietnã; a

baleia é considerada uma divindade do mar, guia as barcas dos pescadores e os salvam dos naufrágios. O espírito da baleia é o condutor para a morada dos imortais, exercendo a função de psicopompo.

A voracidade da baleia é narrada por Cascudo (2006) no conto "A goela e o rabo da baleia". A baleia era o bicho do mar veloz e comilão. Comia tudo que aparecia e, por tamanha voracidade, Nosso Senhor torceu-lhe o rabo e virou sua barbatana para baixo, deixando-a mais lenta. Entretanto, a baleia continuava comendo tudo que via e, um dia, uma moça devota de Santo Antonio, que rezava à beira-mar, esperando que o navio logo chegasse, deixou cair a imagem do santo na água. A baleia, vendo o clarear, sem perda de tempo, engoliu o santo. Para castigar sua gulodice, Santo Antonio deixou a baleia engasgada e sua goela foi ficando cada vez mais apertada. Sem olhar para trás, o santo foi embora, a baleia ficou com a goela bem estreita e hoje só consegue comer peixinhos bem pequenos.

### **Análise redutiva**

Analisando de maneira redutiva, observa-se que as crianças relatam o medo de serem atacadas, engolidas e devoradas pelos peixes. Assim, os peixes, quando comparados às baleias, estão associados ao dinamismo matriarcal: a baleia é o utero ctônico relacionado ao mito do herói, que trava uma luta dentro do ventre para ganhar energia.

O medo das crianças de serem devoradas pode ter um aspecto construtivo na medida em que, quando sentem-se afastadas da sua natureza, ou seja, dos instintos, precisam descer novamente para as profundezas e "serem engolidas", como se precisassem voltar ao ventre materno para conseguirem a consciência corporal e poderem unir partes que se encontram dissociadas. Há um movimento de regressão e progressão. "A criança precisa regredir para um estado que já viveu antes, pois podemos progredir somente a partir de uma base que já conhecemos." (JUNG, 2011d, p. 118).

As crianças passam por muitas mortes simbólicas, mudanças durante o desenvolvimento e, para conquistar novos atributos, precisam travar verdadeiras batalhas com os aspectos instintivos para obterem o que necessitam, objetivando o fortalecimento do ego e da consciência. Em geral, a descida ao inconsciente é perigosa, mas o que se busca é um tesouro precioso, um valor arquetípico que precisa ser trazido à superfície e que possibilita um renascimento. A baleia devoradora é o complexo materno negativo, da mãe devoradora que deve ser confrontada e é essencial para o desenvolvimento psíquico da criança que essa identificação seja rompida.

## **Animais selvagens**

A categoria Animais Selvagens não mostrou um percentual significativo dentro do critério de frequência adotado neste estudo, mas a figura do leão – sendo a que mais aparece nesse tema – merece ser inserida pelo seu simbolismo, que é muito significativo nessa faixa etária em estudo.

A seguir, os relatos dos medos de leões:

### **Relatos**

*O leão é tão poderoso que pode matar, tenho medo dele, ele até precisa ficar preso no zoológico porque mostra perigo pra todo mundo. (Menino de onze anos)*

*O leão é muito perigoso, tenho medo porque ele pode matar e devorar as pessoas. (Menino de onze anos)*

### **Amplificação**

Analisando a imagem do leão, Jung (2011d) relata que ele é símbolo do rei, de uma força instintiva poderosa, do princípio do fogo e do calor do sol. O

caráter natural do leão é atacar sempre em linha reta. Assim, o leão simboliza o fogo com uma direção que objetiva um fim. Representa a coragem, força e poder, características muitas vezes estampadas nos brasões dos reis. O autor relata que, na Pérsia, havia o culto de adoração ao deus Mitra, deus solar com um corpo humano e cabeça de leão, envolvido por uma serpente. "Este é o deus leontocéfalo, isto é, Aion, e significa o tempo infinitamente longo, o deus do tempo que conecta os opostos." (JUNG, 2011d, p. 68). O leão e a serpente são representados juntos, como união dos opostos.

O leão, um animal poderoso, violento e considerado como rei dos animais, de acordo com Cirlot (1984, p. 336), "[...] é o possuidor da força e do princípio masculino."

O simbolismo do leão aparece nos processos alquímicos como símbolo de transformação. No seu aspecto positivo, o fogo pode aquecer, preparar alimentos e oferecer proteção. Em uma região com leões, por exemplo, quando o fogo é aceso, forma-se um ciclo do fogo, espaço que protege contra os perigos. O leão é o animal selvagem, que ruga e é feroz, mas também é ligado ao sol e à luz. Jung (2011d) afirma que o leão é o sol inferior, diurno, debaixo dos nossos pés, ou seja, uma iluminação vinda da terra, e não dos céus, e abriga a semente da luz. Assim, não sendo só o escuro, o leão pode trazer a iluminação e ampliação da consciência.

Nos mitos de Hércules, o tema do leão aparece como um dos doze trabalhos a serem realizados para tornar-se um deus. Na história recontada por Philip (1996), a última tarefa dada por Euristeu era que matasse o Leão de Nemeia, um monstro terrível cuja pele era invulnerável a qualquer arma. O leão que, já havia devorado todos em seu caminho, resistiu a todas as armas disparadas por Hércules: arco, flecha e espada. Assim, tendo em vista a grande resistência do leão, Hércules seguiu-o até a caverna em que vivia, agarrou-o e estrangulou-o pouco a pouco até a sua morte. Hércules, então, voltou a Tebas, usando a pele do leão como armadura.

### **Análise redutiva**

Na análise redutiva, observa-se que o medo do leão relatado pelas crianças é o de ser devorado por ele. O leão simboliza as forças instintivas poderosas. É um animal que devora, domina e submete. O medo do leão simboliza o medo dos instintos mais poderosos, ameaçadores, mais primitivos e indomados, que, quando percebidos, podem ser devoradores. Pode-se observar que esses medos representados anteriormente foram de meninos na faixa de onze anos, idade em que o medo traz o arquétipo do herói, que deve lutar com os animais selvagens e com os instintos poderosos, sendo que esse confronto traz crescimento e fortalece o ego.

Jung (2008) afirma que, em geral, os símbolos heroicos surgem quando o ego necessita fortificar-se e, portanto, requer auxílio para alguma tarefa que não consegue fazer sozinho. Assim, esses motivos surgem nos períodos de transições, naturais durante o desenvolvimento da criança. Essas imagens impulsionam a ações corajosas que as crianças, sozinhas, dificilmente realizariam.

O leão, no mito de Hércules, simboliza para as crianças o monstro dos instintos, representando a força sobre-humana que precisa ser conectada interiormente para lutar contra os instintos ameaçadores.

A criança precisa sair da proteção dos pais para conseguir sua autonomia, ou seja, ser capaz de trilhar sua própria jornada e evoluir da imaturidade para a coragem de ser autônomo e confiante, o que exige o combate em muitas lutas heroicas.

#### **7.4.1.2 Medo de Pessoas**

O Medo de Pessoas, reunindo medo de ladrões, assaltantes e assassinos, representa 83,8% dos medos das crianças em relação a pessoas.

#### **Ladrões, assaltantes e assassinos**

A seguir, os relatos dos medos de ladrões, assaltantes e assassinos:

### **Relatos**

*Um ladrão pode vim e assaltar uma pessoa, um dia eu tava na rua e vi uma pessoa sendo assaltada e fiquei morrendo de medo. (Menino de dez anos)*

*O que tenho mais medo é de um ladrão me matando porque não sei se vou pro céu. (Menino de dez anos)*

*Tenho medo que um assaltante dê um tiro na rua e mate minha família e eu não quero perder minha família, eu ia ficar infeliz. (Menino dez anos)*

*Tenho medo de assaltante porque eles saem atirando e mata todo mundo. (Menino de sete anos)*

*O meu medo é de um ladrão entrar em casa e enfiar uma faca no meu pescoço. (Menino de sete anos)*

*Tenho medo de um ladrão me assaltando, esse medo me persegue porque tenho medo da minha família desaparecer. (Menino de onze anos)*

### **Amplificação**

Ao considerar sobre o simbolismo dos ladrões, Von Franz (1997) afirma que sua imagem pode significar experiências que são desagradáveis e pensamentos negativos e destrutivos que irrompem no sistema consciente. Os ladrões representam "[...] uma invasão, algo que força a entrada, [...] algo do inconsciente coletivo está entrando." (VON FRANZ, 1997, p. 49). O malfeitor, conforme afirma a autora, é o outro lado, a introversão da pessoa, que, no caso

do ladrão, representa algo está sendo roubado, fazendo com que seja necessário sair da passividade.

Jung (2011d) afirma que a natureza instintiva e animal passa por muitas mudanças e as modificações dependem da atitude consciente. Quando o inconsciente causa medo, ele se manifesta de forma assustadora. "Quando não sou capaz de reconhecê-lo, pois sinto medo dele, ele aparece na forma de um animal perigoso ou um ladrão ou assassino." (JUNG, 2011d, p. 547).

O ladrão, na brincadeira infantil, é figura popular. Um exemplo é a brincadeira de polícia-ladrão, que funciona como um pega-pega: o participante que faz o papel de polícia é o pegador; os outros jogadores são Ladrões e devem evitar serem pegos pela polícia. Quando são pegos, vão para a prisão, que é um lugar predeterminado pelos participantes. Nesse jogo simbólico, a criança vivencia tanto o lado sombrio do ladrão quanto o do princípio da ordem, representado pela polícia.

### **Análise redutiva**

Na análise redutiva, observa-se que o medo das crianças do assassino é similar ao do assaltante: elas têm medo de serem assaltadas e/ou serem mortas ou os pais serem mortos pelos assaltantes. É o medo real da invasão, que pode ser acompanhado pela morte, que as crianças convivem no seu dia a dia. O medo dos ladrões, assaltantes e assassinos simboliza pessoas que invadem as casas, lugar considerado, em geral, seguro. Tal invasão ameaça a integridade corporal dos moradores e causa prejuízos.

O ladrão representa os aspectos sombrios, ou seja, aquilo que foi rejeitado e não confrontado. Por isso, torna-se ameaçador. Esses aspectos sombrios tornam-se autônomos, assaltam a segurança e roubam as energias necessárias ao desenvolvimento. A maneira de evitar esses "assaltos" é confrontar esses aspectos desconhecidos, integrá-los e, dessa maneira, propiciar o fortalecimento do ego.

As crianças, brincando com figuras que são temerosas e ameaçadoras, enfrentam seus medos de forma divertida.

## **7.4.2 Seres Fantásticos e Sobrenaturais**

Nesta categoria, os medos mais frequentes das crianças foram de monstros, com 48.1%; fantasmas, com 19.0%; e espíritos, zumbis, vampiros e mortos-vivos, com 16.5%. O medo de monstros relatado pelas crianças se relacionam a personagens muito assustadores, que podem atacar e matar. Em geral, as crianças, mesmo demonstrando medo, se mostram atraídas a entrarem em contato com essas figuras.

### **7.4.2.1 Monstros**

A seguir, os relatos dos medos de monstros:

#### **Relatos**

*Tenho medo do bicho-papão porque ele é um tipo de monstro que come os outros e é feio e engole tudo de uma vez. (Menina de oito anos)*

*Tenho medo do lobisomem que eu vejo na TV, mas na casa da minha avó não tem esses filmes e aí eu choro quando fico lá porque não posso ver meus filmes, eu fico assustado, mas já vi lobisomem até no Sítio do Picapau Amarelo. (Menino de seis anos)*

*Tenho medo da cuca, ela é brava, má e frita você. (Menino de seis anos)*

*Tenho medo dos monstros que eu vejo na TV; às vezes eles entram na sua cabeça e fico sonhando e às vezes não consigo dormir. (Menino de sete anos)*

*Tenho medo da Maria Sangrenta do filme; ela é monstro ela mata as pessoas, o pior é que quando apaga a luz fico vendo ela na sombra. (Menina de oito anos)*

*Eu tenho um jogo Five Nights que eu jogo, mas não gosto dele, aparece animais robóticos que são assustadores, dá muito medo, é de computador. (Menino de dez anos)*

*O monstro do Lago Ness tenho certeza que existe, tenho medo porque ele come a gente picadinho. (Menino de sete anos)*

*O Chuck é de longe o matador mais perigoso que existe, vi na TV que ele mata várias pessoas. Ele é muito assustador. (Menino de sete anos)*

*Eu sempre assisto filme de terror, é da hora, tenho medo de todos: tem um o Freddy Krueger que entra no sonho da criança e mata, o Michael Myers mata com faca e depois come a pessoa, a boneca Anabelle é assassina e ela muda de lugar na casa, a Maria Sangrenta e o Palhaço Assassino mata logo de cara e tem o Pânico que mata as pessoas, é a morte disfarçada. (Menino de onze anos)*

*Você acredita que tem uma menina que é do mal, dá muito medo ela parece uma menina de verdade, mas ela aparece no cemitério ela procura a gente pra matar ela chama Anabelle tem no DVD que eu assisto. (Menina de onze anos)*

*Eu faço pesquisa na internet de personagens de terror, nossa eles dão muito medo, quando eles ficam todos juntos são assustadores e você vê cada hora eles aparecem num lugar da casa. (Menino de onze anos)*

*Tem um monstro que é da minha cabeça; é uma pessoa "Slamer" [monstro imaginado pelo menino] que tentou matar um menino. O menino costurou a boca dele, daí me falaram que quando a cadeira balançar pode ser o monstro, daí a gente cobre a cabeça com o cobertor, mas não olha porque ele pode te matar. (Menino de dez anos)*

### **Amplificação**

Ao analisar sobre o simbolismo dos seres sobrenaturais, Jung (2013e, p. 150) explica que são figuras mitológicas projetadas pelo inconsciente coletivo. Considerando que fazemos parte da psique coletiva histórica por meio do nosso inconsciente, é natural que esse inconsciente seja povoado de lobisomens, demônios e vampiros, uma vez que esses seres já amedrontaram o mundo anteriormente.

Os monstros, segundo Jung (2011d, p. 118), são tidos por ele como animais asquerosos e "[...] personificam a qualidade selvagem, tenebrosa, dos abismos da natureza, a natureza bruta dos instintos". O lado positivo do simbolismo é que "[...] esse animal asqueroso, porém, possui apesar de tudo um aspecto construtivo na medida em que deseja unir a criança às partes dissociadas da sua personalidade" (JUNG, 2011d, p. 118).

Von Franz (1997) ressalta que a sombra não carrega apenas a parte negativa, mas frequentemente "[...] não passa de uma espécie de brutamontes inofensivos, um homem sem modos, o homem coberto de pelos muito próximo da natureza" (VON FRANZ, 1997, p. 93). Assim, esse monstro muitas vezes pode não ser mau, pode até ser gostável; é uma figura importante para ajudar a lidar com os conteúdos sombrios.

Chevalier e Gheerbrant (2007) pontuam o simbolismo do monstro como o de um guardião do tesouro, não exterior, mas aquele que dá acesso ao mundo interno que leva à transformação. O medo dos monstros leva à luta heroica de vencer as dificuldades e obstáculos, passar por provas e testar as capacidades das crianças para conquistar um ego fortalecido. "Ali onde está o monstro, está o tesouro." (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2007, p. 615).

Nas lendas do folclore, Cascudo (2002) descreve os mitos relacionados aos monstros em dois ciclos. O primeiro – Ciclo da Angústia Infantil – descreve personagens como Tutu, Cuca, Mão de Cabelo, Bruxa, Chibamba, e Cabra Cabriola, que provocam medo e assombram as crianças.

O Tutu-marambá, Tutu-marambaia ou Tutu-Papão é um animal disforme e negro que aparece nas cantigas de embalar as crianças, como as seguintes:

Tutu marambá  
não venhas mais cá  
que o pai do menino  
te manda mata

Bicho Papão sai de cima do telhado  
deixa o menino  
dormir sossegado

Cantiga popular. Informação verbal.

A Cuca ou Coca é um ente velho, feio e desgrenhado que amedronta pela deformidade. É também considerada uma feiticeira e bruxa que aparece à noite para levar os meninos inquietos e que não dormem. O ser leva as crianças embora em um saco, despertando pavor e aterrorizando. Também faz parte das cantigas de ninar:

Olha o negro velho  
em cima do telhado  
ele está dizendo  
quer o menino assado

Vai-te Coca sai daqui  
para cima do telhado  
deixa dormir o menino  
o seu sono sossegado

Cantiga popular. Informação verbal.

No segundo ciclo, que chamou de "Ciclo dos Monstros", Cascudo (2002) descreve personagens como o lobisomem, mapinguari, capelobo, pé de garrafa, Labatut, quibungo, papa-figo, gorjala, bicho-homem.

Um personagem interessante relatado por Cascudo (2002) é o lobisomem feminino, lenda africana na qual a mulher pode tornar-se hiena ou pantera. Na China, uma mulher pode tornar-se loba por penitência a um pecado mortal. Nessa lenda, um espírito faz cair sobre a pecadora uma pele de loba, que sai à noite devorando crianças e, de manhã, retoma a forma humana.

No Brasil, segundo Cascudo (2002), não há relato de lobisomem feminino. Uma figura similar é a mula sem cabeça, burrinha ou burrinha de padre (sendo o último nome em referência ao castigo dado às amantes dos padres). Trata-se de uma mula sem cabeça, mas que relincha, tem olhos de fogo e um facho luminoso na ponta da cauda. De madrugada, corre em galopes desenfreados e dá coices que ferem como navalhadas, voltando à forma humana de manhã. Nesse sentido, as amantes dos padres devem ser amaldiçoadas por estes para que não se tornem burrinhas de padre ou mulas sem cabeça.

Jung (2011d) descreve o lobisomem como o "homem peludo" (p. 104) encoberto pela pele de lobo, indicando forças poderosas e que amedronta as crianças. "[...] trata-se de algo que as crianças temem, de uma força estranha e incrível que pode se apossar de nós, lançando-nos para um estado de muita raiva, de modo que perdemos a consciência; trata-se de um poder mágico que nos acomete repentinamente." (JUNG, 2011d, p. 104).

O mapinguari, o monstro mais popular do Amazonas, conforme descreve Cascudo (2002), mora nas matas, mata para comer e é descrito como um homem agigantado, cabelos longos e escuros, unhas compridas e em forma de garra, um olho na testa e a boca no umbigo. Um fato comum entre os monstros é que sua vulnerabilidade está no umbigo. Ao contrário dos lobisomens, o mapinguari não anda à noite, mas sim de dia, na penumbra das matas, atacando bruscamente. Porém, ele vem aos gritos, o que facilita a fuga.

Cascudo (2002) relata que o olho na frente da fronte aparecendo em quase todos os seres monstruosos é um sinal que tem origem da Antiguidade Clássica, aparecendo também nas lendas da África e Ásia e é diluído por todo o mundo. No Brasil, o ogre, labatu, mapinguari e capelobo têm apenas um olho.

Os ciclopes, na mitologia grega, segundo Brandão (2004), eram seres monstruosos de um olho só no meio da fronte. Eram senhores das tempestades, trovões e raios e eram violentos. Semelhantes às erupções vulcânicas por sua violência súbita, eram símbolos de força brutal. O ciclope da tradição grega é símbolo de uma força primitiva, regressiva e de natureza vulcânica, que somente pode ser vencida pelo deus solar Apolo (BRANDÃO, 2004).

Entre os personagens de terror relatados pelas crianças deste estudo, o Chuck era um boneco bonzinho, que foi transformado em algo maligno, que era uma espécie de boneco de vodu, e recebeu o espírito de um assassino por meio de magia negra. A noiva do Chuck é a babá que foi eletrocutada no banho. Ela e seu filho têm expressões ainda mais humanas, mas Chuck tem o rosto repleto de cicatrizes em função do seu comportamento destrutivo e incontrolável.

A lenda da Maria Sangrenta, Bruxa do Espelho ou Maria Degolada, em uma das versões, conta que uma mulher muito bonita sofreu um acidente de carro e ficou com o rosto todo desfigurado, passando a ser alvo de zombarias e humilhações. A mulher, então, fez um pacto com o demônio. Após esse acontecimento, caso seu nome seja pronunciado três vezes em frente ao espelho, ela aparecerá para alguém que tenha envolvimento com alguma morte mantida em segredo, sairá do espelho e arrancará os olhos dessa pessoa.

Freddy Krueger, personagem fictício do filme "A hora do pesadelo", é um assassino de crianças que controla os sonhos e mata-as enquanto dormem.

Anabelle é uma boneca mal-assombrada, com aparência demoníaca e que é acusada de cometer assassinatos.

Michael Myers, um personagem fictício do filme "Halloween", é retratado como assassino de sua irmã aos seis anos de idade. O personagem vai para um hospital psiquiátrico durante quinze anos, mas foge e passa a matar adolescentes (OLIVEIRA, 2009).

## **Análise redutiva**

Utilizando-se do método redutivo, podemos observar que o monstro para as crianças é uma figura que provoca medo, mas também atração. Forças instintivas poderosas muitas vezes precisam ter um rosto e serem projetadas, para ser possível enfrentá-las. As crianças relatam essa necessidade do confronto com os monstros na sua insistência de estar em contato frequente com eles, apesar do medo que sentem. Esses seres monstruosos não eram compreendidos como projeções dos conteúdos do inconsciente, mas como realidades concretas pelo ser humano primitivo e ingênuo.

A criança, durante sua educação, muitas vezes por uma exigência social ou para manter o que se considera ser bons modos, reprime suas reações mais instintivas e naturais, forçando o ego a usar máscaras, comportando-se de uma maneira que não é natural.

O monstro representa a aparição da figura horrível, que desestabiliza a harmonia. A criança, assim, precisa lutar contra os conteúdos sombrios vindos do inconsciente, de modo que favoreça o fortalecimento do ego. Quando em contato com um monstro, mesmo que fictício, a criança está ameaçada por uma força instintiva que não é passível de ser controlada, que é mais forte que ela e que ameaça engolir sua consciência frágil.

A luta travada pelo herói que consegue realizar sua tarefa, é a vitória da consciência. Assim, os monstros e as figuras do mal propõem desafios e perigos para favorecer transformações no caminho do desenvolvimento. Vencer os monstros se traduz em renascimentos. O confronto com a bruxa, simbolizando o aspecto negativo do complexo materno, leva a criança a se desprender da mãe em busca de sua autonomia.

Os monstros dos filmes e dos *games* contados pelas crianças permitem um paralelo com os mitos antigos e com os contos de fadas, convivendo também com os mitos do folclore, ainda muito difundidos em muitas regiões brasileiras, principalmente onde o acesso a esses filmes e jogos são mais

difíceis. É interessante salientar que, nos relatos das crianças, aparece o medo do bicho-papão e da cuca, personagens dos mitos do folclore brasileiro, em contraste com os medos surgidos principalmente de personagens de filmes americanos como Chuck, Freddy Krueger e Michael Myers.

#### **7.4.2.2 Fantasmas**

Os fantasmas estão relacionados com a independência dos conteúdos autônomos. O desconhecido, ou seja, aquilo que é estranho, perigoso e que expressa algo incomum pode ser representado como um fantasma e, como tal, não se tem nenhum controle.

A seguir, os relatos dos medos de fantasmas:

#### **Relatos**

*Tenho medo de um fantasma que vem na minha mente, é tipo um fogo que se você tocar nesse fogo você morre na hora. (Menino de nove anos)*

*O fantasma existe de verdade, ele retalha, é o Chuck e também tem a Cobra Matadora, ela é matadora, eles existem na neve, é monstro matador que mata e arranca sua alma. (Menino de seis anos)*

*Sonho sempre com fantasmas que vêm me pegar e quando durmo sozinha é apavorante porque fico com muito medo deles. (Menina de sete anos)*

*Depois que meu vizinho morreu com trinta anos, toda noite fico com medo de ver fantasma, eu rezo o Pai Nosso, tento dormir, mas minha cabeça só fica pensando em monstro saindo sangue pelo olho, que vai chover uma chuva que mata, que eu tô andando e alguém me acerta. (Menino dez anos)*

*Eu vi um filme que chama Mama 2, ele é bem assustador, fiquei com medo, ele tem fantasmas aparecendo embaixo da cama. (Menina sete anos)*

*Tenho sonhos assustadores com uma mulher que ela aparece no meu quarto me assustando e eu ainda não sei se ela vai fazer mal pra mim. (Menina de nove anos)*

### **Amplificação**

Analisando o simbolismo dos fantasmas, Von Franz (1997) explica que o ser humano primitivo sempre identificou a corporificação das atividades inconscientes e de formação de imagens, que funcionam de modo autônomo, como fantasmas.

Jung (2013a) explica que há uma identificação do termo espírito com o sentido de fantasma. Considera que "[...] para o primitivo, o fenômeno do espírito é uma evidência imediata do mundo espiritual." (JUNG, 2012a, p. 573). Atribui ao sonho um dos principais motivos da crença dos primitivos em espírito. A presença de pessoas como protagonistas nos sonhos leva a consciência primitiva a acreditar que se trata de espíritos, considerando que o valor do sonho era muito maior para o ser humano primitivo do que para o atual. O que ilustra esse fato é o aparecimento de pessoas já falecidas nos sonhos, que as mentes ingênuas acreditam ser as almas dos mortos.

Outra fonte de crença nos espíritos, afirma Jung (2012a), são as **doenças psicógenas**, ou seja, os conflitos psicológicos, especialmente os de fundo histórico, comum entre os primitivos. Em relação à crença da existência de espíritos entre os povos primitivos, Jung (2012a) afirma que, se a figura que eles vissem fosse a de uma pessoa falecida, a reação natural seria pensar que se trata do espírito dessa pessoa, que exerceu uma influência nociva quando em vida. Em geral, esse tipo de conflito está ligado à infância, na relação com a figura dos pais, o que leva o primitivo a dar importância aos espíritos dos parentes falecidos. As repercussões psicológicas geradas pela influência dos

pais são tão intensas que muitos povos desenvolveram o culto aos mortos. Nas doenças mentais, é comum a atribuição por parte dos pacientes de suas alucinações aos espíritos.

"Contudo, cheguei à convicção pessoal de que os fantasmas são realmente fatos psíquicos que se manifestam em sonhos, mas dos quais a nossa 'sabedoria acadêmica' se recusa a tomar conhecimento." (JUNG, 2012a, p. 270)

Na brincadeira que é chamada de sombra, as crianças, de maneira divertida, fazem o papel de um fantasma, um personagem sombrio que "cola" nelas e imita tudo o que o líder escolhido faz, sendo que todos repetem essas ações de forma automatizada. Os participantes enfileirados têm que seguir todos os movimentos e gestos do primeiro da fila, que é o mestre/sombra. A diversão fica por conta dos gestos divertidos que o mestre executar.

### **Análise redutiva**

A análise redutiva aponta para o medo que as crianças mostram do desconhecido, do que, apesar de estar morto, ameaça ter vida própria. Os medos que elas relatam de fantasmas, espíritos e zumbis não mostram uma clareza na definição. Entretanto, narram como imagens ameaçadoras que apareceram não só nos desenhos, mas também em sonhos relatados pelas crianças ao explicarem seus medos. Algumas crianças contaram que a presença de espíritos era real, que elas viram pessoas com o espírito incorporado e que por isso estavam sendo exorcizadas. O fato, apesar de assustador para elas, foi contado como sendo algo comum nas proximidades de onde moram.

Os fantasmas aparecem como aspectos sombrios no cotidiano das crianças, quando algo não é aceito em si mesmas. Por exemplo, quando sentem antipatia por alguém, raiva, inveja ou ciúmes. Os fantasmas aparecem para serem conhecidos, confrontados e superados para, assim, favorecerem o fortalecimento do ego.

#### 7.4.2.3 Espíritos, zumbis, vampiros e mortos-vivos

Os espíritos, zumbis, dráculas, vampiros e mortos-vivos, representam os complexos que foram rejeitados e dissociados. A pessoa pode ser assombrada por uma fantasia que suga sua energia psíquica.

A seguir, os relatos dos medos de espíritos, zumbis, dráculas, vampiros e mortos-vivos:

##### Relatos

*Tem um tipo de vampiro que tem mãos de faca, é meio demônio com uma boca enorme como do lobisomem, que sai uma fumaça verde assustadora pela boca e ele chama você pelo nome. (Menino de sete anos)*

*Sonho sempre, sempre [ênfatisa] com um vampiro, a boca dele sai sangue e no sonho ele me pega e tenta me matar com uma faca. (Menina de sete anos)*

*Tenho medo de todos esses assustadores; fantasma, espíritos, vampiro porque ele vem chupar seu sangue à noite e o zumbi come a gente. (Menina de sete anos)*

*Tenho medo de fantasma-zumbi, ele é perigoso porque ele pode me possuir para fazer coisas ruins e ainda tem o vampiro que ele chupa seu sangue até o final. (Menino de nove anos)*

*Tem um monstro-demônio que ele mata, ele é poderoso, faz você fazer coisas ruins e invoca espíritos. (Menino de dez anos)*

*Tenho medo de ir para o inferno porque lá tem demônios, fogo e coisas horríveis tá tudo aqui na minha cabeça. (Menino de dez anos)*

*Vi no filme uma pessoa exorcista e depois vi acontecer perto da minha casa, a pessoa começou a tremer, falou umas coisas estranhas como era no filme, mas essa pessoa que eu vi não era fantasma, era de verdade, mas dava muito medo, sempre vou lá ver essa pessoa estranha que tem na minha rua.* (Menino de onze anos)

*Tenho medo de uma pessoa gritando de exorcismo, é pra purificar e tirar o demônio do corpo, mas dá medo, ela mora perto da minha casa, no mesmo quarteirão.* (Menino de onze anos)

### **Amplificação**

Ao tratar sobre o simbolismo do vampiro, Von Franz (1997) explica que o complexo que foi rejeitado drena a energia psíquica. "Aos poucos, ele se transforma naquilo muito bem representado pela imagem do vampiro, algo que ataca à noite e chupa nosso sangue." (VON FRANZ, 1997 p. 101). O sangue que os vampiros sugam simboliza a psique emocional e ativa, a psique afetiva.

De acordo com Chevalier e Gheerbrant (2007), "O fantasma atormenta os vivos pelo medo, o vampiro os mata tirando sua substância: só consegue viver graças a sua vítima." (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2007, p. 930). O vampiro existe enquanto há um problema de adaptação de um indivíduo com ele mesmo ou com o meio social; ele representa, segundo os autores, "[...] uma inversão das forças psíquicas contra nós mesmos." (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2007, p. 930).

Jung (2012a) trata os espíritos como fatos psíquicos: "[...] são complexos do inconsciente coletivo que tomam o lugar de uma adaptação perdida ou tentam substituir uma atitude inadequada de todo um povo por nova atitude."(JUNG, 2012a, p. 597). Os espíritos podem ser tanto ideias novas ainda desconhecidas como fantasias patológicas.

Na mitologia indígena dos Caiapós, há os espíritos benéficos, como relatado no mito do Rato na Árvore Oca. Um espírito aparece ao homem que trabalha na plantação e indica-lhe a imensa árvore maravilhosa a ser derrubada. No interior do seu tronco oco, encontra o rato, cujo estômago contém o novo fruto: o primeiro grão de milho. Com isso, a humanidade adquire um novo alimento e um novo modo de vida, tornando-se cultivadores (LUKESCH, 1976, p. 252).

No jogo simbólico, as crianças na brincadeira de morto-vivo, se divertem fazendo o papel dessas figuras. Os participantes escolhem um líder, que vai dar a instrução que deve ser obedecida pelos outros jogadores. O líder varia a velocidade dos comandos e alterna o pedido entre as crianças permanecerem “mortas”; ficando agachadas, ou “vivas”; ficando de pé, ato que é precedido por um pulo. Quem não obedece às ordens ou confunde o comando sai da brincadeira. Outras brincadeiras como zumbi, lobisomem e forca também abordam a morte, que é vivenciada pelas crianças de maneira lúdica.

### **Análise redutiva**

Analisando por meio do método redutivo os relatos das crianças, observa-se que o medo é o de ser possuído, tomado por alguma força destrutiva, que pode sugar suas energias. A mãe superprotetora, um complexo materno negativo de mãe devoradora, tende a afastar o filho da vida, sugando a sua energia.

Jung (2011d) afirma que a criança projeta seu inconsciente na figura da mãe. Pelo fato de a criança viver ainda dentro do coletivo, não percebe a mãe como alguém real, mas “[...] principalmente como um arquétipo, o que faz com que a mãe adquira um significado sobre-humano e fatal.”(JUNG, 2011d, p. 310). Assim, a mãe pode se tornar a bruxa, o demônio, o fantasma, o monstro, ou

seja, uma pessoa ameaçadora, hostil e sinistra, o que não condiz com a realidade.

Entretanto, Jung (2011d) enfatiza que "[...] pode acontecer de as projeções dessas imagens arquetípicas serem favorecidas pela estrutura psíquica da mãe." (p. 310). Mas, mesmo tendo sido fomentada pela mãe, essas imagens fazem parte dos arquétipos das crianças e de seu mundo coletivo.

O mito indígena dos caiapós representa o espírito que traz as ideias novas, que podem indicar para as crianças novos trajetos no desenvolvimento.

O vampiro alerta para a necessidade de se responsabilizar pelos próprios atos. Para a criança, pode aparecer como uma dificuldade em se adaptar ao seu meio, uma expressão criativa que não foi compreendida pelas pessoas que são significativas a ela. Os vampiros são seres que resistem em morrer e representam os aspectos da psique que devem ser descartados e desapegados.

#### **7.4.2.4 ETs**

O medo de ETs não foi tão significativo em termos percentuais, entretanto, é interessante salientá-lo como um medo contemporâneo, no qual as crianças mostram preocupação com os elementos vistos no céu, sendo esse um espaço que pode ser amedrontador.

A seguir, os relatos dos medos de ETs:

#### **Relatos**

*À noite tenho medo que um alienígena entre dentro da minha casa.*  
(Menino de dez anos)

*Um ET é muito perigoso, porque ele pode matar e levar você para outro lugar, ele tem raios radioativos. (Menino de dez anos)*

*Um alienígena vai vir derrotar a terra... [sussurrando no ouvido da pesquisadora] não posso falar isso porque é pecado, mas dá medo. (Menino de onze anos)*

### **Amplificação**

Analisando o simbolismo dos óvnis, Jung (2011f) afirma que "[...] são fenômenos reais, materiais, seres de natureza desconhecida, que provavelmente vêm do espaço cósmico." (p. 129). Considera a possibilidade de que esses fenômenos já existissem, mas, nos últimos tempos, em que as fantasias sobre voos espaciais e as ameaças terrenas são reconhecidas, os conteúdos do inconsciente se projetam para as coisas vistas no céu.

Nos relatos sobre os óvnis, Jung (2011f) explica o significado psicológico, salientando o formato desses objetos enquanto discos e traçando um paralelo com o símbolo da mandala, símbolo arquetípico da totalidade psíquica. Jung (2011f) ressaltou o fato de que as aparições dos óvnis têm relação com certas condições psíquicas coletivas da época. Considera também os óvnis a representação de um símbolo vivo e, como tal, pode-se perguntar que tipo de desenvolvimentos futuros estarão se formando no inconsciente dessas crianças, com essas imagens de objetos vistos no céu.

A situação psíquica da humanidade e o fenômeno dos óvnis não mantêm uma relação causal, mas coincidem no significado. "A interligação de sentido deriva, por um lado, da projeção, e, por outro, das formas cilíndricas que correspondem ao significado da projeção, e que, desde as mais remotas eras, representa a união dos opostos." (JUNG, 2011f, p. 130).

### **Análise redutiva**

A análise redutiva aponta que o olhar para o céu pode sugerir uma ameaça, a possibilidade de ataques vindos desse local, o que pode ser real. As crianças nessa faixa etária (entre dez e onze anos) que relatam o medo dos ETs se distanciaram dos motivos míticos ctônicos mais frequentes e buscam uma orientação vinda do céu, na procura de unir e tomar consciência dos elementos terrenos. É um trabalho heroico de integração, que dá sentido ao trajeto do desenvolvimento.

### **7.4.3 Imaginário e Projeções do Futuro**

A morte, com 32.5%, foi o medo com maior representação nessa categoria. Os medos das crianças, na sua maioria, são em relação à morte dos pais, depois à sua própria morte e à do seu bicho de estimação. A morte relatada pelas crianças, em geral, é em decorrência de assaltos, acidentes, armas de fogo, tiros disparados por assaltantes ou medo de ser enforcado.

#### **7.4.3.1 Morte**

##### **Relatos**

A seguir, os relatos dos medos da morte:

*Tenho medo do meu cachorro morrer porque eu não vivo sem ele, ele é muito importante pra mim.* (Menina de 10 anos)

*Tenho medo sempre, muitas vezes tenho esse medo que tem um homem querendo me matar, tenho medo de morrer e deixar minha família.* (Menina de dez anos)

*Tenho medo que meus pais morram por causa do assaltante, ainda sou nova pra ficar sem eles.* (Menina de seis anos)

*Meu medo é um assaltante matando meu pai, eu e minhas irmãs tem medo que ele morra porque ele é tudo pra mim. (Menina de onze anos)*

*Tenho medo de um cara assassinar meu pai porque não vou ter ninguém pra tomar conta de mim e ainda não consigo me virar sozinho. (Menino de oito anos)*

*Tenho medo que meu pai e minha mãe morra com um ladrão atirando porque eu gosto muito deles e se eles morrer enquanto eu sou criança, não vou saber me virar e ainda nem sou casada. (Menina de oito anos)*

*Quando a gente sai na rua tenho medo de acontecer alguma coisa e a gente morra porque na rua tem assassinatos, e eu tenho medo que matem minha família. (Menina de nove anos)*

*Minha casa já foi assaltada, ela é grande, tem mato dá muito medo e tenho medo que os assaltantes matem meus pais. (Menina de dez anos)*

*Quando eu morrer acho que vou pro céu o problema é que eu vou ficar longe dos outros. (Menino de dez anos)*

*Tenho muito medo dos meus pais morrerem e eu ficar sozinho com a minha vó, já fiquei sozinho com ela e não gostei. (Menino de dez anos)*

*A morte é perigosa porque ela vem roubar os espíritos das pessoas. (Menino de nove anos)*

*Dá medo dos meus pais morrerem e eu não estou acostumada a ficar sem eles... eu não sobreviveria. (Menina de nove anos)*

*Meu maior medo é dos meus pais e minha cachorrinha Cindy morrerem porque eles são muito importantes pra mim. (Menina de dez anos)*

### **Amplificação**

Ao considerar os simbolismos da morte, Von Franz (1997, p. 59) ressalta que a imagem da própria morte "[...] quer dizer que a atitude do ego, como se configura naquele momento, deve desaparecer". Independentemente de qual for o tipo de morte, esta "[...] sempre significa que uma mudança radical está próxima." (VON FRANZ, 1997, p. 59).

Jung (2011d) salienta que "[...] quando perdemos a fé em nossos valores e a convicção que temos a respeito deles, temos a sensação de que iremos morrer, que é o fim da vida." (p. 535).

Quando uma mudança importante e decisiva acontece, o medo de morrer pode vir junto, que se constitui, na realidade, no medo da transformação. A consciência necessita dos opostos para se diferenciar. Jung (2011d) explica que o princípio paterno do Logos luta para se desprender do calor e da escuridão primordiais do colo materno e da inconsciência. Os dois princípios – paterno e materno – não existem sem seu oposto.

A vida, segundo Jung (2012a), é um processo energético e, como tal, por princípio é irreversível e orientado para um fim. Assim, a vida é teleológica e o organismo é um sistema com objetivos prefixados que devem ser alcançados. "A curva da vida é como a parábola de um projétil que retorna ao estado de repouso, depois de ter sido perturbado no seu estado de repouso inicial." (JUNG, 2012<sup>a</sup>, p. 363).

Os gregos, segundo Jung (2012a), consideravam a sombra como as almas dos defuntos. Para esses povos, a sombra, chamada de *synopados*, (que significa "aquele que segue atrás de nós"), era um sentimento de uma presença viva, mas não apreensível.

No seu aspecto negativo, a morte significa finitude, extinção e no seu aspecto positivo simboliza transformação, renascimento. O renascimento, como

afirma Jung (2013h), não é um processo observável, escapa aos sentidos; assim essa realidade psíquica só é possível de ser transmitida por meio de relatos.

Campbell (2008), nos seus estudos sobre os mitos, considera que o período primitivo vai "[...] do despertar da consciência ao surgimento da escrita" (p. 53). Nessa época, a cultura se alimentava essencialmente da morte e da caça, sendo que os povos eram caçadores. Os animais eram mortos não só para serem comidos, mas também para outros fins: as peles, por exemplo, se transformavam em choupanas e vestimentas. Não havia distinção entre matar um animal ou um ser humano. Para a psique se proteger das mortes, realizavam-se ritos, acreditando-se que o animal havia se oferecido como vítima voluntária ao caçador e, por meio de um ritual, sua vida poderia ser restituída.

Na mitologia hindu, a morte pode significar transformação. A deusa Devi é a mãe divina da religião hindu. Ela possui muitas formas, como o guerreiro Kali ou o terrível Durga. Outra forma da deusa Devi é Parvati, por quem Shiva se apaixonou. Shiva, assim como Devi, pode ser ao mesmo tempo terrível e gentil, destruidora e misericordiosa. Como mãe da vida, Devi traz a chuva, protege contra doenças e é suave e amorosa. A manifestação da deusa Kali, a deusa das trevas, é a mais sanguinolenta, terrível e assustadora forma da Deusa. É tão mortal e poderosa que fica possuída pela sede de sangue. O sangue que exige é convertido em alimento e o sacrifício se transforma em vida e ressurreição, dando o aspecto transformador à morte (PHILIP, 1996).

Na mitologia indígena, também encontramos o tema da morte que leva à transformação. Na Lenda do Guaraná, da tribo Maués, um casal queria muito ter filhos e pediu a Tupã. Sabendo que o casal era bondoso, o deus atendeu o desejo e nasceu um lindo menino. O menino cresceu bonito, era generoso e querido por todos na aldeia. Mas Jurupari, deus do mal e da escuridão, sentia muita inveja do menino e resolveu matá-lo. Um dia, o menino foi coletar frutos na mata e Jurupari aproveitou a ocasião, se transformou em uma cobra e atacou e matou o menino. A notícia triste se espalhou, relâmpagos e trovões ecoaram por todo a aldeia. A mãe do menino, que chorava desesperada, entendeu a mensagem de Tupã, que recomendou a ela plantar os olhos da criança, que

deles nasceria uma nova planta, dando frutos muito saborosos. E assim foi feito: nesse lugar, cresceu a árvore que dá o guaraná, cujas sementes são negras e envoltas por uma película branca, lembrando os olhinhos do menino (VIDAL, 1977).

As crianças zombam com o tema da morte na brincadeira balança caixão. Um participante abraça uma árvore (ou encosta na parede) enquanto os outros fazem uma fila atrás da criança e, pegando na cintura do parceiro da frente, balançam e cantam:

Balança, caixão  
Balança você  
Dá um tapa na bunda e vai se esconder  
Cantiga de brincadeira popular. Informação verbal.

Assim, todos se escondem e o último da fila sai para achá-los.

### **Análise redutiva**

Na análise redutiva, observa-se que o medo da própria morte pode indicar a necessidade de uma mudança ou de uma atitude antiga, talvez ainda infantil, que precisa morrer para se transformar em algo novo. A morte física é imponderável, mas a morte simbólica possibilita mudança, renovação e renascimento. A morte pode representar uma "faxina emocional", na qual joga-se fora o que não serve mais, ou seja, o que está velho e obsoleto, para abrir espaço para novas soluções, atitudes e desafios que proporcionem desenvolvimento.

As crianças, no seu processo de crescimento, passam por muitas mudanças, muitas mortes simbólicas que podem parecer temerosas e ameaçadoras. No início da vida, a primeira experiência da criança relacionada à ideia de morte é vivida pela ausência da mãe. Quando a mãe desaparece do campo visual do bebê, essa ausência é percebida como uma morte, uma separação e uma experiência de desamparo.

Na trajetória do desenvolvimento, vida e morte configuram o mesmo arquétipo: o herói na sua luta contra a morte, contra o monstro e contra o dragão para sair transformado dessa experiência. Os desafios impostos ao herói por meio das mortes simbólicas proporcionam não só um renascimento, mas também o conhecimento e o confronto com suas fragilidades e fraquezas. Essa luta do herói é a luta do ego com os conteúdos desconhecidos do inconsciente.

É essencial que a criança aprenda a lutar com sua natureza instintiva, o ego precisa se fortalecer contra essas forças vindas do inconsciente. Alguns mitos relatados apontam o sacrifício vivido por meio da morte, que, de alguma forma, traz a vida. No contato com as figuras que representam o lado do mal, as crianças vivenciam que o lado terrível e ameaçador não está só do lado de fora, mas também dentro de si mesmas.

Os aniversários são representantes da morte do ano que passou e do renascimento com o ano que se inicia. O aniversário simboliza, por meio da chama da vela, a luz, o fogo e a vida. Ao apagar a vela, apaga-se o ano que passou e comemora-se o ano que se inicia.

A vivência de brincadeiras como balança caixão um pega-pega divertido com a morte, favorece a estruturação e a ampliação do conhecimento de si mesmo, do outro e do mundo. Entretanto, isso não impede que o medo da morte seja sentido como angustiante e assustador.

#### **7.4.3.2 Acidentes**

Os acidentes representam 21,2% dos medos das crianças. Os acidentes relatados foram: com carro, com avião, com barco, por afogamento, queda de árvore e acidentes envolvendo computadores pegando fogo, incêndio, raio, vulcão, maremoto, furacão e terremoto. Relatou-se também os medos de acabar a água no mundo, de ataque nuclear e de bala perdida.

#### **Relatos**

A seguir, os relatos dos medos de acidentes:

*Tenho medo de acidente de avião desde que os Mamonas Assassinas morreram, tenho pavor, sou muito medroso e nem posso jogar jogo de terror de tão medroso que eu sou. (Menino de onze anos)*

*Tenho medo que venha uma onda bem grande e se na onda ainda tem um tubarão então já era. (Menino de oito anos)*

*Tenho muitos medos: de acabar a água do mundo, cair do penhasco, de avião, barco, morrer "normal", morrer afogado e de se perder. (Menino de nove anos)*

*Tenho medo de acidente de carro com caminhão, porque acho que sou muito novo pra morrer. (Menino de oito anos)*

*Tenho medo que aqueles caminhão grande me atropеле, esse é o único medo que eu tenho. (Menino de oito anos)*

*Já sonhei que minha casa pegava fogo e eu fiquei com muito medo, eu tava presa e não conseguia respirar. (Menina de onze anos)*

*Tenho medo do carro cair no abismo e meu pai e a minha mãe morrer. (Menino de seis anos)*

*[Tenho medo de] ser atropelada porque uma vez vi um filme que tinha um menino que tinha sido atropelado por um fusca que atropelou ele por querer, e ele morreu. (Menina de seis anos)*

*Tenho medo do assaltante atirar no carro e meu pai e a minha mãe morrer e eu não queria ficar sem eles, uma vez minha prima foi atropelada na calçada. (Menina de seis anos)*

### **Amplificação**

Analisando o simbolismo de acidentes naturais, Jung (2011d), ressaltando os incêndios, explica que "A dinâmica do inconsciente é invisível. Ela alimenta a intensidade de nossa consciência. Quando a consciência diminui há um incêndio, por isso esse momento frequentemente é simbolizado pelo fogo." (JUNG, 2011d, p. 84). A consciência é rompida pelo fogo que destrói. Quando algo ameaçador é percebido pela criança, o incêndio representa a destruição da consciência que é tomada por esses conteúdos inconscientes temerosos e ameaçadores.

O terremoto significa que uma situação, pensamento ou ponto de vista está sendo abalado. Jung (2011d) afirma que "[...] 'a terra que vacila sob os meus pés', isso significa que percebemos que seremos confrontados com algo que não sabemos lidar." (p. 425).

Chevalier e Gheerbrant (2007) pontuam que a catástrofe é um símbolo de uma mutação violenta, involuntária ou desejada. No seu aspecto negativo, aparece como destruição, perda, separação, ruptura, fracasso, morte de uma parte de si mesmo ou de alguém do seu meio.

Jung (2011f) aponta para o aumento da densidade demográfica como um fator preocupante, que pode ter o efeito de uma catástrofe, e ressalta que a natureza utiliza diversos caminhos para se desfazer de suas criações desnecessárias. "O perigo da catástrofe se agrava proporcionalmente ao aumento da densidade demográfica" (JUNG, 2011f, p. 27).

### **Análise redutiva**

Analisando sob o enfoque do método redutivo, as catástrofes podem estar representadas nas expectativas que não se confirmaram, insucessos e desejos que as crianças não realizaram. No seu aspecto positivo, simboliza uma vida nova e diferente, uma mudança psíquica desejada pela consciência e revelada pelo inconsciente. Nas crianças, os acidentes poderão simbolizar a necessidade de troca de atitudes para ocorrer uma nova ordem que contribua para o desenvolvimento destas. Nas transições, quando há propostas de transformações de vida e experiências difíceis de lidar e profundas, surgem imagens relacionadas ao risco de "cair", "se afogar", "submergir" no estado inconsciente. O aspecto positivo é que essas situações propiciam que algo profundo seja mobilizado e favoreça a oportunidade após a vivência cindida de se recompor para um renascimento.

#### **7.4.3.3 Abandono**

O abandono, com um índice de 13,9%, foi relatado pelas crianças no sentido de sentirem-se perdidas e não saberem o que fazer. As crianças relataram medo de serem abandonadas pelos pais ou da morte destes e de não se sentirem aptas a viverem sozinhas.

A seguir, os relatos dos medos de abandono:

#### **Relatos**

*Meu pai pode me esquecer em um lugar, ir embora e um cara me pegar, dá medo porque vou ficar sem pai e mãe e não estou acostumada a ficar sem eles. (Menina de nove anos)*

*Tenho sempre medo de se perder, é uma característica quando tem muita pessoa que não conheço me desespero e não consigo pensar o que posso fazer, tenho sempre é uma coisa "normal". (Menina de nove anos)*

*Meu medo é de ficar esquecida na rua e ficar sem meus pais. (Menina de nove anos)*

*De repente vem uma coisa em mim e me dá medo de se perder. (Menina de dez anos).*

*Tenho um medo muito grande e eu sempre tenho esse medo, é de ficar abandonado e ainda se for numa floresta e no escuro é muito apavorante. (Menino de dez anos)*

*Tenho medo de ficar abandonada, de ficar num lugar deserto sozinha e meus pais não me achar, vou ficar desesperada. (Menina de onze anos)*

*Quando eu era pequena eu me perdia no shopping, tenho trauma de ser abandonada. (Menina de dez anos)*

### **Amplificação**

Segundo Cirlot (1984), sentir-se abandonado é essencialmente "[...] sentir-se abandonado pelo 'deus em nós'" (CIRLOT, 1984, p. 53).

O abandono, no sentido positivo, poderá ser vivido pela criança como um impulso necessário para seu processo de autonomia. Neumann (1995) considera o ventre um símbolo devorador da mãe terrível, ou seja, o aspecto assustador do materno que a criança precisa enfrentar para o seu crescimento. O autor considera o medo da mãe terrível o primeiro passo para a criança se afastar do objeto voraz, que enreda e embaraça o crescimento. Constela-se a possibilidade de autonomia, fundamental no trajeto do desenvolvimento. "No

inconsciente coletivo todos os arquétipos são simultâneos e justapostos. Somente com o desenvolvimento da consciência ocorre uma graduação hierárquica no próprio inconsciente coletivo." (NEUMANN, 1995, p. 79).

### **Análise redutiva**

Na análise redutiva, observa-se que o medo das crianças são de sentirem-se incapazes de viverem sozinhas, sem a segurança dos adultos. O sentimento de abandono da criança poderá ser em relação à falta de atendimento as suas necessidades básicas, de não ser acolhida e amada e de perceber que seus sentimentos não são validados. Esse sentimento de abandono pode parecer a morte para a criança; o abandono de si mesma. A criança pode sentir-se abandonada no meio de uma família grande, com muitos filhos, na qual ela não consegue receber atenção, por diversos motivos, entre os quais os relacionados a trabalho, viagens e doenças dos pais.

Para a criança, perder-se significa, em geral, perder a referência, o que pode representar um perigo para ela; o ambiente pode lhe causar estranheza ou parecer assustador, diferente, muitas vezes, do ambiente acolhedor da sua casa.

O aspecto positivo do abandono é o que proporciona o motivo para a autonomia. O simbolismo do abandono poderá representar um impulso dos instintos para a saída do lugar acolhedor e aconchegante do colo materno para o ato de se aventurar pelo mundo. Ou seja, tal simbolismo pode representar o impulso de sair da vida passiva, na qual não há o enfrentamento do ego, e lutar para a conquista do próprio espaço, que garanta sua autonomia.

#### **7.4.3.4 Medo do Futuro**

Outros medos que não alcançaram um percentual significativo, mas que são interessantes pelo seu aspecto prospectivo, apontam para como o medo do futuro aparece hoje. O medo do futuro sempre existiu, mas as crianças mostram

como o medo se veste hoje. O medo do desaparecimento do computador, internet, jogos digitais e tudo o que seja relacionado ao mundo virtual foi comparado pelas crianças do estudo ao “fim do mundo”.

A seguir, os relatos dos medos do futuro:

*Tenho medo do futuro porque hoje tem muito acidente e se tiver muito acidente não tem futuro e também tenho medo de ficar sem computador.* (Menino de oito anos)

*Meu maior medo é meu videogame pegar fogo porque o videogame é a coisa mais importante da minha vida, vou ficar louco sem ele.* (Menino de dez anos)

*Eu tenho medo que o mundo acabe, você sabe que sem internet o mundo pode acabar?* (Menino de oito anos)

*Tenho medo de dengue porque pica todo mundo eu já vi uma dengue picando meu cachorro e pode ser mortal.* (Menino de oito anos)

*Tenho medo de ser uma pessoa má porque tem muita gente do mal por aí e também vejo na TV.* (Menino de oito anos)

*Tenho medo de um veículo do além, uma nave que tem algas vermelhas; é da guerra dos mundos, se o raio cair três vezes você morre.* (Menino de oito anos)

*Tenho medo que acabe a água no mundo.* (Menino de nove anos)

*Meu medo é de ficar rico e ficar sem ninguém aí vou ficar sozinho numa casa grande.* (Menino de onze anos)

*Tenho medo de um ataque nuclear porque o mundo pode acabar tenho medo de entrar num nevoeiro e ir para um mundo paralelo. (Menino de onze anos)*

*Meu medo é de me apaixonar porque tem muito problema, eu vejo na TV. (Menina de onze anos)*

*Tenho medo da solidão porque quando minha família morrer não vou ter mais ninguém, vou ficar sozinha. (Menina de dez anos)*

*Tenho muito medo de não alcançar meu sonho de ser escritora. (Menina de onze anos)*

*Tenho muito medo da minha família desaparecer porque tem muito assaltante, esse medo me persegue até sonho com ele. (Menina de onze anos)*

### **Amplificação**

Ao considerar o simbolismo do futuro, Jung (2011d) afirma que criança antecipa sua vida futura, o que pode não parecer um fato comum, considerando sua pouca idade. Talvez isso dificulte o entendimento de que as crianças possam ter visões desse tipo. "O estado mental dos primeiros anos de vida não difere do inconsciente coletivo, é um mundo animado rico em imagens." (JUNG, 2011d, p. 195).

Araujo (2015) ressalta o medo e o fascínio diante da tecnologia e dos espaços criados pelos meios eletrônicos. Os espaços para as inter-relações não consideram as distâncias, tampouco os fusos horários, propiciando ampla sociabilidade e exercendo grande fascínio.

O medo existe pela dificuldade de adaptação ao desconhecido, a adesão aparece pela vivência da experiência com a máquina e o

fascínio surge pela antecipação de novas formas de comunicação no futuro, mas que já se anunciam. (ARAUJO, 2015, não paginado)

Campbell (1995), nos seus estudos sobre mitos, considera o computador um mito do mundo moderno. Ele estabelece um paralelo entre a mitologia e o computador. Um programa de computador tem um conjunto de sinais para alcançar um determinado objetivo. Se os sinais de outro programa são acessados, o programa que se gostaria de acessar inicialmente não vai funcionar. Da mesma maneira, na mitologia, as metáforas que estão relacionadas ao pai são diferentes dos conjuntos de sinais relacionados aos da mãe. E as duas são metáforas adequadas: simplesmente são tentativas diferentes de interpretar os mistérios da vida.

Bonder (1996) ressalta que a rede virtual já foi imaginada há três milênios pelos profetas bíblicos. Diferentes dos adivinhos, os profetas se propunham a exergar não o futuro, mas sim, de modo transparente, o que estava acontecendo no presente, alertando sobre o futuro. A rede universal já existia com suas janelas que mantinham a interconexão com os indivíduos, permitindo, assim, o acesso à teia planetária. A rede virtual é um modelo que permite as trocas e aproximações vitais entre os seres humanos, considerando não o tempo, mas o espaço. "A virtualidade, tal como a teoria da relatividade, mostra-nos que as fronteiras não são de ordem externa ou mesmo interna. As fronteiras estão na mente e na sua capacidade de perceber." (BONDER, 1996, p. 96).

### **Análise redutiva**

A análise redutiva indica que o medo relatado pelas crianças de ficar "desconectado", sem acessar a internet, sem poder brincar com seus jogos virtuais, ouvir músicas e buscar assuntos de seus interesses se apresentam como um medo contemporâneo. Ficar sem conexão com a internet representa ficar fora da "teia virtual", sem possibilidades de se inter-relacionar.

A sociabilidade é claramente dependente dos acessos, da comunicação que se estabelece por meio da rede virtual. As crianças relataram o medo do

computador pegar fogo e o mundo se acabar porque, assim, acabará também a internet. As fantasias tecnológicas não conscientes na sua totalidade favorecem as projeções explicativas para o que ainda não é compreendido em toda sua extensão. O computador aparece como o novo contador de histórias, o que traz o novo, amplia os conhecimentos – tornando-os sem fronteiras – e permite que as projeções se façam em inúmeras imagens. Além disso, no mundo contemporâneo, as inter-relações são facilitadas e ampliadas rapidamente, pois o espaço virtual encolheu as distâncias e otimizou o tempo e as conexões.

Os medos expressados pelas crianças são considerados medos normais, esperados e até desejáveis para a faixa etária estudada. Os medos relatados remetem aos conflitos do crescimento: o medo diante da necessidade de crescer, medo do desconhecido e o medo (e, ao mesmo tempo, o desejo) de permanecer junto ao materno. São observadas também a necessidade e a luta pela autonomia e a culpa pelo confronto com o materno. Mas, para a criança, é fundamental lutar contra seus "monstros", contra sua natureza instintiva, confrontar suas fragilidades e fraquezas e conhecer e integrar os conteúdos desconhecidos do inconsciente. Todos esses medos fazem parte da trajetória do desenvolvimento das crianças.

Não passamos de um grão de pó em algum canto do universo. Se encararmos nossa vida através de padrões científicos e coletivos, ela é totalmente transitória e nada significa. Mas se olharmos para dentro, assim como olhamos para as estrelas, poderemos perceber que, no interior da diversidade cósmica, temos uma missão única a se realizar, que é o que chamamos de sentido da nossa vida. (VON FRANZ, 1997, p. 126)

## 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Quando chove fico com medo, quando cai trovões fico apavorado, dentro do meu pensamento está tudo nublado, estou deitado no escuro sentindo um tremendo medo e está tudo escuro no meu pensamento, mas, quando acendo as luzes dentro da minha cabeça, para de chover e vejo que meu pensamento cria e surge um arco-íris que brilha*

Tomás Casarin Caldeira

O medo do medo de ter medo. A menção da palavra “medo”, por si só, mostra-se suficiente para fazer surgir um desconforto quando pronunciada. Na coleta de dados, as crianças mostraram uma certa inquietação ao ser pedido a elas que desenhassem o que lhes dava medo. Algumas, sem muito pensar, diziam que não sabiam o que lhes dava medo. Outras, por sua vez, disseram ter tantos medos que estes não caberiam na folha de papel, perguntando se poderiam desenhá-los todos. Além dessas, algumas crianças, inicialmente não querendo refletir sobre o tema, tentaram copiar os desenhos dos amigos; mas, passada a surpresa diante de uma situação inesperada, todas colaboraram e fizeram seus desenhos. A pesquisa se propôs a investigar a evolução da representação do medo no desenvolvimento de crianças de 6 a 11 anos e identificar quais símbolos refletem tais medos. Ressaltamos que algumas crianças desenharam várias imagens do medo; assim, esse número significativo de desenhos modificou a ideia inicial de basear os estudos estatísticos no número de crianças, que totalizou 198, para apoiar-se no número de desenhos com imagens de medos, que somou 383.

A hipótese testada é a de que as desordens, dificuldades e sofrimentos vividos pelas crianças podem, em sua maioria, serem evidenciados nos desenhos feitos pelas crianças. As manifestações das emoções desenvolvem-se

ao longo da trajetória do desenvolvimento como um processo fundamental para a diferenciação do ego a partir do *Self*, a totalidade psíquica. O medo, uma emoção atávica e essencial para a sobrevivência e evolução do ser humano, vai se entrelaçando com o desenvolvimento do ego. A criança vive muito próxima aos conteúdos do inconsciente coletivo, mas é fundamental que ela se perceba com um eu capaz de adquirir autonomia, de manter relações com seu mundo interno e com o mundo ao seu redor.

O estudo apontou que os medos surgem de formas distintas no desenvolvimento das crianças dependendo do gênero, idade e ambiente social, que, na pesquisa, foi representado pelo tipo de escola (pública ou particular). O estudo evidenciou que as crianças expressam os medos que são imperativos ao seu desenvolvimento e que os medos refletem também os contextos sociais dos lugares onde moram. As imagens dos medos representadas pelas crianças assinalaram os aspectos instintivos e arquetípicos que, na psicologia junguiana, estão apoiados na teoria do inconsciente coletivo. Os conflitos do mundo interno, propulsores para o desenvolvimento, foram apontados pelas crianças em seus desenhos. Os medos expressam componentes que são universais e que vão se entrelaçar com as experiências para favorecerem o desenvolvimento da noção de identidade.

Os resultados da distribuição dos desenhos em categorias indicam que as maiores produções de desenhos foram nas categorias Seres e Situações Concretas e Imaginário e Projeções do Futuro, seguida da categoria Seres Fantásticos e Sobrenaturais.

Os meninos mostraram maneiras diferentes de adaptação frente à emoção do medo em relação às meninas. Um resultado significativo aponta que as meninas, em relação a todas as categorias, apresentaram uma produção de desenhos maior que os meninos. Essa diferença sugere que as influências culturais são refletidas nos desenhos das crianças, considerando que culturalmente é consentido às meninas o direito de expressarem livremente seus medos, enquanto é esperado que os meninos enfrentem seus medos de maneira corajosa. Os meninos não se sentem à vontade para expressar seus

medos, reprimindo-os para cumprirem a expectativa de um papel que a cultura espera deles. Quanto mais a criança cresce, mais se adapta à cultura correspondente e ao meio social no qual está inserida.

Na categoria Seres e Situações Concretas, as meninas apresentaram um número maior de desenhos que os meninos. As imagens do medo dos desenhos das meninas evidenciaram tanto medos de animais quanto medos de pessoas. Em relação aos animais, na sua representação dos instintos, as crianças salientaram medo de serem atacadas, do quanto os animais amedrontam com sua ferocidade e como podem ter atitudes de ataques traiçoeiros. O medo de pessoas, representado por ladrões, assaltantes e assassinos, foi muito enfatizado pelas crianças. Refere-se ao medo de serem assaltadas, roubadas nas ruas ou de terem suas casas invadidas, de serem feridas ou até mortas por essas pessoas. Algumas crianças relataram que já tinham sido assaltadas ou visto outras pessoas serem assaltadas; outras, contaram assaltos ocorridos em suas próprias casas. Esse é um medo concreto, considerando a violência da sociedade na qual estão inseridas, mas também é o medo que simboliza a falta de segurança de não receberem acolhimento, o temor de não terem suas necessidades atendidas e que garantam sua sobrevivência. Os meninos também demonstraram esses medos, mas em proporção menor quando comparados às meninas.

Por outro lado, os meninos apresentaram maior número de desenhos em comparação com as meninas na categoria de Seres Fantásticos e Sobrenaturais. O medo que incita e aparece para favorecer a saída do lugar seguro em busca de autonomia foi evidenciado no medo dos seres do mal, dos monstros, dos vampiros e de serem possuídos por fantasmas. Esses seres, ao mesmo tempo em que são ameaçadores e temerosos, mostram que exercem uma atração nas crianças para que possam ser enfrentados. As crianças, ao assistirem aos filmes e *games* com essas imagens fantásticas e sobrenaturais, exploram essas fantasias e sentem-se controlando esses medos. Podemos estabelecer um paralelo com as pinturas das cavernas supondo que as pessoas daquela época pintavam os animais ameaçadores nas paredes das cavernas

como formas de ensaiar o que fazer frente aos animais perigosos. Assim, podemos supor que as crianças jogam ou assistem aos filmes com seres sobrenaturais como uma maneira de controlar as situações ameaçadoras, pois assistir às cenas permite um treinamento de como enfrentá-las e uma elaboração por meio das imagens.

Essas imagens e narrativas apavorantes dão forma aos conteúdos do mundo interno e instintivo da criança, permitem confrontar esses medos sombrios e descobrir formas de lidar com eles, ou seja, com esses medos que percebem dentro de si mesmos e que podem vir à tona projetados nessas imagens sobrenaturais e apavorantes. O que faz com que essas situações apavorantes sejam ao mesmo tempo uma diversão é o fato de que essas fantasias e medos têm hora certa para começar e acabar e o fato de que, depois de um tempo, tudo volta ao que era antes. Entretanto, é preciso considerar que nem todos se divertem nesses filmes ou *games* com imagens sobrenaturais e monstruosas.

Na psicologia junguiana, o medo diante desses seres fantásticos mobiliza para a vivência do arquétipo do herói, próprio dessa faixa etária que estudamos. O herói, que simboliza a força e a coragem promove a luta heroica do ego contra as forças instintivas e desconhecidas do inconsciente. O arquétipo materno que foi constelado no bebê e projetado na mãe, nesse ponto da trajetória do desenvolvimento que as crianças do estudo se encontram, aponta para a necessidade de se afastarem da predominância do arquétipo da Grande Mãe e do contexto familiar protegido para enfrentar o mundo na direção da autonomia. A criança tem como tarefa sair da indiferenciação do inconsciente, do coletivo e do vínculo estreito, seguro e acolhedor dos pais ou cuidadores e seguir na direção da diferenciação e fortalecimento do ego, enfrentar o mundo distanciando-se da família e partindo para sua própria jornada.

Nesse contexto surge a tensão e aparece o medo, porque se por um lado é preciso atender ao chamado do ego na busca do desenvolvimento da consciência, por outro lado há o desconhecido, a fragilidade de uma consciência

ainda incipiente e com o temor de enfrentar os conteúdos instintivos e inconscientes.

Na categoria Imaginário e Projeções do Futuro, os meninos e as meninas não apresentaram diferenças significativas. Entretanto, foi uma das categorias com maior produção de desenhos com imagens do medo. Dessa forma, reafirma ser da natureza da criança preocupar-se com o futuro, pois o olhar e o desejo da criança estão direcionados para o futuro. Nessa categoria, o medo da morte teve um número expressivo de desenhos entre os meninos e as meninas. As crianças, por um lado, representaram o medo real da morte, que faz parte do contexto social em que vivem, e, por outro lado, representaram também as mortes simbólicas, que são as transições necessárias (mas não menos temerosas) que as crianças precisam transpor no caminho para o crescimento. Algumas crianças ressaltaram o medo da morte, desenhada por algumas delas como uma figura fantasmagórica de preto com a foice na mão ameaçando pegá-las; outras, fizeram caixões representando a morte dos pais. Além dessas, outras crianças desenharam cenas com bandidos atirando e os pais feridos e caídos mortos no chão. O medo da morte sinalizado pelas crianças que estão no início da adolescência enfatiza a transição da infância para a adolescência: é a morte da criança para o nascimento do adolescente. A morte simboliza a necessidade da separação dos vínculos familiares e conhecidos.

O abandono foi outro medo com um número significativo de desenhos feitos tanto pelos meninos quanto pelas meninas. O medo salientado é o de não receberem mais os cuidados e acolhimentos dos pais, de sentirem-se desamparadas, sem ninguém para cuidá-las e que lhes dê segurança para sobreviverem. A teoria junguiana e os estudos na Neurobiologia apontam para a importância da relação dialética dos relacionamentos interpessoais no desenvolvimento humano, da relação da criança com seus cuidadores e do papel fundamental destes na regulação das emoções. As crianças mostraram a relevância de um vínculo que lhes dê segurança e de sentirem-se amadas na relação com os pais ou cuidadores. Dessa forma, as crianças enfatizam a importância de um vínculo seguro na relação com os pais ou cuidadores, não

apenas no início do seu desenvolvimento, mas também nesse momento, quando é fundamental as crianças sentirem os vínculos parentais como continentes, com a presença dos pais orientando as crianças, atendendo às suas necessidades e acolhendo suas inseguranças e seus medos. Os pais agora, assim, agem como mediadores, se mantendo entre o acolher e o proteger, mas também promovendo e incentivando o crescimento.

O medo do futuro aparece como um medo contemporâneo entre os meninos e as meninas. As crianças sentem medo de ficarem desconectadas e de acabar a internet no mundo e do computador pegar fogo, medos que transformam as comunicações, os jogos, as brincadeiras, as histórias e os sonhos.

Em relação às idades, na categoria de Seres e Situações Concretas, a faixa etária entre os seis e os sete anos mostrou um aumento no número de desenhos. Depois, entre os oito e os dez anos, há uma diminuição na produção dos desenhos das crianças. Finalmente, aos onze anos, ocorre uma elevação no número de desenhos. As crianças aos seis e sete anos ainda estão mais ligadas aos conteúdos instintivos. Depois, com o crescimento, é natural um afastamento das crianças da natureza mais instintiva; a escola amplia seu universo com novas descobertas e novos temas a serem explorados, sendo que isso se reflete na produção dos desenhos. Entretanto, aos onze anos, o número de desenhos volta a aumentar, sugerindo que os jovens adquirem maior consciência do seu papel social, que estão afastados da natureza mais instintiva e que os medos ficam mais ligados ao que acontece ao seu redor.

Na categoria de Seres Fantásticos e Sobrenaturais quanto à idade, na faixa entre os seis e sete anos há um aumento no número de desenhos. Depois, conforme a idade aumenta, o número de desenhos tende a diminuir até os onze anos. As crianças mais jovens, no processo de alfabetização, precisam enfrentar o desconhecido fora do ambiente familiar (em geral mais protegido) e isso aumenta as tensões e os medos que estão internos e que podem ser projetados nessas imagens sobrenaturais e monstruosas. Depois, de acordo com o aumento da idade, o número de desenhos tende a diminuir, refletindo um

distanciamento dos conteúdos fantásticos e sobrenaturais, o que é natural no processo do desenvolvimento.

A categoria do Imaginário e Projeções do Futuro, em relação à idade, aponta uma diminuição no número de desenhos na faixa etária entre os seis e os sete anos. Entre os oito e os dez anos, há um aumento na produção dos desenhos. Nos onze anos, existe uma queda no número de desenhos. As crianças, aos seis e sete anos, em geral, estão voltadas para o processo de aprendizagem; portanto, a atenção está voltada para esse processo que exige mais das capacidades cognitivas, sendo natural que se distanciem das projeções do futuro.

Observamos que as crianças até os dez anos, nas categorias Seres e Situações Concretas e Seres Fantásticos e Sobrenaturais, diminuem a produção dos desenhos e que na categoria Imaginário e Projeções do Futuro há um aumento no número de desenhos.

As crianças aos onze anos, em relação aos seis e aos sete anos, nas categorias Seres e Situações Concretas e Seres Fantásticos e Sobrenaturais, diminuem o número de desenhos. Já na categoria Imaginário e Projeções do Futuro, elas aumentam a produção dos desenhos. As crianças nessa idade no início da adolescência evidenciam as características da transição para a adolescência. Nessa fase, assinalam uma mudança cognitiva com o surgimento de novas e mais complexas capacidades, que os levam a refletir mais sobre seu papel na sociedade, pois é preciso que as crianças se adaptem aos novos padrões sociais e integrem seu mundo interno com o mundo que os rodeia.

Em relação às escolas, a maior produção de desenhos foi da escola pública. Pressupomos que a escola pública, com recursos pedagógicos mais restritos, utiliza mais os desenhos em suas atividades do que a escola particular que, ao contrário, em geral, disponibiliza mais recursos para suas atividades pedagógicas.

Na categoria de Seres e Situações Concretas, a produção de desenhos entre as escolas não apresentou diferenças significativas. Em relação à categoria de Seres Fantásticos e Sobrenaturais, a escola pública indicou maior

número de desenhos que a escola particular. Supomos que o acesso e o limite de uso aos filmes e *games* com seres fantásticos e sobrenaturais das crianças da escola pública sugerem menos controle dos pais ou cuidadores em relação às crianças da escola particular.

A categoria Imaginário e Projeções do Futuro indicou que a escola particular apresentou o maior número de desenhos que a escola pública. Os medos dessa categoria que foram enfatizados pelas crianças estão relacionados principalmente com a morte advinda de assaltos na própria casa, nas ruas e até na escola; de roubos e de balas perdidas. As crianças da escola pública estão inseridas em um contexto da sociedade no qual transparece um medo que surge em qualquer esquina, dentro das casas e até mesmo na escola. É um medo de balas perdidas no confronto da polícia com assaltantes, que invadem os espaços que deveriam dar segurança e tranquilidade. Essas crianças, em geral, moram ao redor da escola, em residências simples que não despertam atenção dos assaltantes, que podem, ainda, ser seus vizinhos. As crianças da escola particular, que, em geral, têm uma situação econômica mais privilegiada, moram em condomínios fechados e vigiados, locomovem-se em carros, alguns até blindados, e o medo dos assaltos e assaltantes é mais expressivo; a realidade dessas crianças, portanto, é diferente das crianças da escola pública.

O método de amplificação simbólica neste estudo permitiu a compreensão dos símbolos das imagens dos medos nos desenhos das crianças. As associações, analogias e comparações com mitos, lendas, contos de fadas e brincadeiras são entendidos como universais e coletivos, mas abriram espaço para o estudo das representações individuais das crianças, considerando a cultura e a sociedade em que elas estão inseridas.

A proposição da pesquisa foi colaborar na busca para conhecer quais medos as crianças apresentam e como evoluem. Uma proposta de continuação para uma futura pesquisa poderá ser a construção de um teste que avalie os medos em crianças e que pudesse medir a evolução da representação do medo, com o propósito de avaliar se os medos apresentados pela criança são

compatíveis com os conflitos que a criança enfrenta ao longo do seu desenvolvimento.

Por fim, podemos concluir que o medo instiga para a prospecção da psique, pois traz os temores e as inseguranças, apontando para uma nova fase na trajetória do desenvolvimento. Dessa maneira, o medo parece ser inerente ao desenvolvimento do nascimento à morte. Na parábola da vida, no início temos o medo da vida, de sair da indiferenciação e da inconsciência para ir em direção à ampliação da consciência. No fim, temos medo novamente de entrar em contato com o invisível e incognoscível medo da morte. O aspecto prospectivo da Psicologia Analítica permite, na prática clínica, a busca do significado da emoção do medo. A compreensão dos símbolos permitirá o reconhecimento dos "monstros e fantasmas", que poderão estar reprimidos ou disfarçados em dificuldades e transtornos e que precisam ser compreendidos nos seus conteúdos inconscientes, para favorecerem o desenvolvimento da psique.

O processo da pesquisa segue um caminho que, a cada ponto, parece uma chegada, e, como dito por Guimarães Rosa, "[...] o real não está nem na saída nem na chegada; ele se dispõe para a gente é no caminho da travessia [...]." (ROSA, 2005, p. 80).

## 9. REFERÊNCIAS

ARAUJO, C. A. A relação pais-filhos: a tecnologia a serviço do afeto. In: CONGRESSO LATINO DE PSICOLOGIA JUNGUIANA, 7., 2015, Buenos Aires. **Anais...** Buenos Aires: CLAPA, 3-6 junho 2015. Não paginado.

ARAUJO, C. A. Novas ideias em resiliência. **Revista Hermes**, São Paulo, n. 11, p. 85-107, 2006.

ARAUJO, C. A. Psicologia Analítica. In: ASSUMPÇÃO JR, F. B.; KUCZYNSKI, E. **Tratado de psiquiatria da infância e da adolescência**. São Paulo: Atheneu, 2012.

ARAUJO, C. A. Resiliência ontem, hoje e amanhã. In: ARAUJO, C. A., MELLO, M. A., RIOS, A. M. G. **Resiliência: teoria e práticas de pesquisa em psicologia**. São Paulo: Ithaka, 2011.

ARNHEIM, R. **Arte & percepção visual: uma psicologia da visão criadora**. São Paulo: Cengage Learning, 1980.

ASSUMPÇÃO JR., F. AMORIM. A criança, o adolescente e os meios de comunicação. In: ASSUMPÇÃO JR., F. B.; KUCZYNSKI, E. **Tratado de psiquiatria da infância e da adolescência**. São Paulo: Atheneu, 2012.

ASSUMPÇÃO JR., F. B.; KUCZYNSKI, E. **Tratado de psiquiatria da infância e da adolescência**. São Paulo: Atheneu, 2012.

BAUMAN, Z. **Medo líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BONDER, N. **Portais secretos: acessos arcaicos à internet**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

BOWLBY, J. **Apego: A natureza do vínculo**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

BRANDÃO, J. **Mitologia grega**. São Paulo: Vozes, 2004. v. 1.

BRANDÃO, J.S. **Mitologia grega**. São Paulo: Vozes, 1987. v. 2.

BYINGTON, C. A. B. **Psicologia simbólica junguiana**. São Paulo: Linear B, 2008.

CAMPBELL, J. **Mito e transformação**. São Paulo: Ágora, 2008.

CAMPBELL, J. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1995. Escrito com o apoio de Bill Moyers.

- CARTER, R. **O livro do cérebro**. Rio de Janeiro: Agir, 2012.
- CASCUDO, L. C. **Contos tradicionais do Brasil**: para jovens. São Paulo: Global, 2006.
- CASCUDO, L. C. **Dicionário do folclore brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1972.
- CASCUDO, L. C. **Geografia dos mitos brasileiros**. São Paulo: Global, 2002.
- CHEVALIER, J; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, cores, números. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.
- CIRLOT, J. E. **Dicionário de símbolos**. São Paulo: Moraes, 1984.
- COZOLINO, L. **The Neuroscience of Human Relationships**. New York: W.W. Norton & Company, 2014.
- DALGALARRONDO, P. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- DAMÁSIO, A. **E o cérebro criou o homem**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- DAMÁSIO, A. **O erro de Descartes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- DAMÁSIO, A. **O mistério da consciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- DARWIN, C. **A expressão das emoções no homem e nos animais**. São Paulo: Schwarcz, 2013.
- DELUMEAU, J. **História do medo no ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1978.
- ELIADE, M. **Imagens e símbolos**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- FREITAS-MAGALHÃES, A. **O código do medo**. Alfragide: Leya, 2014.
- FURTH, M. G. **O mundo secreto dos desenhos**: uma abordagem junguiana da cura pela arte. São Paulo: Paulus, 2004.
- HAMMER, E. F. **Aplicações clínicas dos desenhos projetivos**. Rio de Janeiro: Interamericana, 1981.
- HAULE, J. R. Ritual and Consciousness in the Historical Era. In: **Evolution and Archetype**. New York: Routledge, 2011. (Jung in the 21<sup>st</sup> Century, v. 1). p. 242-257.

HOLLIS, J. **Os pantanais da alma**: nova vida em lugares sombrios. São Paulo: Paulus, 1998.

HOLLIS, J. **Sob a sombra de Saturno**: a ferida e a cura dos homens. São Paulo: Paulus, 2004.

HOUAISS, Antonio (Ed.). **Dicionário eletrônico Houaiss de língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013. 1 CD-ROM. Não paginado.

IBGE. Análise dos resultados. In: \_\_\_\_\_. **Pesquisa nacional de saúde do escolar 2012**. Rio de Janeiro, 2012. Não paginado. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/pense/2012/comentarios.pdf>>. Acesso em: 2 abr. 2016.

IRMÃOS GRIMM. **Contos de fadas**. Belo Horizonte: Villa Rica, 1994. (Grandes obras da cultura universal, v. 16).

JACOBY, J. **A psicologia de C. G. Jung**: uma introdução às obras completas. Petrópolis: Vozes, 2013.

JACOBY, M. **Psicoterapia junguiana e pesquisa contemporânea com crianças**. São Paulo: Paulus, 2010.

JAFFÉ, A. O homem e seus símbolos. In: **O simbolismo nas artes plásticas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

JUNG, C. G. **A energia psíquica**. Petrópolis: Vozes, 2013a. (Obras Completas, v. 8/1).

JUNG, C. G. **A natureza da psique**. Petrópolis: Vozes, 2012a. (Obras Completas, v. 8/2).

JUNG, C. G. **A prática da psicoterapia**. Petrópolis: Vozes, 2013b. (Obras Completas, v. 16/1).

JUNG, C. G. **Aion**. Petrópolis: Vozes, 2011a. (Obras Completas, v. 9/2).

JUNG, C. G. **Civilização em transição**. Petrópolis: Vozes, 2013c. (Obras Completas, v. 10/3).

JUNG, C. G. **Memórias, sonhos, reflexões**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1963.

JUNG, C. G. **O desenvolvimento da personalidade**. Petrópolis: Vozes, 2013d. (Obras Completas, v. 17).

JUNG, C. G. **O espírito na arte e na ciência**. Petrópolis: Vozes. 1985.

- JUNG, C. G. **O eu e o inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 2012b. (Obras Completas, v. 7/2).
- JUNG, C. G. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- JUNG, C. G. **O símbolo da transformação na Missa**. Petrópolis: Vozes, 2011b. (Obras Completas, v.11/3).
- JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2013e. (Obras Completas, v. 9/1).
- JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2013f. (Obras Completas, v. 9/2).
- JUNG, C. G. **Presente e futuro**. Petrópolis: Vozes, 2013g. (Obras Completas, v. 10/1).
- JUNG, C. G. **Psicogênese das doenças mentais**. Petrópolis: Vozes, 2011c. (Obras Completas, v 3).
- JUNG, C. G. **Psicologia do inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 2013h. (Obras Completas, v. 7/1).
- JUNG, C. G. **Seminários sobre sonhos de crianças: Sobre o método da interpretação dos sonhos**. Interpretação psicológica de sonhos de crianças Petrópolis: Vozes, 2011d.
- JUNG, C. G. **Símbolos de Transformação**. Petrópolis: Vozes, 1986. (Obras Completas, v. 5).
- JUNG, C. G. **Tipos psicológicos**. Petrópolis: Vozes, 2011e. (Obras Completas, v. 6).
- JUNG, C. G. **Um mito moderno sobre coisas vistas no céu**. Petrópolis: Vozes, 2011f. (Obras Completas, v. 10/4).
- JUNG, C. G. **Vida simbólica**. Petrópolis: Vozes, 2013i. (Obras Completas, v. 18/1).
- KELLOGG, R. **Analyzing Children's Art**. Palo Alto: Mayfield Publishing Company, 1970.
- KLEPSCH, M.; LOGIE, L. **Crianças desenharam e comunicam: uma introdução aos usos projetivos dos desenhos infantis da figura humana**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.
- KNOX, J. **Archetype, Attachment, Analysis: Jungian psychology and the emergent mind**. London: Routledge, 2003.

KNOX, J. The Relevance of Attachment Theory to a Contemporary Jungian View of the Internal World: Internal Working Models, Implicit Memory and Internal Objects. **Journal of Analytical Psychology**, [S.I.], v. 44, p. 511-530, 1999.

LA FONTAINE, Jean de. **Fábulas de La Fontaine**. Tradução de Milton Amado e Eugênio Amado. Belo Horizonte: Itatiaia, 1989.

LOIOLA, Rita. Entenda por que gostamos de sentir medo. **Galileu**, São Paulo, [2013?]. Não paginado. Disponível em: <<http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI113919-17579-1,00-ENTENDA+POR+QUE+GOSTAMOS+DE+SENTIR+MEDO.html>>. Acesso em: 19 mar. 2016.

LOWENFELD, V. **A criança e sua arte**. São Paulo: Ed. Mestre Jou, 1977.

LOWENFELD, V.; BRITAIN, W. L. **Desenvolvimento da capacidade criadora**. São Paulo: Ed. Mestre Jou, 1970.

LUKESCH, A. **Mito e vida dos índios caiapós**. São Paulo: Edusp, 1976.

MANCIA, M. Implicit Memory and Early Unrepressed Unconscious: Their Role in the Therapeutic Process (how the Neurosciences can contribute to Psychoanalysis). **International Journal of Psychoanalysis**, n. 87, p. 83-103, fev. 2006.

MELO NETO, João Cabral de. **Terceira feira**. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1961.

MÈREDIEU, F. **O desenho infantil**. São Paulo: Cultrix, 2006.

NASCIMENTO, R. S. G. F. do. **Sistema Compreensivo do Rorschach**: teoria, pesquisa e normas para a população brasileira. São Paulo: Ed. Casa do Psicólogo, 2010.

NEUMANN, E. **História da origem da consciência**. São Paulo: Cultrix, 1995.

PANKSEPP, J.; BIVEN, L. **The Archaeology of Mind**: Neuroevolutionary Origins of Human Emotions. New York: Norton, 2012.

PENNA, E. M. D. **O processamento simbólico-arquetípico**: pesquisa em psicologia analítica. São Paulo: Educ Fapesp, 2014.

PHILIP, N. **O livro ilustrado dos mitos**: contos e lendas do mundo. São Paulo: Marco Zero, 1996.

PICASSO, Pablo. [ANTES eu desenhava...]. In: MÈREDIEU, F. **O desenho infantil**. São Paulo: Cultrix, 2006.

RAMOS, D. G. et al. **Os animais e a psique**: baleia, carneiro, cavalo, elefante, lobo, onça, urso. São Paulo: Summus, 2005.

RIOS, A. M. G. O entretimento da experiência vivida, memória e fantasia na construção da narrativa autobiográfica de crianças. 2015. 283 p. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica)–Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2015.

SANFORD, J. A. **Mal**: o lado sombrio da realidade. São Paulo: Paulus, 1988.

SHAMDASANI, S. **Jung e a construção da psicologia moderna**. São Paulo: Ideias&Letras, 2006.

SHORE, A. N. **The Science of Art of Psychotherapy**. New York: Norton, 2012.

SHORE, A.N. Modern attachment theory: The central role of affect- regulation in development and treatment. **Clinical Social Work Journal**, [S. l.]: Springer, v. 36, p. 9-20, 2008.

SIEGEL, D. J. **A mente em desenvolvimento**. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

STEIN, M. **Jung**: mapa da alma. São Paulo: Cultrix, 2006.

STERN, N. D. **A constelação da maternidade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

TARDIVO, L. S. L. P. C. Derivações do procedimento de desenhos-estórias: atendimentos em grupo. In: TRINCA, W. (Org.). **Procedimento de desenhos-estórias**: formas derivadas, desenvolvimentos e expansões. São Paulo: Vetor, 2013.

TRINCA, W. **O procedimento de desenhos-estórias**: formas derivadas, desenvolvimento e expansões. São Paulo: Vetor, 2013.

VIDAL, Lux Boelitz. **Morte e vida de uma sociedade indígena brasileira**. São Paulo: Hucitec-Edusp, 1977.

VILHENA, et al. Medos infantis, cidade e violência: expressões em diferentes classes sociais. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-56652011000200011](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652011000200011)>. Acesso em: 6 fev. 2016.

VON FRANZ, M. L. **A individuação nos contos de fada**. São Paulo: Paulinas, 1984.

VON FRANZ, M. L. **A interpretação dos contos de fada**. São Paulo: Paulinas, 1990.

- VON FRANZ, M. L. **A sombra e o mal nos contos de fada**. São Paulo: Paulinas, 1985.
- VON FRANZ, M. L. **Animus e anima nos contos de fadas**. Campinas: Verus, 2010.
- VON FRANZ, M. L. **Mitos de criação**. São Paulo: Paulus, 2003.
- VON FRANZ, M. L. **O caminho dos sonhos**. São Paulo: Cultrix, 1997.
- VON FRANZ, M. L. **Puer Aeternus**: a luta do adulto contra o paraíso da infância. São Paulo: Paulus, 2011.
- WAHBA, L. L. Arte e cultura. **Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica**, São Paulo, v. 30, p. 73-78, 2008.
- WATT, D. F. Psychotherapy in an Age of Neuroscience: Bridges to Affective Neuroscience. In: CORRIGALL, J; WILKINSON, H. (Ed.) In: **Revolutionary connections**: Psychotherapy and Neuroscience. London: Karnac, 2003. p. 79-115.
- YI-FU, Tuan. **Paisagens do medo**. São Paulo: Unesp, 2005.

## 10. ANEXOS

### **ANEXO A**

#### **CARTA DE AUTORIZAÇÃO DO PARTICIPANTE SOBRE A PESQUISA**

A presente pesquisa tem por objetivo investigar a representação da imagem do medo no desenvolvimento infantil.

Será desenvolvida a partir da análise de um desenho e seu relato, a ser pedido para a criança durante o próprio horário escolar. Pede-se às crianças um desenho com a instrução: "O que dá medo para você?". Os dados que contextualizam a criança serão anotados no verso do desenho.

Será fornecida uma folha de papel sulfite com material gráfico: lápis preto e lápis de cor. Não haverá instrução específica quanto ao tipo de material gráfico a ser utilizado nem quanto à posição da folha.

As crianças escolhidas para desenhar estarão na faixa de 6 a 11 anos.

O desenho será aplicado junto com a própria professora, o que reduzirá a perturbação na rotina das crianças.

A pesquisa será parte de uma Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Tratando-se da análise de desenho para a realização da pesquisa, será utilizado o método documental, que não oferece qualquer risco à população envolvida.

O colaborador terá acesso aos resultados da pesquisa, sempre que solicitar.

Garante-se a confidencialidade e o sigilo do material pesquisado, bem como a não identificação dos colaboradores da pesquisa.

A pesquisadora compromete-se a conversar sobre os resultados da pesquisa e a retribuir o favor prestado disponibilizando-se para uma palestra sobre o assunto, caso a escola solicite.

Ceres Alves de Araujo  
Pesquisadora Responsável

Maria Teresa Corbucci Caldeira Nasi  
Pesquisadora Interventora

## **ANEXO B**

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Pelo presente instrumento, que atende às exigências legais, o(a) senhor(a) \_\_\_\_\_, responsável pela escola \_\_\_\_\_, onde estudam os participantes da pesquisa, após a leitura da CARTA DE INFORMAÇÃO AO PARTICIPANTE DA PESQUISA, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO de concordância em participar da pesquisa proposta. Fica claro que o participante da pesquisa pode, a qualquer momento, retirar seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO e deixar de participar do estudo alvo da pesquisa, e fica ciente que todo trabalho torna-se informação confidencial guardada por força do sigilo profissional.

São Paulo, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 201\_

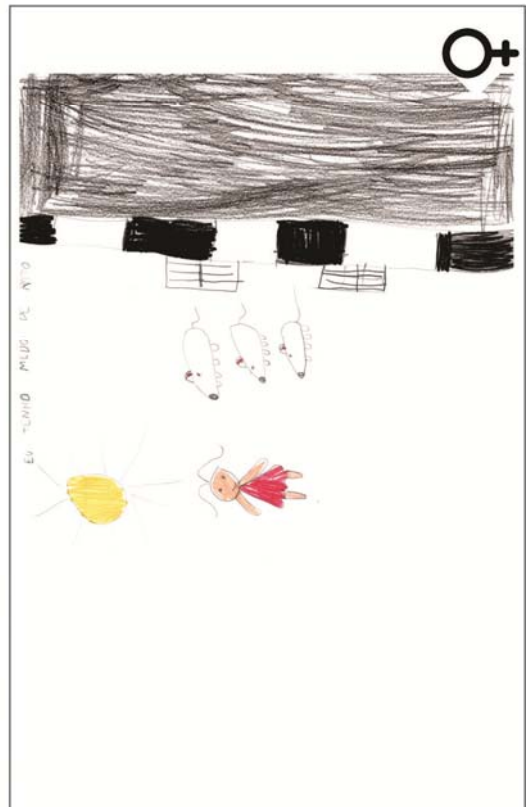
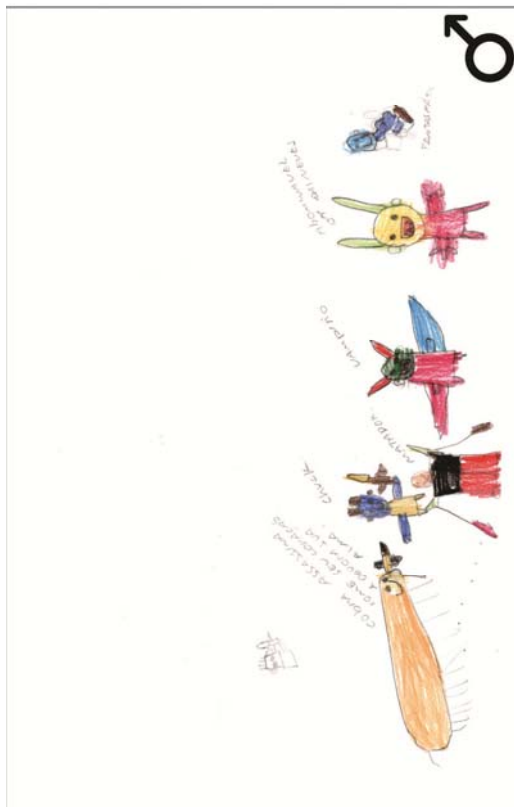
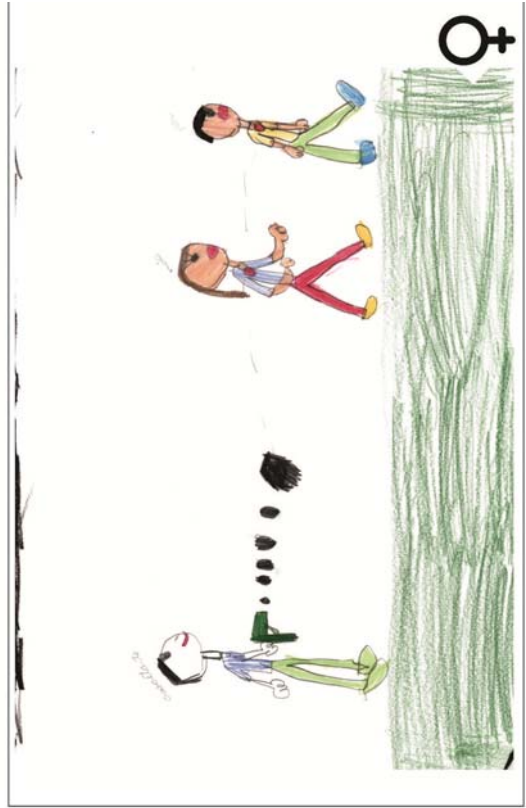
---

Assinatura do Colaborador

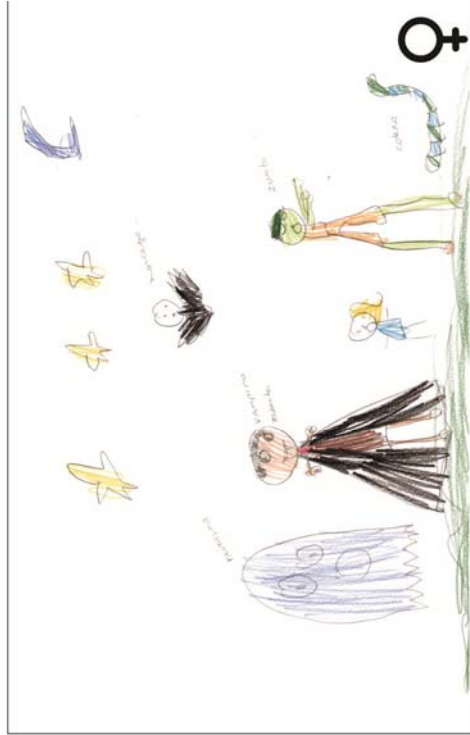
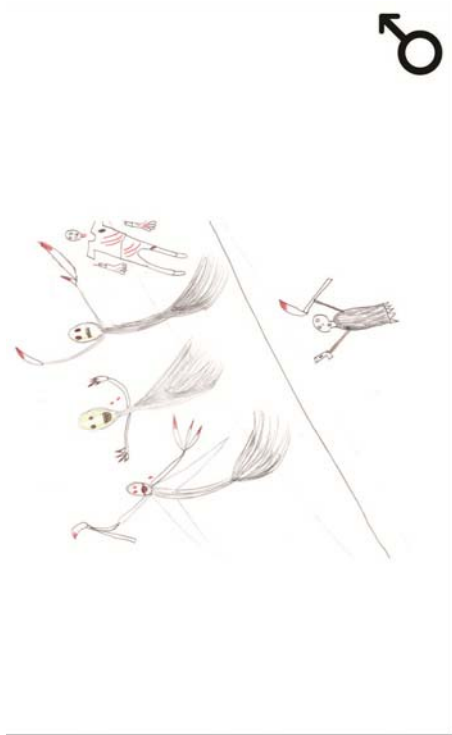
## **ANEXO C**

### **DESENHOS**

6 ANOS



7 ANOS



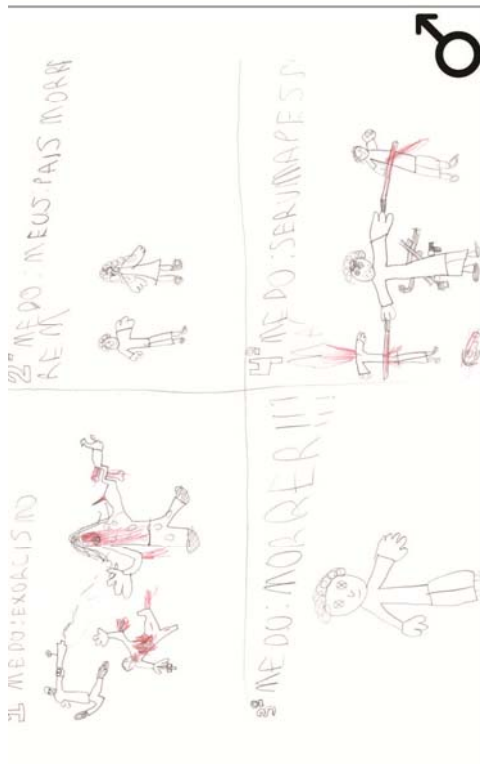
8 ANOS



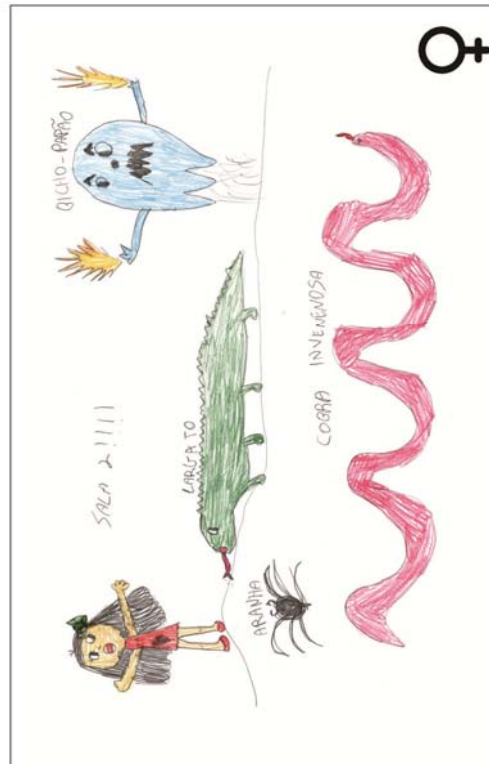
♂



♀

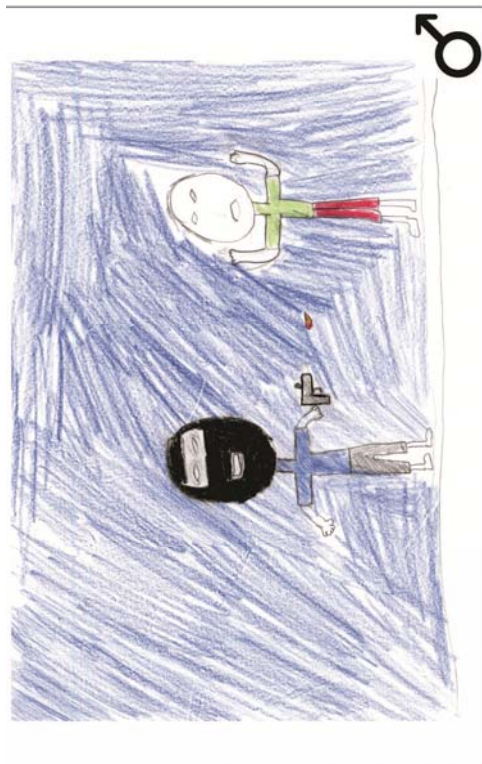


♂



♀

9 ANOS



10 ANOS



11 ANOS

